

Hoje a lista completa

Quem ganhou o quê no nosso concurso

O «Concurso «DL»/81» não se resumia aos prémios atribuídos a 60 dos nossos leitores e a que ontem demos particularmente relevo. Os próprios vendedores, em número de dez, foram contemplados no sorteio a que procedemos, há dois dias, nas nossas instalações da Rua Luz Soriano.

Foi o caso da Tabacaria Dália, na Rua de Campolide, em Lisboa, cujo proprietário, desse modo, ficou com um televisor a cores, de 51 centímetros, no valor aproximado de meia centena de contos. Mas também dois vendedores de Oeiras e Setúbal arrecadaram, respectivamente, um frigorífico e um electrofone estereofónico daquela mesma marca. De leitores e vendedores premiados publicamos hoje a lista completa.

Págs. 4 e 5.



O «Estola», um dos vendedores premiados

Caixa Geral de Depósitos:

Processo das «luvas» seguiu para tribunal

Pág. 8

A pretexto do discurso do Fundão

Eanes e PSD outra vez em guerra

A pretexto de um discurso no Fundão e de uma entrevista a um jornal português onde Eanes fala de perigos para a democracia, recusa a «submissão institucional» do PR e sugere abertura a nova corrida para Belém em 1990, a comissão política do PSD tornou público um extenso comunicado em que manifesta «as mais sérias reservas» a tais declarações.

Para aquele órgão dirigente do principal partido da AD, o Chefe de Estado assumiu «uma atitude de desconfiança e até de hostilidade à democracia representativa de base partidária». Pergunta ainda o PSD que apoios pensa ter Ramalho Eanes para eventual recandidatura em 1990 dado o «distanciamento soberano que vem assumindo em relação aos actuais partidos políticos».

Recorde-se que, no Fundão, Eanes disse ainda estar atento às promessas que outros fizeram em tempo eleitoral e garante que cumprirá as suas.

Pág. 6



Henrique de Barros abandona o PS

Pág. 24

Israel critica Mubarak

As declarações do presidente egípcio Hasni Mubarak sobre a autonomia palestina provocaram em Israel vivas preocupações do Governo Begin, e críticas da imprensa israelita. Numa reacção em catadupa, vários jornais de Israel criticam Mubarak e exprimem a sua desconfiança para com os EUA. Págs. centrais

Cavalões de Tróia calam «3.º anel»

Tinha sido o empate, por obra e graça da coligação Pietra-Gabriel, a única que funcionou dentro da selecção portuguesa de futebol. O guarda-redes sueco Thomas Ravelli ainda procurou (surripiada a bola de dentro do véu da noiva) deslizar para a pequena área, mas Nené estava atento e, como lhe foi possível, travou a manigância do nosso visitante, um dos moços vindos lá de terras nórdicas para abastecer-se de sol, praia, ar puro e amor nas doces praias de Tróia. Reportagem do desaire do futebol luso e de toda a 4.ª-feira europeia por Eugénio Alves, Neves de Sousa e Rodrigues Borges

páginas 17 a 19



Nobel da Literatura para Elias Canetti

O Prémio Nobel de Literatura de 1981 foi atribuído ao fim da manhã de hoje a Elias Canetti, nascido na Bulgária e titular de um passaporte britânico. Elias Canetti, que é o septuagésimo oitavo laureado com este prémio, foi recompensado pela Academia sueca «pela sua obra literária caracterizada pela vastidão das suas perspectivas, pela riqueza das ideias e pelo vigor artístico».

Hoje há «Ler/Escrever»

No nosso suplemento «Ler/Escrever» de hoje, além de numeroso noticiário literário, fala-se de Vieira da Silva, Nicolas Gillen, Soeiro Pereira Gomes, D. Quixote, etc. Colaboram Jean Marie Dunoyer, Eugénio Alves, António Cabral, Mário Cláudio, Carlos Selva Yero e ainda um poema inédito de Fernando J. B. Martinho.

Houve crime na morte da jovem Irene?

Proxeneta suspeito detido em Aveiro

Pág. 9

O programa Sinais dos Tempos na RTP 2

2 — Transepto ou igreja?

Toda esta engenhosa leitura do corpo das naves como «espaço funerário» culmina na leitura do Transepto (o Cruzeiro e dois braços/capelas, Norte e Sul) como o verdadeiro «espaço cultural» — a igreja!

Para lá da estranheza que nos causa o facto de se imaginar uma igreja, nos princípios do século XVI, orientada N/S e não E/W como seria de esperar, atendendo à tradição medieval continuada pelas igrejas manuelinas e inclusive nas capelas de S. Jerónimo e do Santo Cristo, na cerca do Mosteiro, coevas do mesmo, ainda mais nos espanta a afirmação de que no lugar da capela/braço Sul do Transepto (a coisa que por último se construiu no edifício) existiria o portal da igreja, «porventura ainda mais amplo que o actual Portal Sul»!!! (Há coisas que nem na lógica do prof. M. Atanázio entendemos: então se o actual Portal Sul, pela sua proximidade da praia, poderia ver-se invadido pelas marés-vivas — de tal há notícia quanto à Madre de Deus, mas não quanto aos Jerónimos que tinha longa praia à sua frente, como se vê em desenhos e pinturas do século XVII —, um portal no lugar do braço Sul do Transepto não ficava ainda mais próximo da linha da margem do rio?!)

O prof. M. Atanázio tenta assentar as suas «hipóteses de trabalho» no facto da maior altura do transepto face às naves e na magnificência da respectiva abóbada («parece céu estrelado», «via láctea»), com o fito de corroborar a existência deste «espaço cultural», de nave única, separado do «sarcófago do rei» pela «cortina, parede» que constituiriam os grossos pilares tetralobados, ponto de descarga simultânea da abóbada nas naves e da abóbada do cruzeiro. Todavia, tal leitura nada tem que a sustente: não terá pensado o prof. M. Atanázio que se se retirasse o braço/capela Sul do Transepto, a abóbada que descarrega sobre o arco de abertura dessa capela (tomando esta, assim, o papel de contraforte) obrigaria ao desabamento do muro ou, pelo menos, não aconselharia a fragilização da parede pela abertura de um portal? De resto, seria a primeira vez que se veria uma igreja manuelina em que a abóbada descarregasse quer sobre o arco triunfal da capela-mor (que na «hipótese» do prof. é o braço/capela Norte) quer sobre a parede onde se abria o arco do portal principal. Pelo contrário, quer nos arcos que abrem para as naves, quer no que abre para a verdadeira e actual capela-mor se previram genialmente as descargas compensadas nos pilares ou contrafortes exteriores, segundo o sistema de alintelamento, reintroduzido pelo manuelino (sobrecarga dos pesos verticais — as paredes engrossam à medida que sobem — para permitir a saliência das mísulas sobre as quais assentam os arranques das abóbadas, tornando desnecessários os arcos torais).

Aliás, no próprio corpo do cruzeiro existem arranques semelhantes aos da abóbada das naves que se encontram interrompidos pela actual abóbada e que nos fazem pensar se não houve intenção primitiva de construir uma abóbada semelhante à do corpo das naves, intenção abandonada por Castilho, que lhe preferiu, em 1522, a finalmente adoptada e que segue um modelo do norte e centro europeus, em contraste com a sugestão arabizante da das naves. Mas o prof. M. Atanázio não fala destes «pormenores», preferindo-lhes as incongruências exteriores da Capela/braço Sul do Transepto,

sem ter verificado se as mesmas existem no braço Norte, e afirma peremptoriamente que os púlpitos do arco triunfal não são do tempo de D. Manuel, «nem da mesma factura material e estrutural»! O não serem do tempo da vida do monarca não nos deve espantar, já que a abóbada do Cruzeiro só foi fechada um ano após a morte do rei; resta perguntar de que época serão, pois que o «tardio» com que o prof. arruma estes casos difíceis vai desde a morte de D. Manuel aos finais do século passado...

M. Atanázio termina a sua «leitura» do «Transepto-que-afinal-é-a-igreja», colocando a primitiva capela-mor no lugar da Capela/braço Norte do Transepto, «dado que a actual capela-mor se construiu por a primitiva ser curta e estreita». Ora aqui é que nos parece que as fontes em que o prof. M. Atanázio poderia ter lido esta última alusão não foram positivamente lidas: Frei Jacinto de S. Miguel, no século XVIII, na esteira de

Fernando Antônio Baptista Pereira

no Claustro ou sobre a ribeira dos Pocinhos que a referida ponte era suposta vencer, além de nos obrigar a fazer recuar o chafariz e a ponte várias dezenas de metros para o norte, contra todas as evidências iconográficas e documentais disponíveis.

O Claustro: um teatro!!!

Aqui entramos no delírio de imaginação: completando este «complexo», que já envolvia um «sarcófago» (em próximo programa seremos, por certo, brindados com o achado da pirâmide de Belém) e um «espaço cultural», nada menos do que um palácio, que afinal não chegou a ser construído, e uma sala de espectáculos — o claustro!! (Nem Krus Abecassis se lembraria de tal!) Calcule-se: os grandes mestres

guntar ao prof. M. Atanázio quais são os cronistas e onde se referem ao palácio cujas obras D. João III queria continuar em Belém, já que consideramos irrelevante para a compreensão do Claustro a utilização, ridiculamente referida («reuniões», «piqueniques»), desse espaço pelo rei, nos séculos XVIII e XIX, após os ofícios religiosos, a que se reportarão cronistas e gravuras que o prof. M. Atanázio não identifica. Contudo, o mais grave neste programa dedicado ao Claustro, foram as afirmações respeitantes à iconografia religiosa do mesmo: chegou o prof. M. Atanázio a afirmar que, retirados os nichos «tardios» do 2.º piso (tardios de quando? encontram-se representados em gravuras anteriores aos restauros), «o que fica não é suficiente para considerar o Claustro um espaço religioso, mas muito pro-

ostentam temática não especificamente religiosa, à primeira análise (ressalvem-se as leituras acima referenciadas): ora, esses suportes iconográficos encontram-se precisamente na ala Sul (encostada à igreja), aquela que nunca poderia ser a tal «fachada» do «palácio que não foi realizado». E atenção: na ala Norte, que o prof. M. Atanázio julga ser a dita «fachada», os emblemas régios que a imagem mostrou — as letras «M» e «R» — não são o indicativo do rei — em latim, o seu nome escreve-se Emmanuel Rex, como está na esfera armilar do medalhão, que atrás provisoriamente suprimimos e que se encontra na mesma ala — mas sim de Maria Regina — Santa Maria, da invocação do Templo. Com tudo isto, o claustro é um espaço profano!!! Resta saber onde se representaria, porque um desenho anterior ao restauro mostra-nos, pelo menos, uma fonte e vários bancos e alegres, mandados azulejar pelo Cardeal D. Henrique,

sável e em que participámos, tivemos ocasião de discutir, por mais de uma vez, as suas controversas opiniões sobre o monumento em questão. Inclusive durante uma visita in loco manifestámos-lhe a larga parte das objecções que ora passámos a escrito. Então, como agora, reeditaram-se afirmações e argumentos, pese embora toda a refutação, não só da nossa parte, de que foram alvo. Estranhámos, pois, que o prof. M. Atanázio tenha insistido em tornar públicas as suas tão contestadas afirmações, com o aspecto de verosimilhança que não possuem e com a aparência de uma segurança erudita que não existe!! Ao que sabemos, a gravação para a RTP destes programas é anterior às aludidas discussões, o que está longe de justificar a irresponsabilidade, quer da parte da televisão, quer da parte dos responsáveis directos pelo programa, pelo acto da sua transmissão, meses depois, em horário nobre (21 h), para milhões de telespectadores que se encontram desarmados criticamente para sequer duvidar do que lhes estão a querer fazer «engolir» em nome da salvaguarda do nosso património artístico!! A não ser que o prof. M. Atanázio mantenha as suas opiniões sem qualquer recuo! Nesse caso esperamos a sua resposta. Especialmente pela consideração que nos merece a tradição do lugar e distinção universitários que detém: posição que já foi ocupada por nomes grandes da historiografia da arte portuguesa, como João Barreira, Mário Tavares Chicó ou Jorge Henrique Pais da Silva. A memória destes mestres (que não consideramos intocáveis) assim o exige!

NOTAS:

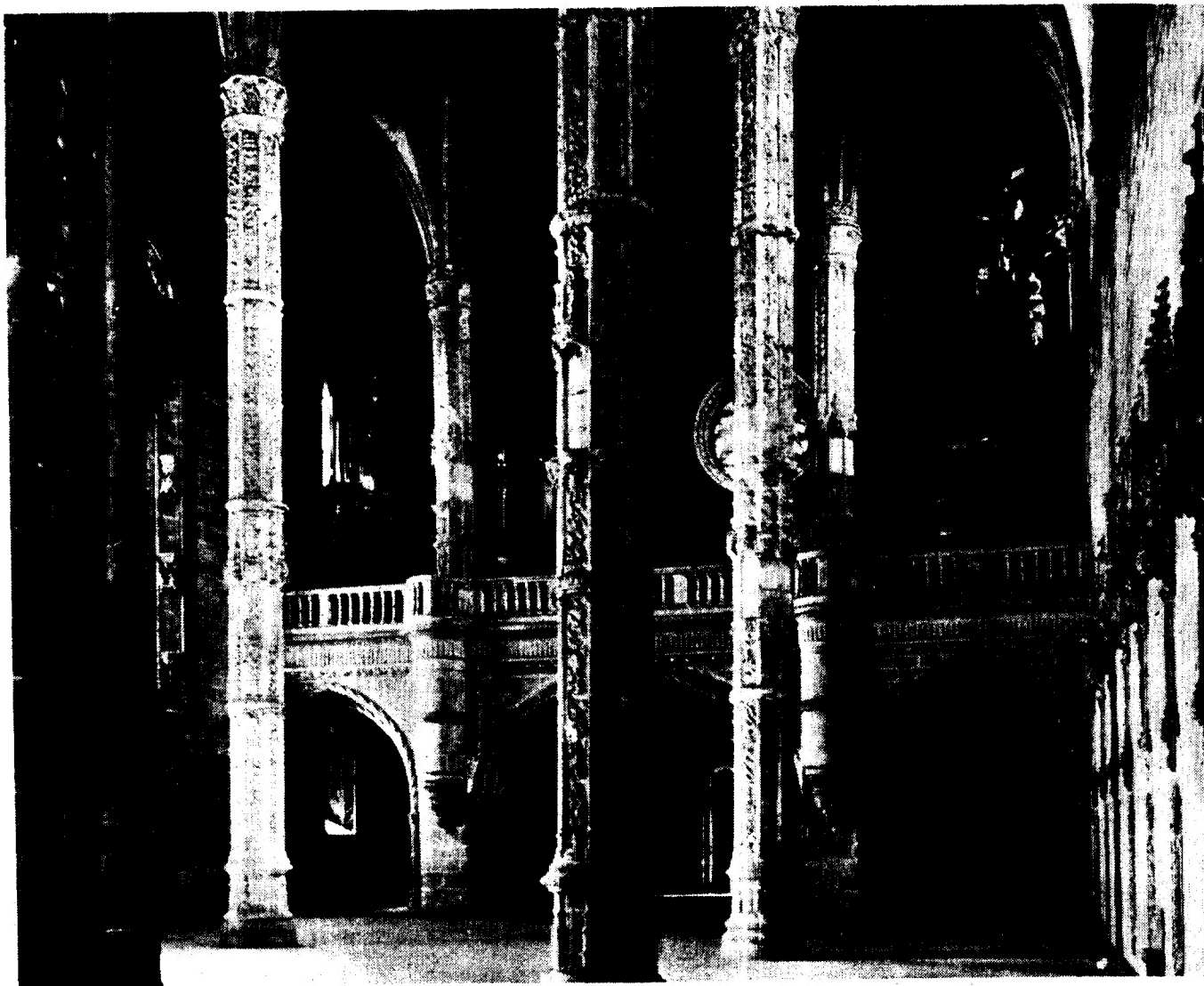
(1) Tratando-se de um filme, não garantimos a rigorosa fidelidade das citações que faremos do discurso televisivo do prof. Mendes Atanázio, pelo que, desde já, pedimos as devidas desculpas.
(2) Dadas as características de artigo de jornal deste nosso texto, dispensamos-nos do aparato erudito de referências bibliográficas que localizem as fontes das nossas informações. Elas não são de modo algum inéditas, pelo contrário, estão largamente referenciadas na bibliografia crítica a que é usual recorrer-se, no quadro de estudos sobre o monumento e período artísticos em questão, e que é, por certo, do conhecimento do prof. M. Atanázio.

(3) Mário de Sampaio Ribeiro, na obra Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de Santa Maria de Belém, Lisboa, ed. da Acad. Port. da História, 1949, afirma terem existido três igrejas no local de Belém: a ermida fundada pelo Infante D. Henrique; uma primeira igreja dos Jerónimos (segundo S.R. a «igreja velha» das referências documentais), construída entre 1499 e 1514, na sequência da doação feita por D. Manuel do local anteriormente pertencente à Ordem de Cristo; e, finalmente, a igreja que hoje vemos, construída a partir de 1516, sob a direcção de Castilho, mas segundo plano de Boitaca. Apesar de nos termos servido largamente da documentação aduzida pelo autor, aceitamos esta hipótese, por não nos parecer que os documentos analisados corroborem inequivocamente a existência de duas igrejas construídas no espaço que vai de 1502 (data provável do início da construção da actual) a 1522 (data do fechamento da abóbada do Cruzeiro por Castilho). É também de referir que, pelo menos em D. António Pinheiro (v. nota 4, a «igreja velha» é claramente identificada com a fundada por D. Henrique. Seja como for, nenhum dos elementos compulsados por M. S. Ribeiro permitem apoiar qualquer das «hipóteses» de Mendes Atanázio.

(4) Notícia da Trasladação dos Ossos..., citado nas Provas Genealógicas da Casa Real Portuguesa.

(5) O trabalho tem por título O Mosteiro de Santa Maria de Belém — aspectos de mentalidade e cultura em Portugal na era de Quinhentos e é da autoria de Paulo Pereira, Ana Cristina Leite, Manuel Augusto, Jorge Rodrigues e Cosete Correia. Em fase de revisão para publicação, este trabalho virá dar contribuições decisivas não só para a leitura imediata do monumento como para a sua inserção nas formas de mentalidade e nas correntes ideológicas do Portugal do Século XVI.

(*) Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa



outros autores anteriores (o do precursor de Belle e Fr. José de Siguença) afirma que a capela-mor primitiva foi destruída (nas razões do porquê divergem) para dar lugar à actual. Mas para nos desenganar totalmente, de João de Castilho ter tido autorização de D. Manuel para construir umas casas «atrás da Capella mor junto à ponte e Chafariz». Tanto a ponte como o chafariz estão bem documentados iconograficamente no século XVII (desenho de Baldi e pinturas de F. Lobo e D. Stoop), provando-nos que a primitiva capela-mor, de que fala o documento referente às casas de Castilho, estava no local da actual (M. de Sampaio Ribeiro, no estudo citado, chega mesmo a calcular com relativa precisão o local em que se encontrariam as casas). Na hipótese fantástica de M. Atanázio as casas de Castilho, para corresponderem às exigências do documento, teriam de situar-se na Sacristia ou

manuelinos dos Jerónimos galgaram, em cerca de trinta anos, séculos de pesquisa arquitectónica e urbanística, oferecendo-nos um exemplo, único no seu tempo, de mausoléu/templo/mosteiro/palácio/teatro, que só os nefastos ventos do destino e os horrendos propósitos dos restauradores do século XIX nos impediram de saborear. Felizmente que historiadores que se fazem «eco do segredo e do mistério», com que as obras foram construídas, no-las devolvem puras na sua concepção primitiva! Oxalá toda a arte portuguesa passe ao crivo de tão iluminada visão! Nós, porém, terrivelmente presos da tradição, empenhamo-nos na malévola destruição de tão fantásticas imagens, obrigando ao confronto com a documentação disponível (até que a inédita seja desvendada pelos especialistas) e com a lógica que deve presidir à análise da arte e da cultura na história.

E por isto que queremos per-

fano»!!! Neste ponto vemo-nos obrigados a duvidar da solidez da conhecida formação religiosa do autor. Então qual a iconografia óbvia dos quatro baixos relevos emoldurados das alas N. W. E. dos catorze medalhões das mesmas alas (excluímos provisoriamente o medalhão da esfera armilar) e de inúmeros bocetos das abóbadas das quatro alas do 1.º piso do Claustro? Nem sequer queremos entrar na riquíssima problemática da interpretação iconológica da simbólica do Mosteiro e em particular do Claustro — objecto de um trabalho realizado por um grupo de alunos nossos, que se encontra no prelo (5) — que prova à saciedade a existência de uma plissémia iconográfica, a três níveis, o da mitologia cristã, o da mística expansionista e o hermetico, em todo o Mosteiro e com particular densidade no Claustro. Para mais, os baixos relevos e medalhões não referidos por nós, na enumeração feita atrás, serão os únicos que

ocupando todo o espaço actualmente ajardinado. No mesmo desenho, reproduzido na obra citada de M. Sampaio Ribeiro, estão lá os tais nichos «tardios», com imagens e tudo, só não estão os mainéis do andar superior, cujas aberturas estão entaipadas. Num dos bocetos do vértice entre as alas N. e E. do piso superior existe uma data que documenta a conclusão dos trabalhos já na segunda metade do século XVI, o que dificulta a hipótese de M. Atanázio, segundo a qual piso térreo e piso superior teriam sido construídos todos ao mesmo tempo, com prioridade para a ala Norte!

Deixando de lado alguns detalhes que nos levaram muito longe, resta-nos uma breve explicação final.

Não foi esta a primeira vez que ouvimos opiniões semelhantes ao prof. M. Atanázio, a quem nos ligam laços de convivência universitária e até pessoal. No quadro de um Seminário para Licenciados, pelo qual foi respon-

AS DERROTAS DE LOURES

O tempo é útil em Democracia, quando é tempo de sedimentação, de organização, de reflexão, de responsabilização e de entendimento da multifacetada realidade, da diversificação dos interesses grupais e individuais, dos projectos colectivos e pessoais.

O tempo é inútil e prejudicial em Democracia quando esse tempo arrasta situações falsas, construídas contra a realidade, criando desestabilização, distorcendo os salutaros conflitos e criando à volta dos problemas centrais um sem-número de elementos secundários que evitam a análise objectiva e fazem germinar o obscurantismo e o medo.

A posse do real é a arma da democracia, todo o tempo que contribua para essa posse, é tempo democrático, todo o tempo que turve o real é tempo anti-democrático.

O tempo democrático aprofunda a esperança e o diálogo, o tempo antidemocrático transporta em si o poder absurdo, o poder pelo poder, a que as forças conservadoras na sua incapacidade total de aferir o comportamento pelo colectivo chamam de **governo forte**.

O tempo, que estamos vivendo nestes últimos meses em Portugal, é um tempo não democrático a nível de governo e das forças políticas que detêm a maioria na Assembleia da República. Por isso se entende as contradições internas da AD provocadas pelo enorme desgaste da fricção constante com o país que trabalha, que se esforça e que pensa, e também neste mesmo contexto e por iguais razões se compreende a perspetiva dos democratas que apontam para eleições antecipadas.

As eleições para a Câmara Municipal de Loures vieram trazer novas experiências e novos dados que merecem, por se tratar de experiências concretas e de dados ligados à vivência das populações, a reflexão séria de todos os democratas, com a certeza de que o produto dessa re-

Helena Cidade Moura

flexão não será o mesmo, mas com a esperança de que os caminhos diversificados sejam caminhos significativos que conduzam a uma análise coerente.

No ambiente bafiento, estufado e pouco arejado do mundo luxuoso dos factos políticos com que a AD nos tira o ar e a paciência, acontece qualquer coisa de concreto e ligado à expressão directa das populações. Estas eleições não foram no hotel X, mas nas mesas de voto, legalmente instaladas pelas populações nos locais próprios, na serenidade e na paz democrática.

Como militante dum partido que faz parte da coligação que concorreu a essas eleições, deveria talvez fazer as análises que competem aos cidadãos, já que as eleições de Loures foram provocadas pela queda «mafiosa» e maliciosa de homens sem serenidade para a participação democrática; mas a verdade é que, para além da vitória de Loures, aprez-me reflectir sobre as derrotas de Loures.

A derrota da AD é altamente significativa já que se trata de um concelho com grande parte da sua população, vivendo em zonas dormitório, insuficientemente radicada na vida local e fortemente sensibilizada para a política global.

A derrota da AD que pela 1.ª vez expressa-se na perda de 13% do eleitorado PSD+CDS, facto que exprime a não aceitação da política do Governo. Foi um voto de recusa. De recusa também a percentagem de abstenções que, sendo inferior à manifestada em 1976, deverá chamar a atenção dos partidos, que tradicionalmente se colocam junto das populações, e que entre elas nascem e progridem.

A abstenção é quanto a nós sempre um fenómeno que respeita as forças democráticas,

mesmo que a análise detalhada leve a concluir que ela representa a recusa do voto nas forças mais conservadoras e mesmo reacções.

Uma outra derrota e esta mais uma vez dolorosa para os democratas portugueses foi a derrota do PS.

Os partidos que têm a sua vitalidade própria e as suas potencialidades democráticas não cedem, como várias vezes ficou demonstrado, aos jogos dum grupo de pessoas com poder de decisão partidária. A sua própria vitalidade e as suas potencialidades não permitem mudar o sentido da escolha dos homens e mulheres que neles militam.

As bases dos partidos são forças sociais que criam os seus campos de interacção ou de repulsa, forças não domináveis pelo voluntarismo de alguns. É esse o segredo da pulsão democrática que nem o fascismo de 48 anos conseguiu quebrar, como o comprova a nossa história recente.

O PSD numa estratégia política de que o Partido Socialista se não defende, vai lentamente empurrando-o, em nome da Democracia, para um ghetto, afastando-o das forças que tradicionalmente foram e naturalmente devem ser os seus aliados.

Possivelmente mais um factor de derrota a dissolução da FRS. **Foram eventualmente frustradas algumas boas vontades que à volta da FRS tinham criado a expectativa duma dinâmica que, em vez de se fechar sobre si, procuram abrir-se à convergência, ainda que pontual, com outros democratas que com os socialistas irmanaram na luta antifascista e hoje com eles lutam pelo Portugal de Abril.** Poderia por hipótese pensar-se que em convergência, mesmo pontual, com o Partido Comunista, como partido de maior represen-

tação dessa área, levasse à vitória da Democracia.

Derrotada essa esperança, o Partido Socialista mantém-se não concluinte em política de alianças, «privilegiando a ligação às suas bases», segundo nos informam as declarações públicas de Mário Soares.

O apontar a acção directa junto das populações como actividade privilegiada dum partido democrático é quanto a nós tomar o caminho certo que serve de conduta à verdade de que a democracia se alimenta e com a qual os partidos se fertilizam.

Mas é também esse o caminho que abre também os braços ao trabalho em unidade perante os problemas concretos, que areja as sedes dos partidos, multiplica e fortifica os seus militantes.

As alianças quando são naturais e provêm de honestas condições de trabalho favorecem e não prejudicam a inserção nas populações, não debilitam os partidos antes fortalecem as suas estruturas, são escola de tolerância, e como tal fazem avançar a democracia.

Em Loures foi ainda derrotada a tese dum clima emocional que pretende explicar a perda eleitoral de Miragaia no Porto.

De facto toda a actividade do eng.º Riço Calado em Loures é altamente emocionante, desde há anos e a campanha eleitoral fez apelo a esse clima. Nada mais negativo do que criar falsos conflitos e levar às populações, não o esforço duma organização que lhes permita participar no diálogo, mas a **guerrilha para o jantar**.

A Democracia é sobretudo e acima de tudo organização do trabalho, as regras democráticas não permitem expedientes de última hora.

As derrotas de Loures são fonte de profunda reflexão para todos nós, porque cabe a todos os democratas criar condições para que se reformule, em bases de liberdade, a representatividade democrática.

ponto a ponto



● **Mário Soares** encontrou-se ontem em Paris com o presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, na sequência da visita que os dirigentes socialistas Jorge Campinos e Tito de Morais efectuaram recentemente a Angola. Ainda em Paris, Soares terá encontros com o primeiro secretário do PS francês, Leonel Jospin e depois participará, em Madrid, num colóquio organizado pela Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, sobre «Europa e América Latina».

● O presidente da República, Ramalho Eanes recebeu em audiência Leonardo Ribeiro de Almeida, que lhe fez uma exposição acerca dos funerais de Sadat.

O presidente da Assembleia da República representou o Estado português nos funerais de Sadat a pedido de Ramalho Eanes.

● O comandante Jean-François de Liedekerke apresenta, em Belém, ao **Presidente da República**, as suas credenciais como embaixador da Bélgica em Lisboa.

Jean-François de Liedekerke é casado, tem cinco filhos, é doutorado em Direito, é licenciado em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade Católica de Louvain desde 1949.

O diplomata, 54 anos, tem funções junto do Ministério dos Estrangeiros do seu país desde 1951 e já desempenhou os cargos de embaixador em Kigali (Ruanda), Dacar (Senegal), Mauritânia, Mali, Guiné (Conackry), Guiné-Bissau, Gâmbia e República de Cabo Verde.



● O Primeiro-Ministro **Pinto Balsemão** regressou ontem do Funchal, onde assistiu no último fim-de-semana ao congresso dos sociais-democratas da Madeira.

A chegada a Lisboa, Pinto Balsemão escusou-se a prestar declarações à Imprensa.

No Funchal e antes de partir para Lisboa, Pinto Balsemão considerou «profundamente errada» a eventualidade de o Partido Socialista não se unir à AD para ser encontrado o consenso necessário para a aprovação de disposições constitucionais em matéria de Região Autónoma.



● A convite da Força Aérea Portuguesa, chegou hoje ao nosso País o general Walter D. Druen, Jr. — comandante das Forças Armadas Aéreas Aliadas do Sul da Europa (COMAIRSOUTH).

O general Walter D. Druen, Jr. que viaja em avião da USAF, era aguardado no Aeródromo Militar da Ponta da Moura pelo Comandante Operacional da Força Aérea, General Costa Gomes, após o que se deslocou ao Estado-Maior da Força Aérea para uma **visita de cumprimentos ao GEMFA — general Lemos Ferreira**.

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa Diogo Freitas do Amaral participa de 19 a 25 na Escócia, na trigésima reunião do grupo de planeamento nuclear da NATO.

O grupo de planeamento nuclear é o órgão mais delicado e mais restritivo da organização do Tratado do Atlântico Norte, decorrendo as suas reuniões no meio de grande segredo.

● Uma missão militar chinesa de alto nível chegará ao **Funchal** no dia 29.

Os militares, que serão recebidos pelo comandante chefe da Zona Militar da Madeira, brigadeiro Figueiredo Valente, e pelo presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim discutirão no Funchal com vários responsáveis problemas de estratégia política e militar ao nível mundial.

A missão deixará a Madeira no dia 31.



● Lançamento de uma campanha de solidariedade material com a **República Popular de Angola** vai ser anunciado dia 19 em Lisboa, em conferência de Imprensa.

Uma comunicação da comissão organizadora da iniciativa revela, que várias organizações e personalidades já subscreveram um apelo dirigido a instituições cívicas e sindicais e a empresas, para entregar roupas, calçado, medicamentos, material escolar e donativos em dinheiro.

A campanha, segundo os seus organizadores, justifica-se pelas consequências da invasão da República Popular de Angola «pelo regime do apartheid da África do Sul».

De entre os subscretores do apelo destacam-se José Magalhães Godinho, general Costa Gomes, Natália Correia, Urbano Tavares Rodrigues e o major José Sanches Osório.

A situação dos Tribunais de Trabalho

Uma acusação mistificatória e demagógica

António Garcia Pereira

Publicaram os órgãos da Informação, com assinalável relevo, declarações do sr. ministro da Justiça, dr. Menéres Pimentel, pelas quais se atribuía a responsabilidade da actual situação dos Tribunais de Trabalho aos respectivos juizes.

Não tenho, naturalmente, qualquer mandato para representar ou defender os magistrados atingidos por tais afirmações. Nem tenho, como é sabido, qualquer veneração especial pelos tribunais.

Mas o conhecimento que necessariamente tenho da matéria em questão (ligado há mais de 6 anos ao foro laboral e há mais de 4 ao ensino da cadeira de Direito de Trabalho na Faculdade de Direito de Lisboa) e o imperativo de consciência de não deixar passar em claro acusações tão inverídicas quanto demagógicas, impõem que reponha a verdade dos factos e atribua responsabilidades a quem elas efectivamente cabem.

É conhecido, em termos gerais, o estado dos Tribunais de Trabalho em particular em grandes centros como os de Lisboa, Porto e Almada: milhares e milhares de processos acumulados, duração de 1/2 aos, ou mais para os processos sumários e de 4/5/6 anos para os processos ordinários.

Daqui deriva uma situação de ainda maior desigualdade real para o trabalhador. É indubitável que a demora na resolução dos processos se traduz sempre em

desfavor para a parte social e economicamente mais fraca. Pois não é verdade que muitas entidades patronais — e algumas especializaram-se mesmo nessa forma de actuação — remetem sobre o trabalhador o trabalho para o recurso aos tribunais, sabendo que ele se verá constringido, por força das circunstâncias, a conciliar-se mais tarde por um valor muito inferior àquele a que tinha direito? E isto porque é um facto que mesmo quando ele eventualmente recebe qualquer quantia, pelo decurso do tempo e pela desvalorização da moeda é alta do custo de vida, aquele montante representa já um valor real incomensuravelmente inferior.

Uma alternativa dramática é então colocada àquele que quantas vezes se encontra privado de quaisquer meios de subsistência: ou receber 30 ou 40 contos daqueles 120 que reclama, ou esperar por eventualmente vir a receber tal quantia daqui a 5/6 anos, ou mais.

Porquê e como é possível uma situação destas?

O sr. ministro da Justiça responde de uma forma, simultaneamente hábil, mistificatória e demagógica a esta questão — «são os juizes que não trabalham!»

Hábil porque, dizendo o que diz, não deixa de fazer referên-

cias vagas a outros factores, cuja existência era impossível negar, e que ficam assim como «portas» por onde escapar, se acaso as suas declarações forem postas em causa.

Demagógica porque apontando um alvo fácil, escamoteia o essencial isto é, as responsabilidades do próprio Executivo.

Mistificatória porque, como veremos, deturpa em absoluto os dados da questão.

A demagogia vai aliás um pouco mais longe não deixando de subtilmente fazer recordar a forma como eram designados os juizes dos Tribunais de Trabalho antes do 25 de Abril (nomeados pelo ministro das Corporações, sem estágio ou concurso de provas públicas). Daqui a insinuar-se que as críticas ministeriais relevam de um saudável «antifascismo» vai um passo... O que, vindo de quem vem, não deixa de ter piada.

Aliás — dentro dessa linha de subtileza «progressista» — sempre gostaríamos de perguntar ao sr. ministro se as suas preocupações se não entendem aquelas juizes de «carreira», nomeadamente dos famigerados Tribunais Plenários, que caucionavam as torturas e as acusações da Pide e encarceraram centenas, milhares de lutadores pela Liberdade e pela Democracia nas masmorras do fascismo. Ou

até à própria magistratura da 2.ª instância do Trabalho (ao nível do STJ) que era toda ela de carreira...

É facto que alguns dos actuais magistrados foram nomeados agentes do Ministério Público pouco depois da sua saída da Faculdade e que, após um determinado estágio e uma inspecção, ascenderam a juizes. Era lógico — dentro das concepções do sistema corporativista — que assim fosse.

Mas é preciso não esquecer também que foi precisamente o peso das mesmas concepções que fez com que após o 25 de Abril, em vez de se lutar pela dignificação dos Tribunais de Trabalho, estes continuassem a ser considerados num plano inferior e os respectivos magistrados, juizes «de 2.ª».

Integrada a magistratura do Trabalho na magistratura Judicial não é verdade que, em clara violação da Lei 85/77, se continuou durante longo tempo a persistir na elaboração de 2 listas separadas de antiguidade? E como explicar, senão à luz das mesmas concepções retrógradas, a vexatória afronta feita aos mesmos Juizes de Trabalho quando os consideramos «inelegáveis» para o Conselho Superior da Magistratura, o qual assim ficou sem representação daqueles?

Mas não é tudo. É que a referência aos «procedimentos disciplinares», se acaso derivasse

Continua na pág. 4

comunicação social

Domingo, dia 18, 21 horas

Um "maremoto" em casa dos radiouvintes

Uma «grande agitação» das águas marítimas provocadas por vibrações sísmicas, bem como erupções vulcânicas submarinas», eis, em resumo, o que, no próximo domingo, pelas 21 horas, os amantes da Rádio sentirão em suas casas...

Nada de sustos, porém. Trata-se, pura e simplesmente, da comemoração, pela RDP, do cinquentenário da morte de Thomas Edison — e o que «abalará» as casas de quem tem por costume ouvir rádio não é mais do que uma peça radiofónica já transmitida em 1925 pela BBC. Título: «Maremoto», tendo vencido em França um concurso de literatura radiofónica, o texto não foi autorizado pelas autoridades, visto, segundo estas, «poder provocar emoções demasiadamente fortes».

Passaram-se, entretanto, 65 anos — e os ouvintes, habituados às possibilidades que a Rádio lhes pode oferecer, encontrarão decerto uma certa ingenuidade neste texto dos franceses Cury e Germinet. No entanto, se nos recordarmos que a radiodifusão em 1925 dava os primeiros passos, temos de reconhecer a usadia dos seus autores e a natural emoção dos ouvintes.

A RDP, ao transmitir «Maremoto» não só assinala o cinquentenário da morte de Edison como também presta homenagem aos pioneiros do teatro radiofónico — acentua-se num pequeno texto do Gabinete de Relações Públicas da Radiodifusão Portuguesa.

Acrescente-se ainda que a emissão de «Maremoto» é da responsabilidade do Sector de Programas Dramáticos da RDP.

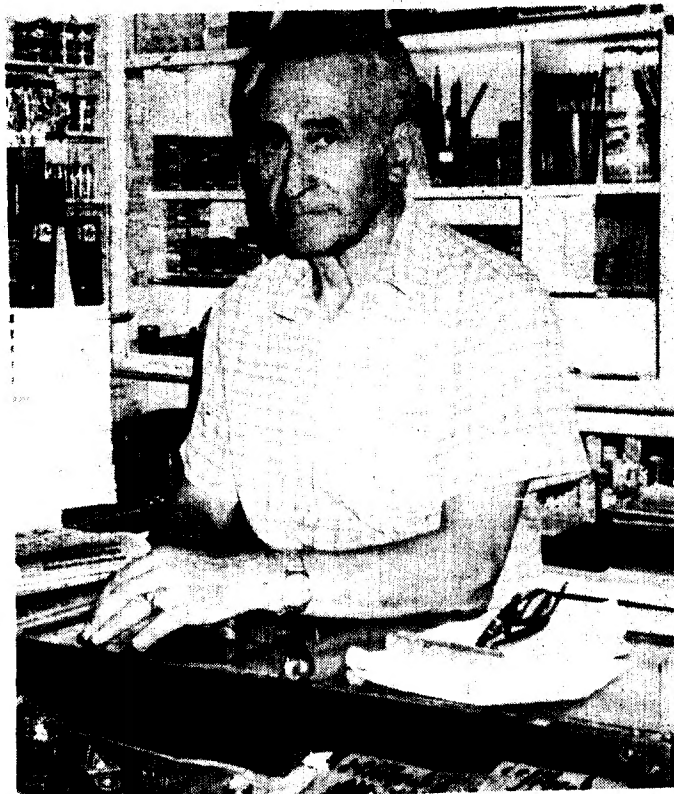
Os vendedores, também eles, tiveram os seus prémios no «Concurso «DL»/81», cujo sorteio se realizou há dois dias, nas nossas instalações da Rua Luz Soriano. A respectiva lista completa é publicada na nossa edição de hoje.

Os três vendedores que arrecadaram os prémios grandes da lista que lhes era destinada tomaram todos eles conhecimento do facto através da reportagem do «DL». No caso do primeiro, que explora a Tabacaria Dália, na Rua de Campolide, 87, foi cumprimentado, logo ali, por leitores do «DL» que também eles tinham concorrido, embora infrutiferamente.

Chama-se Olímpio Lefebre de Brito, é reformado desde há dois anos das profissões que teve: caixeiro de papelaria e fiel de armazém em duas empresas da capital. Está nos 66 anos, foi para a Papelaria Dália substituir a mulher, que antes assegurava o seu funcionamento desde que tomou conta do estabelecimento, há mais de uma dezena de anos.

Quando lhe comunicámos a notícia de que foi premiado, transparece-lhe no rosto uma boa alegria e arranja um «obrigado» para nos responder. Depois, conta que tem um televisor, «mas sem ser a cores». Por isso, o televisor Philips, de 51 centímetros, no valor de meia centena de contos, veio mesmo a calhar.

Bem vistas as coisas, ao longo da conversa, verifica-se que a vantagem foi dupla: o aparelho «sem ser a cores» é propriedade da filha.



Só tinha televisão a preto e branco

Um conforto, a cor, para as noites de Inverno que se aproximam, quando recolher à casa da Graça, onde habita. Um bom disfarce para a pequenez da reforma que usufrui, sete contos e tal, ao fim de uma vida de trabalho.

Afinal, também uma recompensa para o facto de em muitos cupões identificadores para o

que era indicado pelo leitor que obteve o 3.º. O facto decorre de o segundo classificado entre os leitores não ter indicado o nome do seu vendedor, o que era perfeitamente regulamentar.

Esta a razão por que o 2.º prémio da lista dos vendedores foi para a Galeria Domus, em Oeiras, bem perto da casa da leitora que ficou com o melhor dos dois «video tapes» que sorteámos. Obviamente, o frigorífico Philips, modelo AMB402, de 190 litros, no valor de 22 230\$00, será propriedade de José Agostinho do Nascimento, de 47 anos, uma vez que ele é o dono do estabelecimento.

Em sua casa já há um frigorífico, como é normal que aconteça. «Mas não tem a minha mãe e eu andava há tempos a pensar em comprar-lhe um» — diz-nos depois.

Agora a dúvida reside em apurar-se qual dos dois frigoríficos terá Bragança como destino final, pois é ali que reside a mãe do premiado. Este terá que ver qual dos dois electrodomésticos lhe dará mais jeito. «Não é que a minha mãe não mereça o melhor...».

Quanto aos jornais, diz-nos ele, lê-os a todos, tal como faz no que respeita à venda. Por isso o «DL» também faz parte das suas leituras, não sendo, embora, o preferido.

Terceiro vendedor é o «Armando Pardal»

O 3.º prémio dos vendedores foi parar a Setúbal, pela mão da quarta classificada entre os nos-

A situação nos Tribunais de Trabalho

Continuação da pág. 3

de uma vontade de estabelecer um adequado funcionamento dos Tribunais, por que motivo não abrangeria os Tribunais Judiciais de algumas comarcas, nomeadamente as limitrofes de Lisboa, onde a situação é absolutamente degradada e onde haveria bem mais que atentar, mesmo do ponto de vista da responsabilidade disciplinar?...

Porém, além de demagógica, a acusação contra os juizes do Trabalho é, como dissemos, mistificatória.

Por que motivo não responde o sr. ministro clara e precisamente a um certo número de questões, em vez de fazer vagas referências à «falta de meios técnicos e humanos» dos Tribunais de Trabalho e dos restantes Tribunais: É ou não é verdade que o número de processos com que cada um dos juizes do Tribunal de Trabalho de Lisboa tem de lidar é, em média, cerca de 10 ou 15 vezes superior aos dos correspondentes para os seus colegas dos Juizes Cíveis? É ou não verdade que, por ano, entram para cada Juízo de Lisboa, cerca de 1000 processos?

É não verdade que a maior parte dos juizes tem dos 5 dias úteis por semana, 3 ocupados com julgamentos colectivos, outro com os julgamentos singulares de transgressões e o último com os processos sumários de contrato? É ou não verdade que (à excepção do 9.º e 15.º Juizes, instalados no Palácio da Justiça) as condições materiais de trabalho são inexistentes? É ou não verdade que se justificava, mesmo por referência ao que se passa com os outros Tribunais, o dobro, o triplo ou o quádruplo do número actual de Juizes? Por fim, é ou não verdade que o problema das questões laborais não é só dos Tribunais de Trabalho mas também dos Tribunais de Comarca com competência genérica onde, não só do ponto de vista de número como, (o que é talvez ainda pior mas não deixa de constituir uma realidade indesmentível) sob a perspectiva da ausência de preparação especializada dos magistrados, a situação é deveras alarmante?

Pois ao invés do que sustentam aqueles que muitas vezes nem sequer estudaram o Direito de Trabalho, não conhecem o processo de Trabalho nem jamais entraram num Tribunal de Trabalho, o foro laboral suscita questões de crescente complexidade e de dignidade técnico-

-científica igual à dos restantes tribunais.

Mas é claro que reconhecer tudo isto é reconhecer que, assim, falta autoridade moral para se falar em inércia ou inoperância é difícil e desagradável para um sr. ministro, por uma razão muito simples. Por que tudo isto, de forma directa ou indirecta, bem aliás como a inoperância, tantas vezes denunciada, da Inspecção de Trabalho, a ausência da simplificação do processo laboral, etc., tudo isto, dizíamos, é da (ir) responsabilidade governamental.

Mais fácil do que assumir responsabilidades é, pois, deitá-las para cima dos outros...

Não quero finalizar sem deixar claro um ponto. Sou um dos maiores críticos da actual situação dos Tribunais de Trabalho, cujas consequências sinto no dia-a-dia. Tenho inclusive, na modesta parte que me cabe, procurado consciencializar os futuros juristas da realidade que os espera, levando, todos os anos centenas de alunos meus em visitas de estudo a assistir ao quotidiano (não a encenações oficiais) da sua vida.

Conheço, por consequência, a realidade e sei que, como é evidente, nem tudo irá bem no que respeita aos magistrados; erros serão cometidos, falhas haverá. Mas a situação não será, sob esse ponto de vista, distinta da que existe relativamente aos restantes Tribunais. É precisamente para detectar essas falhas que deveriam servir os mecanismos existentes. Mas mesmo aqui, para nós — como para todos os que contactam diariamente com os Tribunais de Trabalho — os resultados visíveis de tais actuações não deixam de ser, muitas vezes, desagradavelmente surpreendentes.

O Direito de Trabalho, mau grado o retrógrado de um sem-número de preconceitos (de que é um infeliz exemplo a passagem a curso semestral no novo plano de estudos da FDL), há muito que ganhou a sua carta de alforria. O mesmo se deveria ter passado com os tribunais de Trabalho e não duvidamos que é nesse caminho que se deverá avançar. Para tanto, muito há que fazer e muitos erros terão de ser corrigidos.

Mas o que não posso é assistir impávido à tentativa gratuita de criar bodes expiatórios, sobretudo quando tal tentativa parte precisamente de quem se deveria sentar no banco dos réus.

* Advogado e assistente da Faculdade de Direito de Lisboa.

Quem ganhou o quê no Concurso «DL» Quem

Três «grandes» dos ven

Publicamos hoje, na íntegra, a lista dos felizes contemplados com os prémios do Concurso «DL»/81.

Assim, de acordo com o sorteio efectuado na passada terça-feira, seguem-se os nomes dos concorrentes e os respectivos prémios.

PRÉMIO PARA OS LEITORES

1.º UM AUTOMÓVEL CITRÖEN GSA SPECIAL 1130

Maria Flaminia Machado Ramos — R. do Sol ao Rato, 45; r/c., Esq., Lisboa (Cupão 43325)

2.º UM AUTOMÓVEL CITRÖEN VISA CLUBE

Luciano Silveira Lacerda de Almeida — Av. António Enes, 55-6.º, D, Queluz (Cupão 29835)

3.º UM VÍDEO CENTRO PHILIPS (26C2601)

Maria Teresa Silva Mendes Sousa Gonçalves — R. de S. Luís, 6-4.º, Dt.º, Oeiras (Cupão 14003)

4.º UM AUTOMÓVEL CITRÖEN MEHARI

Maria de Lourdes Santos Fulgêncio Nunes — R. Carvalho Araújo, 42 — Setúbal (Cupão 33660)

5.º UM CONJUNTO VÍDEO GRAVADOR PHILIPS (2020) e TELEVISOR A CORES PHILIPS 51 CM (20C933)

José Alexandre Santos Garcia — R. Capitão H. Galvão, 13, r/c.-C — Lisboa (Cupão 51386)

6.º UM CONJUNTO HI-FI PHILIPS (AH602)

Manuel António Conceição Rodrigues — R. José Magro, 2-5.º-B — Barreiro (Cupão 54185)

7.º UM TELEVISOR A CORES PHILIPS — 66 cm, com TELECOMANDO (261C1203)

Maria de Lourdes Lopes Cosme Rodrigues — R. de Leiria, 14-A, r/c., Dt.º — Tomar (Cupão 10166)

8.º UM TELEVISOR A CORES PHILIPS, 51 cm, com TELECOMANDO (20C934)

Arnaldo José Caeiro — R. José Augusto Pimenta, 36-6.º, Esq.º, Barreiro (Cupão 27604)

9.º UM CENTRO ESTEROFÓNICO PHILIPS (AH902)

Rogério Paulo de Sousa Moreira — Av. Mouzinho Albuquerque, 5, 5.º-Dt.º, Lisboa (Cupão 52407)

10.º UM MICROCOMPUTADOR PHILIPS (G7000) com 5 jogos

Abílio Correia Neves — R. D. Maria da Graça Lúcio da Silva, 3-2.º, esq.º, Leiria (Cupão 21029)

11.º UM FORNO DE MICRO-ONDAS PHILIPS (7910)

Maria Adelina Henriques Baptista Batalheiro — R. Coelho da Rocha, 93-4.º esq., Lisboa (Cupão 49750)

12.º UM FRIGORÍFICO PHILIPS DE 240 LITROS (AMB405)

Vitor da Palma Fernandes Moita — R. Jornal «O Algarve», 77-r/c., Dt.º, Faro (Cupão 12570)



O director do «Diário de Lisboa», dr. António Ruella Ramos, esteve presente e participou no sorteio. A seu lado as duas representantes do Governo Civil de Lisboa

ganhou o quê no Concurso "DL" Quem ganhou o quê no Concurso "DL"

dedores para Lisboa, Oeiras e Setúbal

sos leitores premiados. O facto é o resultado das circunstâncias acima explicadas. O vendedor indicado pelo nosso leitor de Setúbal foi o Armando Pardal, como é vulgarmente conhecido naquela cidade. O seu verdadeiro nome é Armando Vieira Rodrigues e tem 46 anos.

Vende, agora, junto à estação da Rodoviária Nacional, onde abançou logo que o edifício foi construído e entrou em funções. Mas a sua ligação aos jornais

vem dos seus oito anos, à época do começo da publicação do nosso colega «Diário Popular», que aponta como marco.

Os jornais que hoje recebe ainda lhe chegam às mãos em nome de Augusto Carlos, o seu avô, que era vendedor em Setúbal e conhecido por todo o lado inclusive nesta casa.

O Armando Pardal ataca desde logo com o facto de o «DL» ser o jornal que vende mais,

aquele que é continuamente procurado na sua banca.

Vejam os prémios: um electrofone estereofónico portátil de marca Philips, modelo AF200, no valor de 12 contos.

«É bom para o puto» — comenta, quando lhe comunicamos do que se trata.

«Mas ele ainda não tinha gira-discos?» inquirimos.

«Tinha, mas está um bocado falqueiro...»

«Está um bocado quê?» — es-

tranhámos.

«Fateta, está velho».

E há o «Esfola»

Uma pequena nota a propósito do vendedor que levou o 6.º prémio, pois trata-se de um homem conhecido aqui na casa. Vulgarmente passa por ser o «Esfola», mas o seu verdadeiro nome é João da Silva Graça.

Vende na Rua do Crucifixo onde tem clientes certos do nosso jornal.

Para ele foi um rádio-relógio Philips, modelo AS180, no valor de cinco contos. Ficou contente, claro, até porque não tinha nada que se parecesse com aquilo.

Leitores e vendedores serão contactados

Uma pergunta que nos tem

sido insistentemente feita refere-se ao modo como poderá ser feito o levantamento dos prémios sorteados pelos nossos leitores e vendedores. Por isso, aqui fica esclarecido que todos eles serão oportunamente contactados pelos nossos serviços com a indicação das formalidades necessárias para que, finalmente, dos automóveis «Citroën» aos variados electrodomésticos Philips, tudo passe à sua plena propriedade.



Um frigorífico com destino a Bragança



Tinha um gira-discos, mas «falqueiro»...



Pronto para a identificação imediata

13.º UMA ARCA CONGELADORA PHILIPS de 220 litros (420)

João Manuel Gonçalves Pequeno — R. 25 de Abril, 43-2.º, F. Cruz de Pau (Cupão 38228)

14.º UM TELEVISOR COM JOGOS PHILIPS (12B915)

Cândida Maria Reis Costa do Nascimento — R. Alferes Arnaldo Luzia da Silva, 16 — Faro (Cupão 16060)

15.º UMA MÁQUINA DE COZINHAR PHILIPS (HR2670)

José Manuel Oliveira Marcelo — Av. Eduardo Jorge, 51-2.º, Esq.º — Amadora (Cupão 5799)

16.º UM ELECTROFONE ESTEROFÓNICO PORTÁTIL PHILIPS (AF200)

Nuno Vicente de Figueiredo — R. do Vale, 9 — Rincão — Cacém (Cupão 26055)

17.º UM ASPIRADOR PHILIPS (HR6242)

José Rosa — R. do Raimundo, 81, 1.º — Évora (Cupão 46157)

18.º UM RÁDIO GRAVADOR PHILIPS (AR208)

António José Alves da Rocha — R. A. Quinta dos Álamos, 3-6.º, Esq.º — Laranjeiro (Cupão 49819)

19.º UMA PHILISHAVE RECARREGÁVEL (HP1318)

Eugénia Maria Gomes Isidro — Av. Pangim, 24-4.º, Esq.º — Reboleira — Amadora (Cupão 44118)

20.º UMA FRITADEIRA PHILIPS (HD4242)

Adriano Amaral Moreira Alves — L. Espírito Santo — Lote 6, 1.º — Azambuja (Cupão 29770)

21.º a 22.º UMA PHILISHAVE EXCLUSIVE (HP1601)

José Jesus Joaquim — Quinta da Matinha, Lote 75-r/c, Esq.º — Leiria (Cupão 42418)
Francisco Domingues Ferreira — R. D. Manuel I, 53-3.º, Esq.º — Coima (Cupão 33210)

23.º a 25.º UM RÁDIO RELÓGIO PHILIPS (HP180)

Orlando da Silva Monteiro — R. Carlos Monteiro, 8-2.º, Esq.º — Samouco — Montijo (Cupão 1717)
Pedro Francisco Marques Luís — R. de Pedrouços, 71-2.º, Dt.º, Lisboa (Cupão 32522)
Arlindo Mendes — R. dos Cavaleiros, 125-4.º, Esq.º, Lisboa (Cupão 1621)

26.º a 30.º UMA PHILISHAVE DE LUXE (HP1602)

Raul Neves Lampreia — R. do Ultramar, Lote 291-2.º, Piso, Esq.º — Amoreira — Estoril (Cupão 38426)
Camilo José Araújo Perestrelo Santana — R. Miguel Bombarda, 120-4.º, Esq.º — Barreiro (Cupão 40974)
Branca Ramires Coelho — P. João do Rio, 3-4.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 45891)
Deolinda Maria Rodrigues Damásio Ferreira — R. Manuel Magalhães Pessoa, 5-1.º, Esq.º — Leiria (Cupão 22509)

31.º a 35.º UM FERRO DE ENGOMAR PHILIPS (HD1207)

António Júlio Mesquita Dias Perdigão — R. Mariano Pina, Lote 9-7.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 8807)
Joaquim José Louro Carvalho — R. S. João, Lote 7-2.º, Esq.º — Castanheira do Ribatejo — Vila Franca de Xira (Cupão 43157)

Pedro José Rocha da Gama Henriques — R. João Bebiano — Castanheira de Pera (Cupão 31151)
Fernando Luís Martinho Simões — R. Francisco Metrass, 2-1.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 30565)

José Joaquim Ribeiro Moreira da Silva — R. do Bom Sucesso, 295-3.º, Esq.º — Porto (Cupão 2281)

36.º a 40.º UMA BATEDEIRA COM TRITURADOR PHILIPS (HD1194)

Miguel Pinto Oliveira — R. Bartolomeu Dias, 168-1.º, Esq.º — Vila Nova de Gaia (Cupão 29232)
José Alberto Garrido Melo — R. Cavaleiro Oliveira, 53-4.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 41223)

João Soalheira — R. Senhora da Glória, 109-1.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 18819)
Fernando António Pinto Rodrigues — R. Reinaldo Ferreira, 31-6.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 9881)

Arménio Januário Bento — Vivenda F. Rodrigues, r/c., Esq.º — Santa Iria — Caldas da Rainha (Cupão 33947)

41.º a 50.º UMA MÁQUINA DE CAFÉ PHILIPS (HD5140)

Rosendo Gomez Perez — R. António Apolinário Silva, 20-2.º, Dt.º — Figueira — Amadora (Cupão 53195)
Manuel Ferreira Faria de Magalhães — R. Torre Pinheiro, 100 — Tomar (Cupão 20230)

Maria Margarida Correia Monteiro — R. Clemente Vicente, 2-A-1.º, Esq.º — Dafundo (Cupão 47889)
Carlos José Pereira — Av. da Liberdade, Lote 9-2.º, Esq.º — Paivas — Amora (Cupão 50311)

Rui Augusto Sereno Gervásio Marques — R. Marechal Gomes da Costa, 5-cave direita — Parede (Cupão 10976)
Miguel Álvaro Marques Policarpo — R. Actor Vale, 31-1.º, Esq.º — Lisboa (Cupão 13444)

Ivelise Maria Eline Seabra Martinho — R. Rodrigo da Fonseca, 131-2.º, Dt.º — Lisboa (Cupão 9971)
Manuel Artur Queiroz Martinho — R. dos Sapadores, 103-4.º, Dt.º — Lisboa (Cupão 24336)

Elisa Viana Macedo Graça — R. da Igreja, 48-1.º, Dt.º — Póvoa do Varzim (Cupão 20518)
Nazaré da Piedade Porto Palheta — R. Visconde Val Sobreira — Nisa (Cupão 43971)

51.º a 60.º UMA LADYSHAVE PHILIPS (HP 2115)

Alexandre José do Sacramento Rosário — R. Açores, 18-1.º, Dt.º — Beja (Cupão 1700)
Gracinda Reis Neves de Azevedo Nunes — R. Diogo Bernardes, 16-1.º, Esq.º — Amadora (Cupão 40526)

José Albino Dias Carvalho — R. Cândido dos Reis, 11 — Viana do Alentejo (Cupão 8521)

António Cristóvão da Silva — P. dos Combatentes da Grande Guerra, 20-1.º — Queluz (Cupão 31207)

Joaquim António Rodrigues — Av. da Igreja, 41-4.º — Porteira — Lisboa (Cupão 29567)

José Bernardo — P. da Reboreda, 2-2.º, Esq.º — Setúbal (Cupão 55794)

Domingos Pires Antunes — R. 25 de Abril, 32-1.º — F. Cruz de Pau (Cupão 21506)

Alberto Martins Oliveira — Av. Copacabana, 13-2.º, Esq.º — Oeiras (Cupão 33685)

Vasco Constante Oliveira Alves Dinis — R. 9 de Abril, 38, r/c., Esq.º — Queluz (Cupão 39128)

Ilda Zegre Carapinha — R. da República, 50-2.º, Esq.º — Sesimbra (Cupão 32427)

PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

1.º UM TELEVISOR PHILIPS A CORES, 51 CM (20C933)

Tabacaria Dália — R. de Campolide, 87 — Lisboa

2.º UM FRIGORÍFICO PHILIPS DE 190 LITROS (AMB402)

Galeria Dómus — R. de Belém, 14-A — Oeiras

3.º UM ELECTROFONE ESTEROFÓNICO PORTÁTIL PHILIPS (AF200)

Armando Pardal — Junto à Estação da Rodoviária — Setúbal

4.º UM RÁDIO GRAVADOR PHILIPS (AR208)

Joaquim de Brito Carrusca — L. do Trabalhador Rural — Moita

5.º UMA FRITADEIRA PHILIPS (HD4242)

Tabacaria Discal — R. Serpa Pinto — Tomar

6.º UM RÁDIO RELÓGIO PHILIPS (AS180)

João da Silva Graça — R. do Crucifixo — Lisboa

7.º UMA PHILISHAVE DE LUXE (HP1602)

Papelaria Domingos — Av. Mouzinho de Albuquerque, 5 — Lisboa

8.º a 10.º UMA MÁQUINA DE CAFÉ PHILIPS (HD5140)

Augusto Bernardino Gaspar — L. de Santana, 22 — Leiria

Eduardo dos Livros — R. Tomás de Anunciação — Lisboa

Quiosque Farense — P. Ferreira de Almeida — Faro

Aos premiados

Os leitores a quem a sorte atribuiu prémios no Concurso «DL/81» serão contactados dentro de dias pelo «Diário de Lisboa» a fim de receberem os seus prémios. Por isso, amigo leitor, os nossos parabéns e aguarde a nossa carta!

PSD responde por "impulso" mas sem estratégia

"Pretende o sr. Presidente criar um partido ou movimento político?"

Um extenso comunicado de resposta às declarações do Presidente da República, no Fundão, lido no final da reunião da Comissão Política, pelo vice-presidente do partido, Nascimento Rodrigues, reacendeu o «conflito» institucional entre os sociais-democratas e o Presidente da República. Ramalho Eanes tem, até agora, utilizado alternadamente uma linguagem para as populações e outra para a classe política. A primeira, os sociais-democratas não sabem responder e ficam «em bicos de pés»; à segunda, respondem por «impulso» mas não têm estratégia. Per-

deram o «caçador» — Sá Carneiro. Dão «tiros» ao acaso. Desperdiçam «munições». Na declaração política, os sociais-democratas consideram que o Presidente da República assumiu «uma atitude de desconfiança e até de hostilidade à democracia representativa de base partidária» ao ter afirmado, no Fundão, que «pesam ameaças sobre a nossa democracia, imputando essa situação entre outros factores concretizados, aos vínculos de fidelidade partidária».

O PSD — prossegue a nota da Comissão Política — «denuncia como contrário aos interesses nacionais e demo-

cráticos este tipo de declarações. Se há ameaças sobre a nossa democracia, então impõe-se esclarecer devidamente a opinião pública sobre os indícios reveladores ou os factos demonstrativos dessas mesmas ameaças. Escondê-los não é próprio de um responsável. E atirar para cima da fidelidade partidária a responsabilidade de tal hipotética situação é, no mínimo, demonstrar que não se confia nos partidos democráticos e se tem da democracia uma concepção suportada por essa desconfiança, quando não, mesmo, de hostilidade. O PSD reafirma que a Demo-

cracia não se instaura e consolida sem ou contra os partidos. Como partido democrático que é, o PSD opor-se-á sempre a quaisquer tentativas, intencionais ou não, aparentes ou reais, de instauração de uma pretensa democracia de base populista, de inspiração sebastianista e de poder pessoal».

Referindo-se ao facto de Ramalho Eanes ter admitido a hipótese de se recandidatar em 1990, o PSD pergunta com «que base de apoio». «Pretende — pergunta o PSD — o sr. Presidente da República admitir a conveniência de criação de um partido ou movi-

mento político que directa e especificamente o apoie? Se for esse o caso, o PSD não pode deixar de condenar a utilização do elevado cargo do Presidente da República para esses apelos».

Para além de «lamentar e condenar» a «interferência indirecta na competência da Assembleia da República, que o sr. Presidente promove quando se pronuncia antecipadamente sobre as propostas de Lei de revisão laboral, a apresentar pelo Governo à Assembleia», os sociais-democratas, no comunicado,

dizem recusar a «vigilância» que o sr. Presidente da República pretende exercer sobre as promessas da AD, como se quisesse assumir-se como tutor deste. O PSD não aceita essa tutela e reafirma que, em Democracia, só a vontade do povo é soberana para julgar do cumprimento ou do não cumprimento das promessas eleitorais».

No final, a Comissão Política do PSD reafirma a sua «firme disposição» de evitar qualquer conflito institucional. A Presidência da República já anunciou que não responderia a este comunicado.

Eanes: atento às promessas e ameaças á democracia

As declarações de Eanes, que estão na origem deste comunicado do PSD, vieram a público no passado sábado, em discurso proferido no Fundão e numa entrevista concedida ao novo vespertino «Notícias do Porto». No primeiro caso, e na sequência de um «piquenique» que lhe foi oferecido pela população do Fundão, o Presidente da República lembrou as calúnias e mentiras de que foi alvo naquela região durante a campanha eleitoral por parte dos seus adversários políticos.

«Acusaram-me de me drogar, de ser maçom e comunista — disse — como se ser maçom e comunista fosse pecado...»

Referiu-se aí, igualmente, à questão da solidariedade institucional, para sublinhar que, nas suas funções de PR, nunca confundirá como desejariam alguns — tal princípio com «submissão institucional» e advertiu que «pesam ameaças sobre a nossa democracia». Acrescentou, entretanto, que tais ameaças «são naturais» mas podem vencer-se. «Elas serão ne-

cessariamente vencidas» — frisou.

Sublinhou ainda Eanes estar atento «às promessas que outros fizeram, outros que se confrontaram connosco» para acentuar — perante os aplausos da multidão que encheu o pavilhão da Associação Desportiva do Fundão — «estamos atentos porque eles prometeram-nas ao País e têm que cumpri-las. Mas não se esqueçam que o cumprimento devido dessas promessas não irá nunca impedir as promessas que eu, ao longo

do País, fiz em meu nome e em nome de todos os portugueses...»

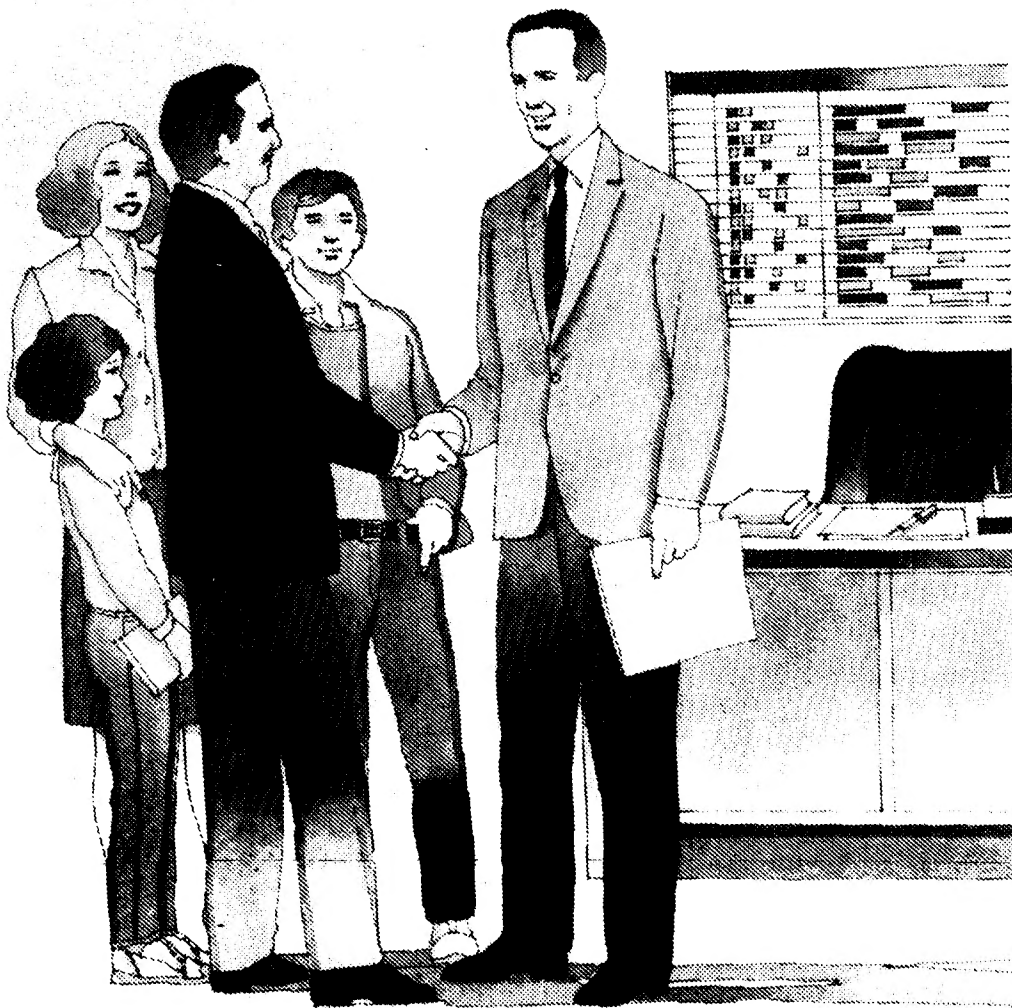
Candidato em 1990?

Na entrevista ao «NT», o Chefe de Estado admite a possibilidade de nova candidatura a Belém em 1990, se, então, os portugueses considerarem que a sua contribuição «lhes pode ser útil». Interrogado sobre a afirmação dos que consideram o actual PR a «plataforma de união interna

da AD», na medida em que seria o seu «inimigo principal», Eanes respondeu que «nenhum partido ou coligação deve fazer a sua união interna em função de um hipotético «inimigo principal».

«A acção dos partidos e das coligações — afirmou ainda — tem de ser realizada em termos afirmativos, em termos de coerência e eficácia de um programa, em termos de dignidade e da responsabilidade com que realizam os seus programas e as suas concepções».

Igualmente inquirido sobre a adesão à CEE, Eanes contesta que ela seja definida como «prioridade absoluta» e defende a «diversificação» de acções em política externa. Finalmente, sobre uma anunciada revisão no domínio da legislação laboral (despedimentos, lei da greve), Eanes considera que «nenhum Governo democrático aceitará ou poderá legislar sem considerar cuidadosamente os interesses dos trabalhadores ou sem respeitar os seus direitos constitucionais».



NA CAMBRIDGE SCHOOL OS SEUS FILHOS TÊM 8 ANOS DE CURSOS CONTÍNUOS

1st year children, 2nd year children, 3^o grau, 4^o grau, 5^o grau, 6^o grau, Cambridge First Certificate, Cambridge Certificate of Proficiency
Cursos paralelos em francês e alemão



cambridge school

LISBOA: AV. DA LIBERDADE
GUERRA JUNQUEIRO
BENFICA
ALMADA

PORTO: TEL. 560380 - 561130

TEL. -55 47 80 - -55 47 89
TEL. -88 45 44 - -89 96 01
TEL. -70 43 29 - -70 36 38
TEL. 276 02 34 - 275 32 18

Peça brochura

AGENDA FORENSE

De Outubro de 1981 a Dezembro de 1982

Novo formato — mais espaço — notas práticas

Distribuidor — LIVRARIA ALMEDINA — COIMBRA



MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO

Assunto: Recuperação de Áreas Degradadas — 2.^a fase (1.^o concurso)

Áreas Degradadas do Alto do Lumiar (Musgueira)

Tendo-se verificado a impossibilidade de organização das propostas em tempo útil, e a solicitação dos concorrentes, é prorrogado o prazo de entrega das propostas do concurso acima mencionado para as 15 horas e 30 minutos do dia 31 Dezembro de 1981.

Paços do Concelho de Lisboa, em 9 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE

Nuno Krus Abecasis

justiça

“Inquérito público” a Camarate

O Governo tornou público através de uma nota oficial (que se publica noutro local desta edição do «DL») um despacho do Procurador-Geral da República que manda abrir um inquérito público ao acidente que vitimou Sá Carneiro e Amaro da Costa.

Esta decisão do dr. Arala Chaves vai certamente causar forte polémica nos meios judiciais, primeiro porque é inovadora, depois porque é contraditória.

Inovadora na medida em que até hoje, nunca se tinha ouvido falar num «inquérito público». As leis que regulamentam as investigações criminais previam a existência do inquérito preliminar, de instrução preparatória e da contraditória. Quanto a «inquérito público», nada se sabia até ao despacho do Procurador-Geral da República. O que aliás se compreende porque, sendo o Ministério Público uma magistratura independente, obrigada por lei a acusar quando tiver indícios suficientes da prática de um crime, em qualquer daquelas três fases de investigação poderia ouvir quem quisesse e procurar os elementos de facto e de direito suficientes para formar a sua convicção sobre a existência ou não de acto criminoso.

Sempre que era necessária a colaboração do público ela era pedida. E a Judiciária tem-no feito variadíssimas vezes. Depois de todas as provas reunidas, tomava-se uma decisão — ou há indícios do crime e envia-se o processo para julgamento, ou não há. Desta vez, o órgão de cúpula do Ministério Público parece não ter tido a coragem suficiente para assumir uma decisão. E em vez de ser o MP a mandar proceder a diligências para a descoberta da verdade, como legalmente lhe compete, fica à espera que sejam os particulares a ter iniciativa. Demitindo-se das suas obrigações legais, e transformando cada cidadão num polícia!

Mas tudo isto é especialmente grave porquanto a decisão do Procurador-Geral tem fundamentos contraditórios. Grande parte do despacho é preenchida com a explicação dos motivos que levaram aquele magistrado a acreditar que a responsabilidade primeira do acidente se deve ao piloto Jorge Albuquerque. Ora se Jorge Albuquerque foi culpado e morreu, o procedimento criminal estava extinto e nada mais havia a fazer. Se se admite, mesmo que remotamente, a possibilidade de ele ser inocente, então mandavam as mais elementares regras de decoro social (para não invocar princípios constitucionais) que o dr. Arala Chaves o não acusasse publicamente enquanto não tivesse a certeza da sua culpabilidade. Até porque o piloto já não se pode defender.

Três motivos indica o Procurador-Geral para desencadear o «inquérito público». Primeiro o falado caso do roubo da gasolina. Que poderá ter-se verificado (de acordo com a Comissão de Inquérito) ou não (de acordo com a Polícia Judiciária). De qualquer maneira, aquilo que se venha a apurar é desde já irrelevante. Porque Arala Chaves reconhece no despacho que o furto seria «meio inidóneo para alcançar o resultado» (a sabotagem). Se assim é, para que interessa averiguar se houve, ou não, furto de gasolina dos depósitos?

O Procurador-Geral considera depois a possibilidade de se fazer nova peritagem. Mas para quê, se reconhece expressamente «boa impressão de qualidade e isenção colhida dos pareceres periciais»?

A terceira razão invocada pelo dr. Arala Chaves parece ser a única com fundamento — «a insistência com que em alguns jornais se refere... que haverá quem detenha elementos ou conhecimentos pertinentes e úteis».

Ou seja e resumindo o que se pode concluir do longo despacho do PGR — nas investigações levadas a cabo pelo MP chegou-se à conclusão de que o piloto era o responsável. Mas como alguns jornais continuam a afirmar que houve crime, o MP através do seu Procurador-Geral, não tem coragem para assumir a sua convicção e, para calar aqueles jornais, dá-lhes o «rebuçado» do inquérito público, poupando ao mesmo tempo o Governo às pressões que esses jornais de direita a vêm fazendo com a acusação de inércia perante as acusações de inércia.

Tudo isto é lamentável. Ao Ministério Público compete investigar, e depois decidir. Se o Governo se sente incomodado com as queixas dos jornais de direita, que o hostilizam com o acidente de Camarate, que ele, Governo, mande abrir um inquérito não judicial, ou faça, constituir uma comissão parlamentar de inquérito através da maioria que o apoia na Assembleia da República.

A solução adoptada dá uma dimensão política à actividade do Ministério Público o que constitui um péssimo (e, mesmo, ameaçador) precedente.

José Vilaça

PGR ordena “inquérito público” ao acidente de Camarate

Com apoio do Governo

Por determinação do procurador-geral da República, e com todo o apoio do Governo, vai ser aberto um «inquérito público» ao acidente de Camarate, no qual morreram Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa e cinco outras pessoas.

Uma nota oficial da Presidência do Conselho de Ministros, ontem divulgada, refere ter o Chefe do Governo conhecido, através do ministro da Justiça, o despacho do procurador-geral da República determinando abertura pela Polícia Judiciária «de uma nova fase do inquérito preliminar» designado por inquérito público ao acidente de Camarate.

O Governo Balsemão/Freitas do Amaral, que realimenta continuar «profundamente empenhado no cabal esclarecimento da verdade sobre Camarate», manifesta ao procurador-geral da República reconhecimento pelo modo como tem procurado solucionar as investigações sobre o assunto, proclama que vai dar todo o apoio ao inquérito público e pede aos «portugueses que possuam elementos ou dúvidas sobre o caso a sua participação activa, que será devidamente sistematizada na PJ, sob a coordenação da Procuradoria Geral da República».

Para esta «participação activa» os interessados — refere a nota oficial — devem dirigir-se à Divisão de Relações Públicas da Judiciária. Portanto, caro leitor, já sabe: se souber alguma coisa que possa esclarecer esta questão (exemplo: se tiver visto alguém suspeito nas imediações de Camarate ou da pista onde estava o pequeno e fatídico avião ou se tiver ouvido falar de alguém que costuma roubar gasolina das aeronaves ou furar-lhe os pneus) participe de imediato à Polícia Judiciária.

Convém no entanto que saiba que, segundo o despacho do procurador-geral da República, que surge em anexo à nota oficial, se afirma que «o exame do processo foi atentamente feito e desde logo permitiu concluir pela existência de sólidos e abundantes indícios de culpa contra os elementos da tripulação do avião sinistrado», nomeadamente contra o piloto Jorge Albuquerque, ao utilizar um avião em mau estado.

«Pelo menos, este seria seguramente objecto de acusação por homicídio cometido por negligência se a sua responsabilidade criminal não tivesse ficado extinta com o seu próprio decurso» — diz ainda o despacho.

Nota oficial

Eis na íntegra, o teor da nota oficial do Governo Balsemão:

1. O Primeiro-Ministro, através do ministro da Justiça, tomou conhecimento do despacho do procurador-geral da República, proferido no processo conhecido por «caso Camarate», que se divulga conjuntamente com a presente nota oficial.

2. Aquele magistrado, depois de ter recebido da Polícia Judiciária o respectivo processo, entendeu que a especificidade caso aconselhava o prosseguimento dos esforços investigatórios, «agora sob a modalidade de inquérito público».

3. Pretende-se assim, «solicitar a qualquer pessoa que detenha elementos ou conhecimentos úteis sobre o caso investigado que os forneça ou indique», colaborando directa e espontaneamente no inquérito policial.

4. Acrescenta-se naquele despacho que este esforço e este objectivo «exigem empenhamento colectivo» e tipos de divulgação e motivação pública que transcendem as possibilidades do Ministério Público e da

própria Polícia Judiciária.

Solicita-se, assim, a colaboração activa do Governo.

3. O Governo exprime ao procurador-geral da República o seu reconhecimento por, dentro dos quadros legais, ter encontrado uma solução para esta nova fase de esclarecimento público, fazendo participar os cidadãos na actividade investigatória, com a consequente responsabilização e por forma a evitar qualquer futura especulação sobre este caso.

Com efeito, o clima emocional provocado em todo o País e mesmo no estrangeiro pela morte do Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro, do ministro da Defesa Nacional, Adelino Amaro da Costa, de seus acompanhantes e dos membros da tripulação, não permite considerar este caso como um acontecimento igual a qualquer outro com as mesmas consequências.

Na verdade, logo surgiram versões de diversa natureza acerca de um eventual envolvimento criminoso no caso de Camarate.

O presente inquérito público poderá terminar, de vez, com dúvidas e perplexidades e daí mais uma razão para apoiar a proposta do procurador-geral da República. Nem outra coisa seria de esperar de um Governo legitimado pelo voto popular, alcançado, em grande parte, pela militância democrática de Sá Carneiro e Amaro da Costa.

Toda a colaboração que vier a ser pedida ao Governo será prontamente satisfeita. Desde já, como primeira iniciativa o Governo promoverá a colaboração pericial que for julgada mais adequada, pedindo também aos portugueses que possuam elementos ou dúvidas sobre o caso a sua participação activa, que será devidamente sistematizada na Polícia Judiciária, sob a coordenação da Procuradoria-Geral da República.

(Para tanto, deverão dirigir-se à Divisão de Relações Públicas da Polícia Judiciária, durante o horário normal de serviço).

O Governo continua profundamente empenhado no cabal esclarecimento da verdade sobre Camarate. E espera que esta modalidade excepcional do inquérito público agora anunciado contribua para esse objectivo.

O despacho do PGR

«1. Em período de natural exacerbação política, pois que decorria a campanha para eleições presidenciais, o facto de que os autos tratam, importou a morte do Primeiro-Ministro, do ministro da Defesa e de seus acompanhantes.

Natural é, portanto, o clima emocional e de inquietação social que se lhe seguiu, compreensível é igualmente que geral e vincadamente se deseje um completo esclarecimento de responsabilidades e ainda que em boa parte dos cidadãos se mantenha uma atitude de severa reserva perante as explicações da ocorrência que não correspondam a imaginadas e logo acreditadas maquinações de vingança pessoal ou de terror político.

Tive, assim, por devido reclamar da Polícia Judiciária que a remessa do processo ao Ministério Público, concluído o inquérito, fosse feita por meu intermédio. O objectivo último é o de me permitir desde logo uma análise completa e ponderada do caso e a prolação das providências de serviço tidas como necessárias.

2. O exame do processo foi atentamente feito e desde logo permitiu concluir pela existência de sólidos e abundantes indícios de culpa contra os elementos de

tripulação do avião sinistrado, nomeadamente contra o piloto Jorge Manuel Moutinho de Albuquerque. Pelo menos este seria seguramente objecto de acusação por homicídio cometido por negligência se a sua responsabilidade criminal não tivesse ficado extinta com o seu próprio decurso.

Com efeito, o piloto Albuquerque, que conhecia bem o estado do aparelho, sabia seguramente que:

a) O depósito de combustível do fuselagem do motor direito («wing locker») não estava operativo, havendo mesmo sido retirada a bomba eléctrica de transfeção para os depósitos principais;

b) Um dos indicadores de combustível de outro depósito não dava indicações seguras;

c) O motor do lado esquerdo perdia («babava») óleo;

d) Havia dificuldades e interrupções nas transmissões;

e) Um alternador do lado direito suscitava dúvidas de funcionamento;

f) Algo mais não estava bem na mecânica do avião, denunciado nas viagens realizadas nos dias anteriores, por dificuldades em fazer funcionar os motores, com sacrifício das baterias próprias e necessidade de recurso a meios externos, e até pela paragem momentânea do motor esquerdo, já uma vez verificada em voo.

Além disso:

1. Não cumpriu minimamente os deveres regulamentares a observar antes de cada voo, nomeadamente quanto à verificação do combustível disponível;
2. Falseou a indicação no plano de voo quanto ao combustível de que dispunha, por menção de quantidade superior à que, por mero cálculo, supôs existir no aparelho;
3. Levantou voo sem suficiente aquecimento pelo menos do motor esquerdo, e terá prosseguido apesar das falhas («rateres») do motor;
4. Não utilizou toda a extensão de pista disponível, mas apenas cerca de metade;
5. Denunciou grande nervosismo, exemplificado na movimentação do aparelho com o gerador TAP, que solicitara, ainda ligado.

Tudo isto como que confirma a bondade da reserva formulada pelos técnicos da TAP à admissão do piloto Albuquerque nos serviços da companhia: «Inaceitável para piloto de linhas aéreas por não estar dentro do perfil desejado e ter flutuações de rendimento».

Em termos absolutos

3. A violação dos deveres gerais e especiais de diligência, imputável ao piloto Albuquerque, afugura-se suficientemente relevante para explicar o acidente e portanto para constituir a sua causa.

Acresce que o concurso de eventuais actos de sabotagem ou de ataque directo exigiram curialmente preparação adequada, que se não compadece, em termos de probabilidade, com a circunstância primordial de a utilização do aparelho sinistrado para transporte do Primeiro-Ministro, do ministro da Defesa e das demais individualidades ter apenas sido aceite cerca das 12.20 horas do próprio dia do sinistro, ter sido comunicada depois das 16 horas e, ao que parece, não ter ultrapassado o conhecimento de um número restrito e in-

suspeito de pessoas.

Importa, porém, excepcionar o caso de ter havido furto de gasolina do aparelho sinistrado, que podia ter sido, se existiu, cometido com o propósito de sabotar o voo — sendo embora certo que o meio seria relativamente indóneo para alcançar o resultado pela circunstância de ser exigível do piloto a verificação dos níveis de combustível e não ser de supor a omissão dessa verificação —, ou cometido apenas com o propósito de apropriação fraudulenta.

4. Ainda que, pelo que ficou sumariamente expresso, se antolhe que o sinistro coarctado é explicável pela conjugação das deficiências mecânicas do avião utilizado com a violação dos deveres essenciais de diligência por parte do seu piloto, é imperioso reconhecer que outras causas, nomeadamente intencionais ou criminosas, podem ter ocorrido. Ou mais rigorosamente: que a explicação do acidente colhida da prova indiciária alcançada, não é tão concludente que em termos absolutos permita excluir o concurso de outras acções causais.

Merece destaque a dúvida primordial esmaltada no processo e que é a de saber se terá ou não havido furto de gasolina do avião sinistrado enquanto esteve, apenas algumas horas, estacionado no aeroporto da Portela. O relatório da Comissão de Inquérito admite que tenha ocorrido esse furto e propõe mesmo a aceitar que ocorreu, enquanto que a Polícia Judiciária propõe a exclusão.

De considerar ainda, sem prejuízo da boa impressão de qualidade e de isenção colhida dos pareceres periciais, a hipótese de se efectuar outra peritagem, de alto nível técnico e finalmente a insistência com que em alguns jornais se refere que haverá quem detenha elementos ou conhecimentos pertinentes e úteis, numa iniludível denuncia de intranquilidade de extractos sociais importantes quanto ao mérito da investigação feita.

E a própria Polícia Judiciária, aliás, que prudentemente propõe que o processo aguarde produção de melhor prova, em lugar de um arquivamento que constituiria a alternativa adequada para a demonstração inequívoca que tivesse sido feita de que não houve crime ou de, a ter havido crime, que está extinta a responsabilidade criminal.

5. A especificidade do caso aconselha, a meu ver, o prosseguimento de esforços investigatórios, agora sob a modalidade de inquérito público.

Pretende-se, em suma, solicitar a qualquer pessoa que detenha elementos ou conhecimentos úteis sobre o caso investigado que os forneça ou indique, que colabore directa e espontaneamente no inquérito policial.

Mas este esforço e este objectivo exigem empenhamento colectivo e portanto tipos de divulgação e motivação pública que transcendem as possibilidades do Ministério Público, assim como da própria Polícia Judiciária. E se vier a reconhecer-se a necessidade ou mera conveniência de uma peritagem de alta especialização, que seja impossível de alcançar no país, igualmente transcendentes ficam as possibilidades do Ministério Público ou da Polícia Judiciária. Importa assim propor a colaboração activa do Governo.

6. Nestes termos, determino que a Polícia Judiciária abra ou admita esta nova fase do inquérito preliminar que designei de inquérito público, analisando e explorando devidamente os elementos probatórios e informativos que lhe forem levados, facultando-se, em suma, a colaboração oficiosa e directa do público.

E como considero que o esforço de divulgação e de motivação pública necessária carece de colaboração do Governo, dar-lhe-ei conhecimento deste despacho, por intermédio de sua excelência o ministro da Justiça.»

UDP congresso em Fevereiro

Dirigentes da UDP apresentaram em Lisboa em conferência de imprensa as linhas gerais de orientação do V Congresso do partido, que decorrerá nos dias 5, 6 e 7 de Fevereiro.

Os militantes da UDP, foi dito, pretendem com o seu V Congresso realizar um aprofundado balanço da actividade da organização, discutir a sua linha poli-

tica, definir com maior rigor a sua identidade e contribuir para unir e organizar os militantes.

Partindo da fixação destes objectivos, o Conselho Nacional definiu já a ordem de trabalhos a apresentar ao V Congresso e que contempla nomeadamente alterações aos estatutos e a eleição do Conselho Nacional.

COOPERATIVA

Admite

OPERADOR PARA LINHA DE MONTAGEM DE TELEFONES

Respostas à: Av. Álvares Cabral, 41

A/B 1200 Lisboa

Tel. 657881/2 - 652951 - 659533

de ontem para hoje

“Surfista” à deriva
salvo em Carcavelos

O professor do Ensino Secundário, Rogério Morais, de 36 anos, praticante de «Wind Surf», andou ontem à deriva durante várias horas ao largo da praia da Parede, só tendo sido salvo, com muita sorte, já noite escura. Mas contemos a história, que deverá funcionar como um alerta para os praticantes da modalidade: eram cerca das 16 horas quando Rogério Morais foi «sagar» na praia de Carcavelos. A força das correntes e deficiências no manuseio da vela levaram-no até cinco quilómetros ao largo da costa da praia da Parede onde às 20 e 30 andava à deriva. Alertadas, as autoridades marítimas e os bombeiros, uma lancha da Polícia Marítima conseguiu localizá-lo em condições descritas como «encontrar agulha em palheiro». O Comando dos Bombeiros de Carcavelos aconselhou na ocasião os entusiastas daquele desporto a fazerem-se acompanhar de uma lanterna para mais fácil localização em caso de perigo. Por sua vez, o director do Instituto de Socorros a Náufragos, almirante António Galhorda, disse que durante a época balnear deste ano foram salvos 27 praticantes de «Wind-Surf».

Derrocada de prédio
no Porto:
Associação
de sinistrados
responsabiliza Governo

A Associação Nacional dos Deficientes e Sinistrados no Trabalho (ANDST), responsabilizou ontem os órgãos de Poder pelo acidente ocorrido na última terça-feira num prédio do Porto, em demolição, que vitimou, conforme noticiamos dois operários, um dos quais mortalmente. Em comunicado, a ANDST exige o levantamento de um inquérito às causas do acidente e o «cumprimento das responsabilidades que constitucionalmente ao Governo competem; nomeadamente o cumprimento do artigo que consagra o «direito ao trabalho em condições de higiene e segurança».

Navegador solitário:
Carlos Laje já está
na Horta

O navegador solitário português Carlos Laje chegou ontem à tarde ao porto açoriano da Horta. Laje, um agente técnico de 28 anos, largou da cidade do Mindelo (Cabo Verde) no seu veleiro «Aventura», em 10 de Setembro, com destino aos Açores. O navegador, que trabalhou durante cinco anos em Moçambique como cooperante, iniciou em Maio de 1980 uma viagem entre Maputo e Lisboa, tendo até agora feito escalas para descanso ou reparação de avarias em 24 portos africanos. Carlos Laje sai no próximo domingo da Horta com destino a Ponta Delgada, de onde largará para Lisboa.

Explosão
no «Tollan»:
libertação
de gases foi
responsável

A explosão ocorrida no passado dia 16 no cargueiro semi-fundado no Tejo, Tollan, foi motivada pela libertação de gases, segundo anunciou uma fonte oficial. De acordo

com os resultados de inspecção, concluiu-se que o acidente foi devido ao contacto com a água de produtos químicos ainda existentes nos porões do portacontentores de bandeira inglesa. Em consequência da explosão, foi determinado pela Capitania do Porto de Lisboa, a ventilação dos porões. O «Tollan», encontra-se virado no Tejo desde 16 de Fevereiro de 1980. Enquanto o Governo português não fizer uma dotação orçamental necessária para abertura de novo concurso público nacional e internacional que decida o destino do cargueiro, o armador italiano Alberto Felici, continuará a tentar recuperar o barco que comprou à companhia seguradora.

Galerias de Arte
Moderna:
obras destruídas
avaliadas
em 25 mil contos

Foi avaliado em 25 mil contos o valor das obras destruídas pelo incêndio que há cerca de dois meses ocorreu na Galeria Nacional de Arte Moderna, situada em Belém, segundo revelou ontem a Direcção-Geral da Acção Cultural. Num relatório mandado elaborar por aquele organismo foi estimado em 18 700 contos o valor do material audiovisual que também ardeu no sinistro e em 5197 contos o material de teatro e circo destruído do mesmo modo. O relatório afirma ainda que na Galeria estava material adstrito à Divisão de Actividades Criativas e que foi inutilizado pelas chamas. O seu valor era de 6580 mil escudos. O relatório fornece igualmente uma estimativa sobre o valor de um edifício com características semelhantes à Galeria destruída considerando-se que a respectiva área de 2400 metros quadrados, à razão de 20 contos/m2 orçaria pelos 48 mil contos. O relatório refere que arderam 539 peças de arte de diversas técnicas (óleos, aquarelas, gravuras, litografias, cerâmicas, desenhos, painéis de azulejos, serigrafias, esculturas e técnica-mista).

Caixa Geral de Depósitos

Processo das “luvas”
seguir para Tribunal

Foi já enviado a Tribunal o processo, que se encontrava em fase de instrução na Judiciária, que envolve um «gang organizado» de alguns — repetimos alguns — trabalhadores ligados ao circuito de crédito. Nesse processo, segundo sabemos, haverá matéria de incriminação para dois ou três trabalhadores.

O processo, que só agora acelerou o seu andamento, remonta a queixas de «luvas» exigidas por esse «gang» para um rápido «despachar» da concessão dos créditos. Em 1970, ao que parece, essas «luvas» atingiam a quantia de 400 contos. A quanto equivaleria, hoje, esse montante? A propósito da notícia que publicámos, há dias, recebemos do Administrador-Geral da Caixa Geral de Depósitos uma carta. Esse documento confirma, obviamente, a existência do processo. E acrescenta: «Em primeiro lugar, o título sugere acções menos correctas por parte de empregados da Caixa, sem dizer que as mesmas, a confirmarem-se, se teriam passado há mais de oito anos e que, desde então, têm sido feitos esforços para o esclarecimento do assunto, tanto por parte desta instituição de crédito como da Polícia Judiciária, à qual foram fornecidos todos os elementos disponíveis. Não podemos dei-

xar de estranhar, portanto, que sem a indicação de factos novos, se sugira como comportamento actual (em título) uma situação relativa a anos anteriores a 1974, que foi oportunamente objecto das providências aconselháveis e encaminhando para a entidade competente. O que interessa, nestes casos, se os há, é que as pessoas deles conhecedores tenham a coragem necessária para os denunciar às autoridades, indicando os culpados e fornecendo as provas de culpa de que dispuserem. Na falta desses elementos, consideramos extremamente infeliz o tratamento dado ao assunto, uma vez que, em estilo alarmista, vem afectar o bom nome da Caixa e a probidade dos seus trabalhadores, embora depois, no meio do texto se faça referência a «suspeitas infundadas sobre toda a instituição». A deontologia da informação tem que ser acompanhada pelo rigor dos títulos que a anunciam ao leitor».

Para além da confirmação de tudo o que escrevemos, refere o Administrador-Geral que os factos de corrupção — a existirem, e parece que sim já que o processo seguiu para tribunal e há matéria de incriminação — se passaram há oito anos. Só que o processo nunca mais andou, o «gang», a existir, mantém-se na Caixa

Geral de Depósitos, na mais perfeita impunidade durante estes anos. E, ao Administrador-Geral, dizemos que enquanto um assunto não está encerrado é sempre título. E actual. Principalmente para que este processo não caia no esquecimento. E nisso, a notícia teve já alguma eficácia.

Finalmente, apenas três linhas para uma carta que recebemos, assinada por um representante da Tendência Sindical Socialista do Secretariado de Secção Sindical de Empresa da Caixa Geral de Depósitos.

Não publicamos a sua resposta, por dois motivos: se ninguém lhe «bateu» por que há-de queixar-se? Diz que a sua «tendência» não foi abordada. Pois não. Nem tinha que ser. Pedi-

mos, pelo telefone, que nos ligassem à sala onde estão a Comissão de Trabalhadores e os Delegados Sindicais. Também não «abordámos» a «tendência» social-democrata, a «tendência» centrista, a «tendência» monárquica, etc., etc. Dizemos, ainda, ao sr. Lima de Sousa que não há tecnicamente nenhum «processo que corra em julgado», mas que talvez fosse bom que houvesse e que corresse depressa, já que não esperaríamos este tempo todo para saber quem é o «gang» organizado. E finalmente, quando diz que «não é aos sindicalistas que compete a acusação de trabalhadores» — e serão ainda trabalhadores aqueles que recebem «luvas»? não deixamos de aplaudir a sua «consciência de classe».

Figueira da Foz

quer comemorar “10 de Junho”

Ramalho Eanes foi ontem convidado a presidir às principais cerimónias da comemoração do primeiro centenário da elevação da Figueira da Foz a cidade.

Joaquim de Sousa, ex-secretário de Estado dos Desportos do II Governo Constitucional, agora presidente da Câ-

mara Municipal e o secretariado executivo do centenário figueirense manifestaram também ao Presidente da República o desejo de que a Figueira da Foz fosse a cidade escolhida para as comemorações de 10 de Junho, hipótese que, aliás, tem sido largamente referida na Comunicação Social.

CÂMARA MUNICIPAL
DA AMADORA
2700 AMADORACONSTRUÇÃO DE ESCOLAS
E ARRANJOS EXTERIORES

— concurso público —

Estão abertos quatro concursos públicos para arrematação das seguintes empreitadas:

1. Construção da Escola Primária da Venteira 3 arranjos exteriores

Preço base 20 000 000\$00
caução provisória 1 000 000\$00
Data limite para entrega de propostas: 17 de Novembro de 1981, até às 10 horas.

2. Construção da Escola Primária da Reboleira Sul e arranjos exteriores

Preço base 42 843 000\$00
caução provisória 1 071 075\$00
Data limite — 12 de Novembro de 1981, até às 10 horas.

3. Construção da Escola Primária da Brandosa 2 e arranjos exteriores

Preço base 43 000 000\$00
caução provisória 1 075 000\$00
Data limite — 19 de Novembro de 1981, até às 10 horas.

4. Concepção construção da Escola Primária dos Moinhos da Funcheira e arranjos exteriores

Preço base 25 000 000\$00
caução provisória 625 000\$00
Data limite — 16 de Novembro de 1981, até às 10 horas.

Para todos estes concursos é exigido o alvará de Obras Públicas da 1.ª subcategoria da I Categoria ou equivalente. Para entrega das propostas, bem como para exame do processo, os interessados dirigir-se-ão ao Serviço de Obras Municipais (4.º andar).

O acto público do concurso terá lugar às 11 horas do dia acima referenciado como data limite para entrega das propostas para cada um dos concursos, na sala de sessões da Câmara (8.º andar).

Amadora, 13 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE

Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

ASSEMBLEIA DISTRITAL
DE SETÚBAL

MOÇÃO

INVASÃO DA REPÚBLICA
POPULAR DE ANGOLA

Foi o território da República Popular de Angola invadido por forças militares Sul-Africanas, que a coberto do inaceitável argumento de procurarem patriotas da SWAPO em território Angolano, matam, saqueiam, ocupam este País.

Considerando que este acto agressivo, que mereceu a condenação por parte das mais representativas forças políticas do nosso país, assim como tem levantado clamores e indignação em todo o Mundo, é uma violação do território Angolano por forças imperialistas, com o claro objectivo de criar condições à política belicista de Reagan de actuar em Angola.

Considerando que a invasão de Angola é também uma nítida provocação do imperialismo à Paz Mundial, a Assembleia Distrital de Setúbal reunida em 22.9.81 delibera, por unanimidade, manifestar junto das Embaixadas dos Estados Unidos e da África do Sul o seu repúdio por esta acção belicista contra Angola e pede a desocupação imediata do território ocupado, e do pagamento de indemnizações pelos prejuízos causados ao Povo Angolano, e também manifestar junto da Embaixada da República Popular de Angola a sua solidariedade para com o Povo Angolano.

Setúbal, 23 de Setembro de 1981

Caminhos de Ferro
Portugueses Informação

A partir de 2 de Outubro, é alterado o local de expedição dos volumes de urgência e encomenda expresso, na estação de Lisboa Santa Apolónia.

Para tal, devem os senhores expedidores dirigir-se às novas instalações situadas no cais n.º 1 da referida estação, sito na Rua da Bica do Sapato.

Para mais informações poderão consultar:

O Serviço Comercial da Região Centro
— Tel. 86 77 85

Setembro

PSP faz balanço da delinquência

A incidência de actos criminosos diminuiu ligeiramente durante o mês de Setembro na área urbana de Lisboa, em relação a Agosto — revelou hoje a Polícia de Segurança Pública.

Em conferência de imprensa a PSP informou ter-se verificado uma diminuição apreciável no número de casos de delinquência juvenil (135 em Setembro, 203 em Agosto) tendo decrescido as situações de consumo e posse de droga (101 casos em Setembro contra 109 em Agosto) registaram-se 2536 acidentes de viação — menos 202 do que no mês anterior.

A PSP revelou ainda que foram apreendidas em Setembro 52 armas, efectuadas 176 ope-

rações de rusga e realizadas 370 operações stop.

Em Setembro registaram-se 2536 acidentes de viação, menos 202 do que em Agosto que provocaram 37 mortos, 1201 feridos ligeiros e 367 graves.

As causas mais frequentes dos acidentes de viação são, por ordem de incidência, as manobras perigosas, a distração do condutor, o excesso de velocidade e a desobediência à sinalização — disse a PSP.

O número de assaltos à mão armada, único ponto em que se registou um ligeiro aumento sifrou-se em 25 em Setembro, contra 17 no mês de Agosto, dos quais 18 a pessoas, cinco a estabelecimentos e dois a habitações.

O número de veículos desapa-

recidos foi, em Setembro, de 329, contra os 383 ocorridos em Agosto.

O número total de furtos foi em Setembro de 3040 (Agosto 3489), enquanto que ocorreram 13 casos de fogo posto (27 em Agosto), e foram participadas sete violações (seis em Agosto).

O segundo comandante-geral da PSP, coronel Armando Freire, afirmou entretanto, que a presença de elementos do exército nos seus quadros se deve ao facto de que, quando a Polícia foi instituída houve necessidade de recorrer aos quadros daquele ramo das forças armadas.

Está contudo projectada uma escola superior de Polícia de onde, futuramente, sairão os quadros formados na própria polícia — concluiu.

A morte da jovem Irene

Proxeneta suspeito detido em Aveiro

A Polícia Judiciária de Coimbra continua a desenvolver esforços no sentido de esclarecer o caso da jovem Maria Irene Rodrigues de Sousa, de 17 anos, desaparecida de casa dos pais na noite de 19 de Setembro último e cujo cadáver teria agora dado à costa ao Sul da barra de Aveiro. A PJ procede a investigações e ao interrogatório de pessoas, quer conhecidos quer familiares da Maria Irene, a fim de encontrar uma pista que conduza à descoberta dos responsáveis pela morte da jovem. O caso apresenta-se ainda relativamente obscuro, dado que o desaparecimento de Maria Irene foi depois associado a um eventual rapto, tendo os seus pais, moradores no lugar de Presa, nos arredores de Aveiro, chegado a receber cartas e telefonemas exigindo um resgate de

dois mil contos, sem os quais a jovem não seria entregue. Os raptos, falsos ou verdadeiros (o que a PJ igualmente investiga), acrescentaram também nas suas mensagens que a não entrega do resgate levava à morte de Maria Irene. O cadáver da jovem encontra-se já na morgue, onde os seus pais procederam ao seu reconhecimento, confirmando tratar-se da sua filha, ainda que o corpo, já em relativa decomposição, apresentasse os efeitos dos embates nas rochas da praia onde foi encontrada. Todavia, um primo de Maria Irene, de nome José Maria afirma que o cadáver encontrado não é o da prima e recusa-se igualmente a dar a identidade das pessoas, que conhece, e que foram recentemente vistas na companhia da jovem. A PJ terá ainda que procurar pistas

junto de pessoas que normalmente conviviam com Maria Irene, nomeadamente o de um tal Oscar Cirino, já detido, portador da «boite» Tecoteco que a PJ já localizou e que os pais de Maria Irene dizem ter reconhecido pela voz durante um telefonema feito para eles enquanto a jovem estava em parte desconhecida.

Na carta escrita aos pais, Maria Irene, que ultimamente trabalhava numa casa nocturna da Gafanha, afirmava a dado passo: «Por favor tirem-me daqui ou mato-me. Desta que vos ama mas preferirá a morte, se dentro de 24 horas não estiver livre destes malvados». A PJ persegue ainda a pista de uma tal Goretti, moradora na Costa Nova, em cuja residência Maria Irene teria passado alguns dias.

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D — 1100 — Rua Infância 16, 55-C — 1300 LISBOA

«JORGE»
EM ALMADA

CRIAÇÕES TEATRAIS

«uma obra correcta e bem confeccionada» — Jorge Listopad («DN»-29/9/81)

«perante tão exemplar lição o espectador esquece até que a hora do almoço já passou e que o trabalho o espera» — Maria João Brilhante («Jornal de Letras» 15/9/81)

«um espectáculo que vale muito a pena» — Carlos Porto («DL» 8/8/81)

«encenação eficaz e sem poeira para os olhos» — Jorge Listopad («Expresso» 3/10/81)



Autor Antonny West

Enc. José Gil

HOJE e 6.ª-feira, às 21.30 h. na ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE ALMADA

R. Bulhão Pato (Almada antiga)

SÁBADO às 21.30h. na INCRÍVEL ALMADENSE

UM ESPECTÁCULO PARA TODO O PAÍS com o APOIO DAS AUTARQUIAS LOCAIS

Contactos por escrito — R. Luísa Tody, 6-4.ª-Frente — 1200 Lisboa.
Contactos pessoais CSCTC — Pç. do Rossio 113 Lisboa
SUB. SEC-Apoio-CMA/AAA/T.A.

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

TELHEIRAS SUL

UM ESPAÇO NOVO
- ao Campo Grande - PARA VIVER

80 andares de 4 assoalhadas aguardam a sua inscrição
até 23 de Outubro

3 000 000\$00

a

3 210 000\$00

Apoio de infraestruturas fundamentais:

- Unidades escolares
- Centro para a terceira idade
- Cinema e Centro Comercial



Informe-se no andar modelo em
Telheiras-Sul Edifício A 5 - 2.º B



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA

Serviços Comerciais da Epul
Alameda das Linhas de Torres, 198 - LISBOA

Licenças de obra n.º 50, 52 e 53.81. Prazo de entrega dos andares: Novembro de 81. Direito de superfície — Dec. Lei n.º 794/76

Greve nos Telefones de Lisboa e Porto pode ser decidida esta tarde

O Sindicato dos Telefonistas de Lisboa, durante um plenário dos seus associados nos TLP, que esta tarde decorre no Pavilhão dos Desportos, vai propor a realização de greves em Novembro, segundo foi anunciado em conferência de imprensa.

A direcção sindical considera «arbitrária» a «avaliação de desempenho» que a administração dos TLP pretende aplicar na empresa, com base em entrevistas a efectuar por um corpo de notadores e de informações prestadas pelas chefias.

O Sindicato dos Telefonistas, que representa cerca de 5800 dos 8500 trabalhadores na empresa, vai propor igualmente uma acção judicial de anulação das cláusulas do acordo de empresa em que a administração se baseia para fazer a «avaliação de desempenho» por as considerarem ilegais.

Siderurgia

Vinte trabalhadores da Central Térmica e dos geradores de vapor da Siderurgia Nacional iniciam à meia-noite uma greve

de 48 horas, que poderá reduzir a produção da empresa em cerca de 60 por cento. Estes trabalhadores lutam pela revisão do actual acordo colectivo de trabalho, em vigor desde 1979.

Segundo uma fonte sindical, com esta greve ficarão parados apenas dois dos três geradores de vapor, visto que, a ser paralisado o terceiro, a empresa levaria pelo menos dois anos a repor o sector em funcionamento. Um representante da administração, por seu turno, afirmou que a empresa vai esforçar-se no sentido de reduzir ao mínimo as consequências da paralisação.

Fábrica de Loíça

Na sequência da paralisação de 24 horas, cumprida na terça-feira, na Fábrica de Loíças de Sacavém, os membros das estruturas representativas dos trabalhadores da empresa e os seus representantes sindicais, vão analisar hoje, em reunião, a situação decorrente da actuação da administração, podendo eventualmente decidir novas

formas de luta. As conclusões da reunião serão apreciadas em plenário de trabalhadores, a convocar de urgência. Entre as acusações feitas à administração contam, designadamente, a recusa em aplicar as novas tabelas salariais a partir da data a que produzem efeito, repressão selectiva e inviabilização da empresa.

Mocar

Os trabalhadores da Mocar, que mantém uma greve ilimitada desde 21 de Setembro, deram à administração um prazo até amanhã, às 12 horas, para que aceite abolir o sistema de escalões e retorne a discussão do caderno reivindicativo, segundo informou a CT. No caso de a administração não aceitar as reivindicações, os trabalhadores concentram-se às 14 horas do mesmo dia junto aos serviços administrativos. Uma informação sindical situa a adesão à greve na ordem dos 60 por cento, ultrapassando os 90 por cento nas oficinas.

A Mocar é uma empresa de

comercialização de reparação de automóveis, que emprega cerca de 700 trabalhadores.

Carbonífera do Douro

Prossegue hoje a greve dos trabalhadores de escritório da empresa Carbonífera do Douro, Porto, que tem registado uma adesão superior a 90 por cento, e que visa pressionar a administração da empresa a negociar aumentos salariais de 25 por cento. As paralisações prosseguirão nos dias 20, 21, 22, 27, 28 e 29 do corrente mês, «até que sejam satisfeitas as justas reivindicações dos trabalhadores», de acordo com um comunicado da Fesintes.

Os trabalhadores de escritório da Carbonífera do Douro consideram-se «marginalizados» com o aumento de oito por cento auferido no acordo celebrado pela entidade patronal com o Sindicato dos Mineiros, em que estes foram aumentados em 25 por cento e os quadros médios e superiores em 40 por cento.

Conflito no CFPP

Governo poderá pedir intervenção da PJ

A Secretaria de Estado do Emprego poderá solicitar a colaboração da PJ para solucionar o diferendo que opõe os trabalhadores e o director do Centro de Formação Profissional número dois do Porto, segundo informação colhida pela ANOP.

Esta colaboração será requerida «se os factos assim justificarem, mormente quanto à matéria

acusatória da agressão, alegada por ambas as partes», acrescentou um porta-voz da Secretaria de Estado do Emprego.

Os funcionários do Centro de Formação Profissional número dois do Porto acusam, nomeadamente o seu director, Miguel Proença, de dirigir «uma campanha de provocação contra os

trabalhadores» e de ter «agredido um adjunto da direcção, António Gonçalves, transferindo-o depois de forma ilegal e prepotente».

Miguel Proença, por seu lado, refuta as acusações e declara ter sido ele próprio agredido por António Gonçalves, pelo que participou a ocorrência aos seus superiores hierárquicos.

Nas sequência deste acontecimento, em 28 de Setembro a Secretaria de Estado do Emprego, através de despacho, mandou instaurar um processo de inquérito, cujo relatório preliminar deverá ser concluído brevemente.

Entretanto, António Gonçalves foi transferido, igualmente por despacho do secretário de Estado do Emprego, para a sede da Direcção Regional do Porto da Secretaria de Estado, onde passou a desempenhar funções

de assessoria na área da sua especialidade.

«Trata-se de uma medida cautelar, que mais não visa do que garantir a exemplar execução do processo de inquérito em curso, bem como garantir um clima propício ao normal desenvolvimento das condições de laboração no Centro de Formação Profissional número dois do Porto» — sublinhou o porta-voz da Secretaria de Estado.

Entretanto, os trabalhadores daquele Centro decidiram na terça-feira paralisar, por duas horas, no dia 20, como forma de protesto pela actuação do seu director, Miguel Proença.

O Centro de Formação Profissional número dois do Porto tem cerca de 120 alunos, repartidos por oito secções, designadamente tornearia mecânica, serralharia civil e pintura de construções.

Crónica sindical

A tática das almofadas

A tática deste inoperante Governo AD, em matéria de conflitos de trabalho é, notoriamente, a das almofadas.

A fim de mostrar em face dialogal e deixar o odioso para os outros, o Governo põe como primeira almofada, os sindicatos da UGT, solícitos atentos, veneradores e obrigados, a furarem os contratos e os conflitos.

Perante os outros, os sindicatos UGT ficam com a fama e o proveito de «divisionistas», «amarelos», «traidores», «vendidos» e mais não sei o quê. Desta embrulhada tem inteligentemente estado de fora, em abono da verdade se diga, a Fesite.

A segunda almofada é o patronato. Embora engolindo sapos, elefantes e outros animais, o patronato, por razões óbvias, aceita o frete de ficar com o odioso (e que bem lhe fica). Este é o seu governo, há que deixá-lo governar porque estão em jogo os superiores interesses da Nação. É bom que se recorde que Nação tem aqui, como no tempo de Salazar, o significado de patronato.

Em último fica o Governo, todo bem protegido, sem capitulação classista evidente porque se trata, sim, de uma assunção classista.

Tem sido assim em várias jogadas. O Governo atira para os parceiros sociais o entendimento, a concertação, o que, convenhamos, em bom espírito democrático até estaria correcto. Só o que este Governo ao colocar as coisas neste pé, apenas pretende favorecer o patronato, sua base social de apoio.

O tiro porém sai-lhe pela colatra, porque o jogo é perfeitamente visível e assim o Governo não atinge os seus objectivos e não lava a sua face. Em lugar de sanar os problemas, arrasta-os; em vez de tentar equilibrar os conflitos, faz agudizá-los.

Assim também é com o contrato do sector têxtil.

A Federação dos Têxteis denunciou a tabela salarial e algumas cláusulas de expressão pecuniária. Pela «chucha

calada» o Sindetex - UGT acorda com o patronato uma tabela social miserável (os trabalhadores têxteis já são dos mais mal pagos da indústria transformadora) e «vende» cerca de cem regalias sociais duramente conquistadas.

Simultaneamente o patronato recusa-se a negociar com a Federação Têxtil e empurra o conflito para o Governo.

A incapacidade do patronato têxtil não soube ser a segunda almofada e atirou a bola que o «bom» Governo teve que apanhar, contrariado.

Claro que reage. E ao mesmo tempo que puxa as orelhas à falta de consistência almofadística do patronato, usa a chantagem para os sindicatos:

«Ou vocês se concertam com o patronato ou levam com uma portaria de extensão!»

Por outras palavras, o Governo, pela voz do douto Fernando Marques, secretário de Estado do Trabalho, informa que ou a Federação Têxtil aceita os salários que o patronato quer ou vai impor o contrato do Sindetex a toda a gente.

Quer dizer neste país democrático com um estado de direito e tudo, o Governo e patronato querem impor à maioria um contrato feito por uma minoria, provocando a perda de direitos conquistados pelos trabalhadores.

Contra a lei, contra a democracia, contra o mais elementar respeito pela pessoa humana.

É claro que se o Governo pensa, sanar o problema desta forma está a deitar achas para a fogueira. O feitiço vai-se virar contra o feitiço. A aliança é visível. A luta continuará.

É que é bom que o Dr. Marques saiba que naquela cadeira onde se senta já se sentou um que queria partir a espinha ao movimento sindical e hoje está no caixote de lixo da História. E esse teve a oposição frontal dos trabalhadores.

Kalidás Barreto

UMA DAS MAIS GRANDIOSAS EPOPEIAS DA HISTÓRIA DO CINEMA

Em rigorosa exclusividade de época

NOS CINEMAS IMPÉRIO e POLITEAMA

ANTHONY QUINN OLIVER REED



O LEÃO DO DESERTO

UM GRANDE ELENCO

IRENE PAPAS RAY VALLONE LANTONE MOSCHIN

MARIAN KEIR SKY DUMONT ROBERT BROWN JANE EMMANUEL

ROD STEIGER

JOHN GIELGUD

PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE MOUSTAPHA AKKAD

MUSICA DE Maurice Jarre PANAVISION



BATALHAS ESPECTACULARES! MILHARES DE FIGURANTES!

2.ª SEMANA

Int. M. 13 Anos

POLITEAMA

IMPÉRIO

TEATRO

Casa da Comédia

Teatro 2000 - Rua da Vitória
Autocarros 17, 18, 19
Elétricos 10



Seis Aparições

de

LENINE

sobre um plano de Noel Coward

COM MARIANA VILLAR - MARIA EMILIA CORREIA
FERNANDO HEITOR - ANTONIO CRUZ
MIGUEL MARTINS - LEONEL CARDOSO

ENCENAÇÃO - FERNANDO HEITOR

HOJE E TODAS AS NOITES

às 21.45
Sábados: às 21.00, 24.00
Domingos: às 17.00
(folga as segundas-feiras)

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AGUA E SANEAMENTO

SERVIÇO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

ANÚNCIO

ABERTURA DE INSCRIÇÕES

Faz-se público que estão abertas as inscrições nos Serviços Municipalizados de Almada, pelo prazo de trinta dias, para as categorias de:

- CARPINTEIROS
- CABOQUEIROS
- PEDREIROS
- CALCETEIROS
- ASFALTADORES
- CONDUTORES DE MÁQUINAS
- MOTORISTAS
- MECÂNICOS
- ELECTRICISTAS

As demais informações serão prestadas no Serviço de Gestão de Recursos Humanos.

Almada, 8 de Outubro de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
Carlos Manuel B. de Sousa

Criada a área protegida de Sintra- Cascais

Tem existência legal a partir de amanhã, de acordo com um decreto-lei hoje inserto no «Diário da República», a chamada Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais.

O diploma procede do Ministério da Qualidade de Vida, tendo-se no preâmbulo que «a delimitação de zonas protegidas, com a introdução de conceitos e critérios de salvaguarda e gestão dos recursos da Natureza, pode constituir uma via para o ordenamento do território, devendo porém, inserir-se numa política global de ordenamento e ambiente e não constituir um fim desta, antes devendo, preferencialmente, resultar dela.»

Ao longo do diploma são considerados os aspectos paisagísticos, florísticos, faunísticos e socioeconómicos.

As unidades paisagísticas da área agora protegida são seis: serra-batólito de Sintra, como elemento estruturalmente mais importante da paisagem da região, conjuntamente com a zona de Várzea de Sintra-Pisões e Penha Longa; promontório do cabo Raso, com a área de actividade dunal do Pinhal da Marinha; litoral em arribas baixa da Ponte Alta à cidadela; cabo da Roca, compreendendo o contacto da serra com o mar; litoral do cabo da Roca à foz do Falcão (Pedra da Ursa, praia da Adraga, praia das Maças, Azenhas do Mar, Magoito, Samarra e Foz do Falcão); e paisagem interior.

Oitocentos mil portugueses sofrem de alergias

Oitocentos mil portugueses sofrem de doenças alérgicas, segundo um imunologista português que participou no III Congresso Luso-Brasileiro de Alergologia e Imunologia, que decorreu até ontem em Alvor (Faro). As doenças alérgicas apresentam-se com maior incidência nas zonas industriais, grandes cidades e orla marítima, sendo menos notórias nas regiões do interior, acrescentou o professor Palma Carlos, o especialista em alergologia e imunologia que frisou que cerca de 8 por cento da população portuguesa sofre de doenças alérgicas.

Membro e dirigente da Associação Portuguesa de Alergologia, Palma Carlos considerou, apesar de tudo, «reduzido» o actual número de clínicos portu-

gueses especializados em doenças alérgicas, que entre nós, a despeito do escasso número de especialistas a elas devotados, são atentamente analisados pelos mais de 150 médicos inscritos na APA. Dessa centena e meia, apenas sessenta exerce de facto, a especialidade, número mais que insuficiente face às necessidades actuais.

A existência de tão escasso número de especialistas deve-se sobretudo, a dificuldades de formação motivadas pela falta de vagas nas unidades hospitalares do País em que é possível a especialização — considerou Palma Carlos.

De tal situação — acrescentou — resulta a inexistência de uma rotação de médicos da especialidade, com reflexos prejudiciais

para os hospitais da periferia.

Palma Carlos, que venceu estarem os hospitais das grandes cidades sobrecarregados e sem possibilidades de resposta, defendeu a manutenção de, pelo menos, um especialista em doenças alérgicas em cada um dos hospitais distritais.

O congresso, que reuniu cerca de 400 participantes, teve por objectivo a actualização do estudo das doenças alérgicas e da imunologia clínica, bem como o estudo das reacções de defesa do organismo a várias situações que não as doenças alérgicas.

Nos trabalhos, que envolveram 65 comunicações livres e seis mesas-redondas, foram dadas a conhecer novas terapêuticas, assim como actualizado o estudo e diagnóstico das doenças alérgicas.

Numa UCP em Alter do Chão “Vandalismo” atribuído ao agrário Duque

O agrário Silvestre Duque, que, em Setembro de 1980, recebeu uma reserva constituída por parte da Herdade da Carapeiteira, em Alter do Chão, acaba agora de apropriar-se, por iniciativa própria (embora apoiada pela CAP), de um prédio rústico em Cambites, pertencente à Unidade Colectiva de Produção Alterense.

A Direcção da UCP já diligenciou no sentido de obrigar Silvestre Duque a respeitar os limites da propriedade, tendo para o efeito contactado os serviços locais do Ministério da Agricultura e Pescas (MAP), obtendo como resposta: «Nada temos com o assunto».

Em comunicado ontem divulgado, o Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas Agrícolas de Portalegre desmascara o sucedido, «como uma acção de desrespeito e provocação», apelando aos organismos oficiais competentes para que «tentem solucionar o problema, a fim de evitar qualquer conflito» que, em sua opinião, «estará na intenção das hostes 'capistas' apoiadas no MAP».

«Não será no entanto — refere o Secretariado — o senhor Duque, transformado em delfim da CAP, a criar o vandalismo ocupacionista dos agrários e seus seguidores, a quem responderemos com serenidade e firmeza a tais manobras de banditismo».

Menos 200 mil contos

Évora não cumpre plano por causa das Finanças

A Câmara Municipal de Évora sustenta que os cerca de menos duzentos mil contos de que se viu despojada este ano pelo OGE inviabiliza praticamente a execução do Plano de Actividades que traçou para 1981.

O relatório que refere o facto, dando conta das actividades do município no primeiro semestre deste ano, sublinha que dos 288 milhões de escudos que deveria receber este ano para investi-

mentos, a CM apenas disporá de 109 milhões do Orçamento Geral do Estado.

O extenso documento municipal critica o que considera como «incumprimento da Lei das Finanças Locais» realçando noutro capítulo, que a autarquia eborense foi forçada a adoptar uma atitude de prudência na gestão.

No âmbito desta actuação foram estudadas algumas linhas

de orientação de prioridades, de entre as quais se assumem as dos pelouros de Serviços de Obras Públicas e de Serviços Municipalizados, os que — segundo a edilidade — envolvem maior volume de meios.

O relatório refere ainda que as previsões elaboradas para o segundo trimestre deste ano apontam para um nível de recebimentos inferior ao orçamento, na ordem dos 280 mil contos.

Dia Mundial da Bengala Branca

É hoje o Dia Mundial da Bengala Branca.

A bengala branca é mundialmente tida como um símbolo de independência e de promoção social das pessoas desprovidas de vista, e funciona como instrumento fundamental para a sua mobilidade, actuando como transmissor sensível de informação necessária à locomoção do utente.

A propósito deste Dia, a Associação de Cegos Luiz Braille emitiu um texto onde diz, a dado passo: «O cidadão sem deficiência visual deve ter consciência de que, em vez de a bengala do cego lhe inspirar qualquer sentimento de pena, deve antes ter conhecimento objectivo

da sua utilização, de forma que haja bom-senso na ajuda que oferece».

«Todo o cidadão, seja peão ou motorista, ao prestar ajuda a uma pessoa cega, pode garantir-lhe de forma discreta, mas segura, de molde a que esta goze da plena mobilidade a que tem direito» — diz a ACLB.

O Dia Mundial da Bengala Branca comemora-se todos os anos a 15 de Outubro.

Para assinalar a passagem do Dia, a ACLB promoveu esta manhã, na sua sede, uma sessão de modelagem e pintura com crianças das instituições de cegos de Lisboa.

Esta tarde haverá uma sessão de leitura e convívio com as mesmas crianças.



Transtejo
Transportes Tejo L.P.

MONTES CLAROS

A nova geração de «Cacilheiros»
a partir de 15 de Outubro
a 3.ª unidade ao serviço
do público

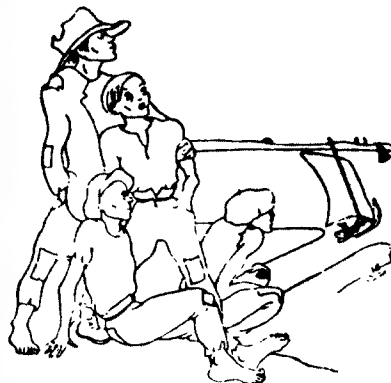


Um livro que foi a
alvorada despertadora do
horizonte literário nos anos 40

UMA NOVA EDIÇÃO DE

Estelões

Soeiro Pereira Gomes



Os seus heróis são crianças-homens de «caras tismadas, olhos assombrados, corpos angulosos e alquebrados por fadigas mal vencidas à espera também da sua alvorada» libertadora.

5ª edição

com os desenhos feitos
em 1941 por Álvaro Cunhal
para a 1.ª Edição.



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



edições
Avante!

A luta no Sara Ocidental

Argélia e Mauritânia rejeitam acusações de Marrocos

O Comité Político da Frente Nacional de Libertação Argelina rejeitou categoricamente, ontem, à noite, as «acusações sem fundamento» feitas pelo rei Hassan II quanto à implicação da Argélia nos combates de 3.ª feira entre as forças da Polisário e o Exército marroquino, em Guelat Zemmur, no Sara Ocidental.

Em comunicado difundido após a sua reunião mensal, o Comité Político declara que «a implicação» de terceiros países nessa batalha, constitui «uma manobra visando mascarar o combate que opõe Marrocos apenas ao povo saraui».

A Argélia, declara ainda o Comité Político da FLNA, «reitera com ênfase o seu compromisso e disponibilidade quanto às decisões da comunidade africana tendentes à solução pacífica e negociada do problema do Sara Ocidental».

A Mauritânia, por seu lado, também desmente «categoricamente as acusações marroquinas no sentido de a Frente Polisário ter atacado a localidade de Guelat Zemmur a partir do território mauritano», anuncia um comunicado do Comité Militar de Salvação Nacional publicado on-

tem, no final de uma reunião extraordinária.

O ministro dos Negócios Estrangeiros mauritano convocou entretanto os diplomatas acreditados em Nouakchott para lhes comunicar a posição oficial: «em momento algum — indicou o ministro — o território nacional da Mauritânia foi utilizado pelas forças da Frente Polisário contra quem quer que seja».

Uma batalha-mistério

Os observadores em Rabat notam, entretanto, a propósito do ataque a Guelat Zemmur, que não foi publicado qualquer detalhe preciso, qualquer balanço, para além da presença de blindados e da perda de dois aviões, abatidos por mísseis «SAM». Isso leva a supor, ou que a batalha ainda não terminou, ou que o golpe desferido contra a guarnição marroquina foi tão poderoso que ainda não foi possível efectuar um balanço sobre a situação no terreno.

Os EUA inquietos

Os Estados Unidos manifestaram-se ontem profun-

damente «inquietos» face à escalada dos combates no Sara Ocidental.

Interrogado acerca do ataque da Polisário contra a guarnição marroquina de Guelat Zemmur, o porta-voz do departamento de Estado, Dean Fischer, declarou que o Governo de Washington está «muito preocupado com esta aparente escalada dos combates, registada na altura em que parecia possível chegar-se a uma solução pacífica do conflito do Sara Ocidental».

O incidente — acrescentou o porta-voz — «põe em relevo a importância de levar a bom termo a iniciativa da Organização da Unidade Africana, a favor do cessar-fogo no Sara Ocidental».

De recordar que as resoluções adoptadas a 26 de Agosto passado pela OUA, na sua reunião em Nairobi, cujo cumprimento o rei Hassan II ontem pedia e que o já citado comunicado da FNLA reitera que serão observadas por Argel, envolvem três princípios gerais tendentes à solução do conflito do Sara Ocidental: os países vizinhos comprometem-se a não intervir nos assuntos

internos uns dos outros: todas as partes se comprometem a respeitar os resultados do projectado «referendo de autodeterminação» do povo do Sara Ocidental, que oferece aos eleitores a escolha entre a independência ou a integração em Marrocos; os resultados deste referendo serão proclamados pelo comité da OUA.

Só que não foi encontrada qualquer data para tal referendo.

Última hora: Polisário confirma confrontos

A representação em Paris da Frente Polisário confirmou hoje a batalha de Guelat Zemmur, no Sara Ocidental, anunciada na terça-feira à noite pelo rei Hassan II do Marrocos.

Um porta-voz da representação da Polisário informou a France Presse de que não podia dar nenhum detalhe sobre esses confrontos, nomeadamente se teriam prosseguido no dia seguinte, e se dois aviões marroquinos foram abatidos, como informaram as autoridades de Rabat. Declarou, contudo, que a Polisário já anteriormente havia abatido aviões de Marrocos.



Schmidt esteve à beira da morte

O chanceler alemão-federal, Helmut Schmidt, que na terça-feira foi submetido a uma intervenção cirúrgica para implantação de um regulador cardíaco, no Hospital Militar de Coblentz, estava mais seriamente doente do que as informações oficiais dão a entender, segundo afirmações na Rádio de Baden-Baden e do jornal de grande tiragem de Hamburgo «Bild-Zeitung».

O chefe do Governo federal teria perdido o conhecimento por quatro vezes, na segunda e terça-feira, antes da intervenção cirúrgica, afirma nomeadamente o «Bild». Os médicos tê-lo-iam devolvido à vida por quatro vezes, depois de um certo lapso de tempo. Ter-se-ia tratado de sintomas devidos a uma falha parcial do coração provocando uma insuficiente irrigação do cérebro, afirmam a Rádio «Suedwestfunk» e «Bild». Uma paragem de mais de 10 minutos deixaria sequelas irreparáveis, diz o jornal de Hamburgo.

A primeira cadeia de Televisão oeste-alemã (ARD), que se refere ao médico pessoal do chanceler, o doutor Voelpel, precisa que Schmidt sofreu perdas de conhecimento desde domingo.

O doutor Voelpel teria acrescentado, segundo a Televisão, que o estimulador cardíaco garante actualmente um funcionamento regular do coração e uma irrigação suficiente do cérebro.

As afirmações da Imprensa não foram confirmadas oficialmente. O porta-voz do Governo, Kurt Becker, interrogado sobre uma eventual perda de consciência do chanceler, declarou: «É a primeira vez que oigo falar disso». Referindo-se ao «Suedwestfunk», exprimiu a sua incredulidade, considerando que um médico, obrigado ao segredo profissional, não poderia divulgar tais informações. O estado de saúde do chanceler «continua a ser bom», disse Becker.



Poul Hartling alto Comissário das Nações Unidas para os refugiados

No ano passado o prémio Nobel da Paz foi atribuído ao argentino Adolfo Pérez Esquivel, defensor dos direitos humanos no seu país.

Reacção do Alto Comissário

Após ter tido conhecimento da distinção, o alto comissário das Nações Unidas para os refugiados, Poul Hartling, antigo primeiro-ministro dinamarquês (71-75) declarou que aceitava o prémio Nobel da Paz de 1981 «em nome dos refugiados em toda a parte», e que o prémio significava que os refugiados não haviam sido esquecidos.

Inicialmente criado para um período de três anos, o alto comissariado prolongou depois as suas actividades e actualmente auxilia cerca de dez milhões de refugiados em todo o mundo.

Cem mortos na explosão de um submarino chinês

Um submarino chinês da classe «G» explodiu, em fins de Agosto ou princípios de Setembro, ao norte do mar da China, quando, debaixo de água, era tentado o disparo de um míssil balístico. Morreram os cem tripulantes do navio, não nuclear, construído em 1964 em Dalian, a partir de modelo soviético. Preparado para lançar torpedos, fora recentemente aparelhado com equipamento para lançamento de mísseis.

As fontes asiáticas e europeias que ontem em Pequim referiram o acontecimento disseram que o submarino não suportou o choque e vibração causados pela tentativa de disparo e que muitos dos tripulantes mor-

reram por asfixia. Estariam a bordo vários engenheiros e cientistas.

As fontes atrás citadas pediram o anonimato. Os ministérios chineses da Defesa e dos Negócios Estrangeiros recusaram-se a responder a perguntas sobre o caso.

Aliás, os acidentes de envergadura não são normalmente relatados pela Imprensa chinesa. A 25 de Novembro de 1979, uma plataforma petrolífera afundou-se, num desastre atribuído a negligência. Este caso não foi divulgado na China senão quando a Imprensa ocidental o noticiou, cerca de sete meses mais tarde.

Pela segunda vez

Nobel da Paz para Alto Comissariado da ONU para os Refugiados

O alto comissariado das Nações Unidas para os refugiados foi ontem distinguido com o prémio Nobel da Paz de 1981.

O prémio, no valor de um milhão de coroas (cerca de 12 milhões de escudos) foi anunciado pelo Instituto Nobel Norueguês.

É a segunda vez que esta organização, com sede em Genebra, é distinguida com o prémio. A primeira foi em 1954 pela sua acção em realojar os refugiados

europeus depois da Segunda Guerra Mundial.

O prémio Nobel da Paz deve ser entregue, segundo as disposições do engenheiro químico e inventor sueco Alfred Nobel, «à pessoa que mais e melhor tenha trabalhado pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução de armamentos e pela promoção e realização de congressos sobre a paz».

O alto comissariado para os

refugiados receberá a importância do prémio e uma medalha com a inscrição «pro pace et fraternitate gentium» (pela paz e fraternidade dos povos) no dia 10 de Dezembro, aniversário da morte de Alfred Nobel, em cerimónia solene em Oslo.

Os outros prémios Nobel serão entregues no mesmo dia, em Estocolmo.

Outras duas organizações das Nações Unidas foram já distinguidas com o Nobel da Paz: a UNICEF — fundo das Nações Unidas para a infância, em 1965, — e a OIT — Organização Internacional do Trabalho, em 1969.

A comissão Nobel atribuiu o prémio ao alto comissariado «porque realizou um trabalho de grande importância na assistência a refugiados, apesar de muitas dificuldades políticas com que teve de defrontar-se».

Para o prémio Nobel da Paz de 1981 tinham sido propostas 77 candidaturas.

seja independente!

trabalhe no que é seu

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida. Seja INDEPENDENTE. GANHE MAIS DINHEIRO. TIRO POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



COSTURA FOTOGRAFIA DESENHO E PINTURA
RELACIONES PUBLICAS ELECTRICIDADE
VENDAS / MARKETING INGLÊS
CONTABILIDADE SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um X

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____



CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Tel. 54 31 36

Conf

O Governo israelita felicitou ontem o presidente eleito do Egito, Hosni Mubarak, mas preveniu-o de que não fará maiores concessões do que nas negociações com Anwar Sadat.

A posição do gabinete Begin, que surge uma semana antes de se iniciarem as primeiras negociações sobre a autonomia palestina após a morte de Sadat, encontrou eco na Imprensa israelita.

Ao comentar as declarações de Mubarak sobre o direito incontestável dos palestinos à autodeterminação, o «Jerusalem Post» afirma que a insistência do presidente egípcio nesses assuntos controversos confirma que ele será mais duro que o seu antecessor, Anwar Sadat, sobre a questão palestina.

Mubarak, discursando na Assembleia do Povo egípcio (Parlamento), depois de ter prestado juramento, afirmou que não haveria nenhum atraso ou demora na retirada de Israel do Sinai. O presidente egípcio precisou que teria recebido garantias formais das autoridades israelitas de que abandonariam, antes de Abril de 1982, o último terço do território do Sinai.

Câmara contr

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos opôs-se ontem, por esmagadora maioria, à venda num total de 8,5 mil milhões de dólares, de armamentos modernos à Arábia Saudita, nomeadamente dos cinco aviões radar «AWACS».

Trezentos dos quatrocentos e trinta e cinco representantes votaram, como previsto, contra o projecto, o qual foi assim rejeitado por uma maioria de três contra um.

A Casa Branca, que já esperava esta derrota, deposita agora todas as suas esperanças no Senado. Com efeito, basta que uma das duas câmaras não se oponha a essa venda para que aquela se possa realizar.

Segundo a mais recente contagem da agência americana «Associated Press», 55 senadores são actualmente contrários à venda de aviões à Arábia Saudita, ou estão inclinados a opor-

Pólonia

Governo recome negociações com o Solidarnosc

O Governo polaco aceitou, ontem, o início de negociações bilaterais com o Solidarnosc, nos prazos propostos pelo sindicato independente polaco, embora «lamentando» que tenha sido rejeitada a sua proposta de criação de uma comissão mista permanente sobre os problemas de racionamento, abastecimento e preços.

Em declaração difundida pela agência «PAP», o porta-voz do Conselho de Ministros, Jerzy Urban, afirmou que o Governo está

«disposto a iniciar, a qualquer momento, no seio de um grupo de trabalho (com o Solidarnosc), negociações a curto prazo sobre os problemas de resolução urgente referentes às condições de vida da população». O porta-voz acrescentou que o Governo concorda com os prazos propostos pelo Solidarnosc.

A declaração do porta-voz governamental polaco seguiu-se à recepção, pelo Governo, de dois telegramas do Sindicato onde,

firmadas as reservas e Israel a Mubarak

Apesar de ter salientado o respeito por todos os tratados firmados para «tranquilizar os nossos parceiros» (os israelitas), as declarações de Mubarak foram recebidas pela imprensa israelita com dureza.

O «Yedioth Ahronoth» diz que face às últimas declarações do novo presidente «algo mudou no Egipto».

Por seu lado, o jornal «Maariv» adverte que um ultimato egípcio sobre Jerusalém oriental (outra das reivindicações árabes) tropeçaria as conversações em curso. O jornal exprime a convicção de que as posições de Mubarak são muito mais difíceis em todas as questões em debate entre Israel e o Egipto.

O órgão do Partido Nacional Religioso, uma das das formações que pertence à actual coligação no poder em Israel, titula, significativamente, que a «Paz depende da amplitude das pressões americana exercidas em Israel».

O «Jerusalem Post», segue de perto o tom do «Hatsofeh», recriminando Washington, que em vez de tentar «torcer o braço a Israel», deveria antes pressionar os Estados árabes moderados a aliarem-se ao processo de paz no Médio Oriente.

Relembra-se que cinco jornalistas do «Jerusalem Post» foram expulsos do Egipto em 5 de Janeiro deste ano por terem noticiado uma alegada tentativa de golpe por parte do então vice-presidente Hosni Mubarak.

«Business Week»
Reagan prepara
a guerra

«A administração Reagan iniciou os preparativos para a guerra e opor-se-á a uma eventual perda de influência no Médio Oriente, obtida ao preço de grandes esforços», escreve na sua última edição a revista «Business Week», órgão dos meios de negócios norte-americanos.

Segundo o autor do texto, o secretário de Estado, Alexandre Haig, e o responsável pela Defesa, Gaspar Weinberger, terão advertido o presidente Reagan sobre a eventualidade de se realizarem operações militares de apoio ao Egipto.

Ainda que os Estados Unidos exprimam oficialmente a certeza que o novo líder egípcio se mantenha fiel aos EUA e que os acordos de Camp David permanecerão em vigor, a revista americana dá a

entender que os dirigentes de Washington estão neste momento a estudar futuros projectos militares, a serem concretizados mesmo sem o pedido expresso do Cairo.

Numa atitude de rebojo para com estas medidas, o jornalista do «Business Week», depois de salientar que «O Egipto é de importância vital para os Estados Unidos», recorda que Sadat abriu caminho para a criação da base de Ra Banas no mar Vermelho, a ser utilizada pelos corpos de intervenção rápida, e autorizou que unidades militares navais norte-americanas atravessassem o canal de Suez.

Citando um funcionário da Administração norte-americana, a revista é da opinião de que é necessário «dar uma lição a Gaddafi».

Sabe-se com efeito que, algumas horas após o assassinio do presidente Sadat, dois «destroyers» da 6.ª frota norte-americana aproximaram-se das costas da Líbia e que 4 mil fuzileiros navais encontravam-se em estado de alerta. Iniciaram-se também preparativos para que o porta-aviões atómico «Nimitz» deixasse o porto de Veneza.

EUA para dos Representantes tra a venda da AWACS à Arábia Saudita

-se, 33 são pela venda ou estão inclinados a aprová-la e 12 ainda não tomaram posição.

A Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado deve hoje votar o projecto. O debate perante o conjunto dos senadores começará em 20 de Outubro e o voto poderá ter lugar a partir de 22 de Outubro.

Ronald Reagan que prossegue os seus esforços para convencer os hesitantes, nomeadamente recebendo individualmente, na Casa Branca, os senadores susceptíveis de aderirem ao seu projecto, não teve até aqui senão um sucesso mitigado. Se certos senadores se converteram às suas razões, vários outros saíram desses encontros sem terem sido convencidos.

Os adversários da venda recusam nomeadamente que a entrega dos cinco «AWACS» à Arábia Saudita constitua um pe-

«AWACS» para o Egipto

Os Estados Unidos vão enviar este mês dois aviões «AWACS» ao Egipto para mostrar que apoiam o Governo de Mubarak e vigiar as operações aéreas libias, segundo revelou ontem em Washington uma fonte da Secretaria de Estado.

A agência oficial soviética TASS afirmou, na quarta-feira, que os dois aviões radares americanos que vão ser enviados para o Egipto, «destinam-se a guiar os carniceiros americanos em direcção aos objectivos situados em território líbio».

A TASS repete, por outro lado, as suas acusações, afirmando que Washington está a organizar «uma campanha com base em pretensos intuitos agressivos da Líbia a fim de dispor dum pretexto para uma intervenção militar no Médio Oriente».

riego para a segurança de Israel no caso do derrube dos actuais governantes sauditas e no caso de ser desencadeada contra o Estado hebreu uma guerra pana-árabe.

Por outro lado, e segundo o presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros, o senador republicano Charles Percy, Reagan poderia encarar o recurso a uma ordem executiva para realizar a venda, mesmo que o Congresso se opusesse a ela.

Com efeito, segundo os especialistas, Reagan dispõe de duas possibilidades para passar por cima da oposição do Congresso: pode declarar que existe «uma situação de urgência» ou pode recorrer a uma disposição de 1980 que o autoriza a proceder à venda afirmando que ela corresponde ao «interesse da segurança nacional dos Estados Unidos».

El Salvador: há dois anos uma esperança frustrada

Passam hoje dois anos sobre o derrube do ditador salvadorenho general Romero. O povo acreditou que iria terminar o jugo a que está sujeito pelas grandes famílias terratenentes e pela alta finança ligada aos interesses norte-americanos.

Mas Washington cedo começou a procurar travar o processo revolucionário, subsidiando e armando as forças mais retrógradas. A Junta hoje no poder é geralmente apelidada de fascista. Contra ela se ergue o povo em armas, sobretudo os militantes da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

Em dois anos, os guerrilhei-

ros lançaram duas ofensivas gerais que só a intervenção norte-americana fez fracassar.

Hoje, a nível internacional, a Junta presidida por Napoleón Duarte e a FDR travam uma batalha política e diplomática, procurando obter o apoio do maior número de Estados.

A declaração franco-mexicana de 2 de Setembro passado, ao reconhecer a FDR e a FMLN como sendo forças representativas do povo, trouxe uma nova esperança de solução para a guerra civil.

De certo, o que se pode afirmar é que a Junta, odiada pela população, apenas se mantém no poder com o auxílio da administração Reagan.

Nova destruição da ponte sobre o Cunene

África do Sul quer estrangular a economia angolana

A destruição, pela segunda vez, da ponte sobre o rio Cunene, situada na província do Cunene mais precisamente na cidade de «Xangongo», é classificada num artigo de autoria do comissário provincial do Cunene, major Ary da Costa, «como parte da estratégia sul-africana, visando estrangular a economia da República Popular de Angola», publica na sua edição de ontem o Jornal de Angola.

«A destruição desta ponte, com cerca de um quilómetro de comprimento, agrava substancialmente o problema do abastecimento às populações desta província» salientou o major Ary da Costa, sublinhando ainda, a este propósito, que a destruição da ponte «joga, pois, um papel económico social e político, além de militar» acrescentando ainda que «os estratagemas de Pretória tentaram, assim, impedir o pro-

gresso das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) pela via Chama-Ondjiva.

O comissário provincial do Cunene, recordou, por outro lado, que esta ponte sobre o rio Cunene foi destruída pela primeira vez em 1975, quando a África do Sul tentou impedir a independência de Angola, proclamada a 11 de Novembro do mesmo ano, precisando ainda que a sua reconstrução custou cerca de 40 milhões de kwanzas (cerca de um milhão e quatrocentos mil dólares) ao governo angolano. Agora para que a ponte seja de novo erguida será provavelmente necessário o recurso à cooperação internacional, disse, a concluir, o major Ary da Costa.

Solidariedade da RDA
O Comité de Solidariedade da

República Popular comprometeu-se a fornecer a Angola, em 1982, «dons de solidariedade» num montante de dez milhões de marcos (cerca de 220 mil contos), anunciou hoje a agência alemã oriental ADN.

Segundo a agência ADN, o presidente do Comité entregou ontem em Berlim-Leste um documento nesse sentido ao presidente angolano, José Eduardo dos Santos, no final da sua «visita oficial de amizade» à RDA. Esse dom, que provém de colectas junto do povo alemão oriental, será fornecido sob forma de bens de consumo, acrescentou a agência.

O presidente José Eduardo dos Santos seguiu ontem ainda para Paris, onde tem hoje encontro marcado com o presidente francês Mitterrand.

Inglaterra

Severas críticas a Thatcher no congresso conservador

A conferência anual do Partido Conservador Britânico apoiou ontem a política económica do Governo de Margaret Thatcher, apesar das numerosas críticas expressas.

Edward Heath, ex-primeiro-ministro e líder de um sector contrário à política económica do actual Governo, foi recebido com frieza, enquanto o chanceler do Tesouro, sir Geoffrey Home, escutou ovação ao defender que o rumo seguido «começa a dar frutos».

Heath referiu que o partido atravessa a pior crise deste século e sustentou que o Governo deveria suavizar a política monetária, principalmente através de medidas anti-inflacionistas, e procurar uma maior cooperação internacional, aderindo, por exemplo, ao Sistema Monetário Europeu (SME).

Geoffrey Home argumentou, no entanto, que é necessário seguir a mesma política dos últimos 30 meses, e foi calorosamente aplaudido.

«A única coisa que pode fazer-nos fracassar é perder o ânimo» disse o chanceler do Tesouro.

No mesmo tom crítico de Heath falou também sir Ian Gilmour, afastado em Setembro do cargo de vice-secretário dos Negócios Estrangeiros.

Gilmour disse que o Partido Conservador se encaminha para «a pior derrota eleitoral deste século se a política do Governo não for alterada».

Comunistas bascos poderão separar-se do PCE

O processo de fusão entre o Partido Comunista Basco (EPK) e a formação autonomista «EIA» (Partido da Revolução Basca), próximo da coligação Euskadiko Esquerda pode vir a provocar a ruptura entre o EPK e o Partido Comunista Espanhol, de Santiago Carrillo.

O PCE, que se não opõe, à fusão, pretende, em contrapartida, que a nova formação se pronuncie a favor do eurocomunismo, o que também é desejado por parte do comité executivo do EPK.

Contudo, o secretário-geral dos comunistas bascos, Roberto Lerchundi, defensor de maior autonomia dos ramos regionais do PCE, recusou-se a seguir as recomendações do PCE e decidiu expulsar um quarto do comité executivo do seu partido, considerado «carrilista», entre os quais o presidente do Partido, Ramon Ormazabal.

No último congresso do PCE, em Julho passado, Lerchundi fora o principal adversário de Carrillo, tendo então defendido um certo federalismo no seio do PCE e tendo criticado com extrema dureza o centralismo democrático do Partido.

Festa 82

JANEIRO
A
NOVEMBRO
82

ORGANIZAÇÃO
CGTP-IN

INFORMAÇÃO
III

Festival Sindical
de Teatro de Amadores

Entre 1 de Outubro e 30 de Novembro de 1981

decorrem as inscrições para o III Festival Sindical
de Teatro de Amadores

O Regulamento e os boletins de inscrição
podem ser pedidos ao Departamento de Tempos Livres
da CGTP-IN.

A fase de apuramento do III Festival decorrerá
de Janeiro a Março de 1982,
e em Abril realizar-se-ão
as finais regionais.

Os grupos apurados nas finais regionais
realizarão, entre Junho e Dezembro,
uma digressão nacional;
neste período realizar-se-á em Lisboa
o apuramento nacional.

COMISSÃO NACIONAL

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses Intersindical Nacional
(CGTP-IN) • Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT) • Associação Por-
tuguesa de Escritores (APE) • Associação Portuguesa do Teatro de Amadores (AP-
TA) • Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral (ATADT) • Centro
Português de Teatro para a Infância e Juventude (CPTIJ) • Fundação Calouste Gul-
benkian (FCGI) • Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio
(FPCCR) • Reunião Inter Associações (RIA) • Sociedade Portuguesa de Autores
(SPA) • Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE) • Deniz Jacinto • Egito
Gonçalves • Fernando Midões • Helder Costa • Ivone Chinita • Jaime Gálher-
ro • Joaquim Benite • José Correia Alves • José Martins • José Rodrigues • Luis
Eugenio Ferreira • Luis Francisco Rebelo • Maria Teresa Horta • Maria do Céu
Guerra • Mano Barradas • Miguel Franco • Oliveira e Costa • Papianu Car-
los • Pedro Tamen • Romeu Correia

exclusivo

Planos imperialistas para o domínio dos oceanos

Ivonne Pastor Parra ■ Prensa Latina

O oceano mundial, imenso depósito de recursos naturais e enorme rede de comunicações é, segundo os estrategas militares dos Estados Unidos, o principal palco de acção de uma futura guerra.

Esta concepção estratégica da ofensiva oceânica, conhecida como a das «águas azuis», idealizada pelo Departamento de Defesa inclui o domínio dos oceanos por parte da marinha de guerra dos Estados Unidos.

de África, permitindo um domínio quase exclusivo do Atlântico Sul.

Os exercícios são dirigidos pelo chefe das forças navais do Atlântico Sul, dos Estados Unidos, almirante David Emerson.

A chave da situação defensiva do Ocidente, na qual o Brasil desempenha um papel preponderante activo está, no Atlântico Sul, localizada nas três massas terrestres que formam o continente sul-americano, África atlântica meridional e a Antártida, que constituem uma placa giratória de manobras contra

Anteriormente ao encerramento do canal do Suez, oito mil barcos cruzavam anualmente o Cabo da Boa Esperança, quatro mil dos quais escalavam os portos da África do Sul. Nos primeiros meses após o encerramento o tráfego subiu para 10 mil. Actualmente está estabilizado em 24 mil navios por ano, metade dos quais escala portos sul-africanos.

O elemento vital deste tráfego é o petróleo que tem importância fundamental para os países da OTAN, dado que estes depen-

navais em África e nas ilhas próximas, a oriente e ocidente do continente, poderão controlar enormes extensões dos oceanos Índico e Atlântico.

Desde 1960 que o Pentágono tem vindo a estudar estes planos que unificariam o bloco da OTAN com a organização denominada Tratado do Atlântico Sul (SATO).

A partir dessa data, o Pentágono passou a considerar a inclusão das ex-colónias portuguesas, Angola e Moçambique, uma no Atlântico e outra no Índico e também a Rodésia.

Os estrategos norte-americanos atribuem, além disso, muita importância ao porto de Nacala, em Moçambique, o qual é banhado pelas águas do oceano Índico.

O controlo do canal de Moçambique, segundo o Pentágono, asseguraria as comunicações marítimas entre o Atlântico Sul e a cadeia de bases insulares do Atlântico, isto é num bloco denominado Organização do Tratado do Atlântico Grande (GATO).

Em 1968, o alto comando de defesa do extinto regime fascista de Portugal propôs à OTAN estabelecer o controlo sobre a zona sul do oceano, utilizando os então domínios de Lisboa no enorme espaço compreendido



Holden Roberto, ao centro, conhecido agente da CIA

Londo, Port Elizabeth, Capetown e Walvis Bay — um porto na Namíbia — ilegalmente ligado à província do Cabo.

Por ser o país mais a sul do continente, os estrategos do Pentágono consideram a África do Sul como «um segundo Gibraltar» ou «porteiro» dos oceanos Índico e Atlântico.

Em consequência disso, em princípios da década de 70 foi ainda mais estreitada a colaboração militar entre os Estados Unidos e o regime racista sul-africano.

Neste contexto deve ser real-

As despesas militares da África do Sul aumentaram desde 1965 dez vezes mais e actualmente atingem mil trezentos milhões de dólares.

Por outro lado, Pretória teve acesso aos códigos secretos da OTAN e adquiriu moderníssimos aparelhos de transmissões militares numa série de países membros dessa aliança militar.

Os aparelhos em questão foram montados no centro de comunicações, situado nas encostas das montanhas de Silverstone, perto de Simonstown, assim como noutras regiões do território sul-africano. Este complexo de comunicações da OTAN é também utilizado em seu próprio proveito.

Não é segredo para ninguém o facto de o regime racista da África do Sul «ter aberto as portas» para a par para receber armas e outra ajuda na sua guerra de agressão contra o povo da República Popular de Angola.

Segundo testemunho do diário londrino «Guardian», somente nos dois últimos meses passaram através de Pretória para o território angolano 300 mercenários recrutados nos Estados Unidos.

A intervenção militar directa contra Angola foi iniciada pelo regime racista da África do Sul, após terem fracassado os planos do imperialismo para impor ao povo angolano os fantoches da FNLA-UNITA.

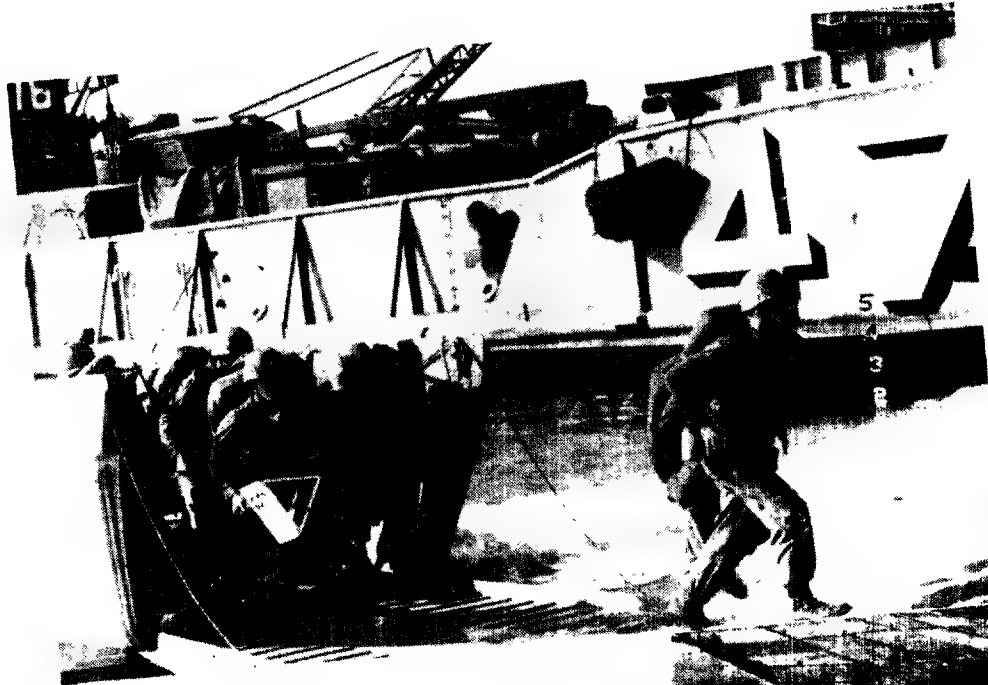
O primeiro destes grupos, a FNLA é comandada por Holden Roberto, conhecido agente da Agência Central de Informação (CIA) dos Estados Unidos.

Recentemente, alguns meios africanos mencionaram o embaixador norte-americano na África do Sul, William Bowdler, como sendo um dos executivos do plano orientado no sentido de provocar uma suposta guerra civil em Angola e a separação do enclave angolano de Cabinda.

Tem de ser igualmente tomado em linha de conta que se encontram equidistantes do extremo meridional de África e da América do Sul as ilhas pertencentes à Grã-Bretanha — Ascensão e Santa Helena — e que os estrategos do Pentágono procuram há já algum tempo a inserção do subcontinente latino-americano na engrenagem dos blocos agressivos.

As duas possessões poderiam servir de ponto de apoio para o sistema de estacionamento aeronaval no Atlântico Sul.

Assim, o imperialismo continua a fazer dos mares cenário das suas aventuras militaristas e dos seus sonhos de dominação mundial.



O oceano mundial é, segundo os estrategas militares dos Estados Unidos, o principal palco de acção de uma futura guerra

Segundo o alto comando militar ianque, as forças navais desempenharão um papel decisivo numa futura confrontação bélica dado que poderão cumprir as funções mais diversas, desde a guerra nuclear geral ou local até à simples exibição «com fins de prestígio» da bandeira das estrelas e riscas.

Isto significa que o controlo dos mares, que cobrem dois terços do planeta, pelas unidades da marinha de guerra dos Estados Unidos permitirá enviar e desembarcar efectivos militares em qualquer região em que Washington alegue estarem em perigo os seus interesses.

Os Estados Unidos com o pretexto de fortalecer o sistema defensivo do continente americano, em face da chamada «agressão externa», forçaram os países da América Latina a assinar acordos militares bilaterais que lhes permitem manter bases em território dessas nações, assenhorear-se das suas forças armadas e efectuar manobras conjuntas, dirigidas por oficiais ianques.

A estratégia global dos Estados Unidos prevê o controlo dos oceanos que rodeiam o continente americano e o mar das Caraíbas.

O Brasil é, neste aspecto e em relação à América Latina, o ponto chave dos planos de dominação, a nível mundial, de Washington.

A confirmação geográfica do Brasil, em virtude do cabo na região do Recife, penetra profundamente no oceano Atlântico e aponta em direcção ao coração

qualquer estratégia de resistência e contra-ofensiva.

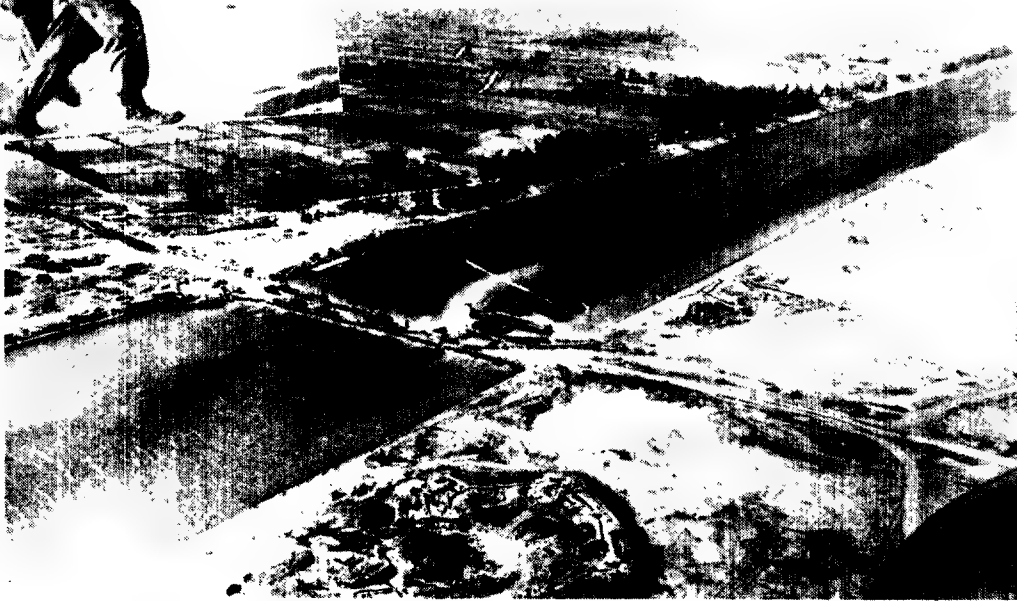
As potências ocidentais propiciam a presença da marinha brasileira na zona, com o pretexto de que a região se encontra ameaçada pelos navios soviéticos que actuam no oceano Índico.

O Atlântico Sul, com a África de um lado e o Brasil e Argentina do outro, é considerado pelo Pentágono e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) como uma zona marítima cuja vigilância tem de ser efectuada pelas suas unidades e pelas dos seus aliados na zona.

No bloco OTAN está a ser estudada a estratégia dos mares do sul e a possibilidade de ser integrada a África Austral na «defesa» dos Oceanos Atlântico e Índico.

A agressiva estratégia naval brasileira no Atlântico Sul está também orientada no sentido de reforçar a sua posição na África Ocidental e ajudar a contrariar o auge dos movimentos de libertação nacional no corno sul africano.

Desde o encerramento do canal do Suez, a causa do conflito israelo-árabe de Junho de 1967, que o Atlântico Sul se transformou para o Ocidente numa área de importância vital para a passagem dos petroleiros de diferentes países que se dirigem aos continentes asiático e africano através da rota do Cabo da Boa Esperança (África do Sul) ponto de reunião de dois oceanos: o Atlântico e o Índico.



Canal de Suez. Apesar da sua abertura, parte do tráfego marítimo em direcção à Europa continuará a efectuar-se através da Rota do Cabo

dem substancialmente do fornecimento do golfo Árabe. Isto sucede igualmente, embora em menor escala, com os Estados Unidos.

Mesmo após a abertura do canal do Suez, parte do tráfego marítimo em direcção à Europa continuará a fazer-se através da Rota do Cabo.

É evidente que a importância estratégica do canal do Suez diminuiu em direcção ao Ocidente, dado que os seus cinco anos não interferiram no tráfego internacional. Além disso, o seu encerramento demonstrou de novo a importância da rota do Cabo para o Pentágono, visto que, no caso de um conflito bélico, a manutenção desta rota permitiria o fornecimento de matéria-prima, principalmente do petróleo do Médio Oriente.

O alto comando militar da OTAN também calculou que ao serem instaladas as bases aere-

entre as ilhas de Cabo Verde, Guiné, Bissau e Angola. Este último país luta actualmente contra a agressão do regime racista da África do Sul, utilizado como ponta-de-lança pelo imperialismo contra os movimentos progressistas no continente africano.

Colaboração militar entre os Estados Unidos e a África do Sul

A República da África do Sul, situada na confluência de dois grandes oceanos (Atlântico e Índico) constitui uma peça vital para a elaboração e desenvolvimento da estratégia marítima expansionista dos Estados Unidos no hemisfério sul.

A África do Sul tem uma linha de costa de mil e novecentas milhas com portos em Durban, East

cada a visita em Janeiro de 1974 a Washington do ministro sul-africano da informação, Cornelius Mulder, que teve reuniões com o vice-almirante Peet, chefe do departamento dos Assuntos de Segurança Internacional do Pentágono, responsável pelo plano estratégico para o Oceano Índico.

Posteriormente, após o derube da ditadura fascista de Marcelo Caetano em Portugal, o chefe de estado-maior das forças racistas sul-africanas, Hugo Bierman, efectuou «uma visita particular aos Estados Unidos» durante a qual se encontrou com o almirante Thomas Moorer, então chefe do estado-maior conjunto das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Os governantes de Pretória, com a ajuda dos seus aliados da OTAN, têm constantemente aumentado o seu potencial bélico nos últimos anos, com o objectivo de manter o regime racista da opressão.

Guiné-Bissau pediu a Portugal linha de crédito de 3,2 milhões

A Guiné-Bissau solicitou ao Banco de Portugal a abertura de uma linha de crédito de 50 milhões de dólares (3,2 milhões de contos) para financiar importações no mercado português, informou a ANOP.

O assunto foi tema central de conversações que o governador do Banco Central Guineense, Vítor Freire Monteiro, teve nos últimos dias em Lisboa com responsáveis do Banco de Portugal e com o ministro das Finanças, João Salgueiro.

Vítor Freire Monteiro disse que tinha encontrado «uma grande abertura» da parte dos seus interlocutores e revelou que as negociações se iniciarão em breve para que a conclusão do acordo possa ocorrer em Janeiro de 1982.

Entre os diversos tipos de bens que o Banco Guineense pretende importar de Portugal, a coberto da linha de crédito, figuram os de investimento, de consumo corrente e os duradouros.

Nos últimos anos a Guiné-Bissau obteve de três bancos portugueses várias linhas de crédito para financiamento de importações no mercado local, mas a mais volumosa ascendeu apenas a quatro milhões de dólares.

Em 1980 o Banco de Portugal tinha aberto a favor de Moçambique uma linha de crédito de cem milhões de dólares, elevada em 1981 para 150 (9750 mil milhões de escudos), destinada a financiar importações no mercado português.

**IMPORTAÇÕES CONTRA-
PARTIDA DE INVESTIMEN-
TOS** — A General Motors foi autorizada a realizar este ano uma importação adicional de 300 milhões de escudos de veículos automóveis, segundo uma resolução publicada no «Diário da República».

Este contingente adicional de importações foi atribuído como contrapartida dos investimentos realizados por uma empresa ligada à General Motors: a Inlan-Indústrias de Componentes Mecânicos.

Esta empresa, que fez um investimento no valor de 4000 milhões de escudos e criou 400 postos de trabalho, fica localizada em Ponte de Soure, sendo resultado da compra das instalações de uma empresa aí situada — a Cimbor.

Produz componentes para automóveis, e deverá fazer exportações no valor de 4000 milhões de escudos por ano.

**CNA CONTRA AUMENTO DOS
ADUBOS** — A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) protestou em Coimbra contra os aumentos registados nos preços dos adubos.

Em nota distribuída pelo exe-

cutivo da sua direcção, a CNA considera essa medida atentatória dos «interesses dos agricultores, da agricultura portuguesa e da economia do País».

A CNA, sublinhando ser este «o pior ano agrícola dos últimos tempos», adianta que a subida de 45 por cento nos preços dos adubos tornará «ainda mais reduzida a produtividade, mais acentuada a queda de produção e maior o volume de importações».

NOVA FÁBRICA NA COVILHÃ — A produção de confecções para senhora vai arrancar no Parque Industrial da Covilhã durante o primeiro trimestre de 1982, nos termos de um contrato celebrado quarta-feira na cidade serrana.

O acordo, estabelecido entre a Empresa Pública de Parques Industriais, e a «AVRI» — Confecções Luso-Francesas, prevê a utilização de um pavilhão com dois mil metros quadrados naquele parque.

Com capitais exclusivamente franceses, a «AVRI» desenvolverá um projecto destinado na sua totalidade à exportação.

A nova unidade industrial criará cerca de 120 novos postos de trabalho.

**CENTRAL ELÉCTRICA NA
MADEIRA** — Três milhões de contos deverá custar a nova central eléctrica a construir na Madeira e que será, junto com a ampliação da pista do aeroporto do Funchal, um dos investimentos mais importantes da ilha, em infra-estruturas.

Em princípio esta central — que não se sabe ainda se vai trabalhar a carvão ou a fuel — será implantada no Caniçal, a cerca de 40 quilómetros do Funchal. A localização da central chegou a estar prevista para o vale da Ribeira das Socorridas mas problemas de poluição forçaram a esta alteração.

Em Lisboa e Porto

Petrogal investe em dois hotéis

Dois hotéis de luxo, em Lisboa e Porto, vão ser construídos pela sociedade Hotelgal, agora constituída com capitais mistos portugueses e estrangeiros e onde avultam posições da Petrogal e de investidores árabes.

Os dois hotéis proporcionarão um total de 550 quartos (350 o de Lisboa e 200 o do Porto) e a assistência técnica é da responsabilidade da cadeia Meridian uma das mais importantes do ramo hoteleiro em todo o mundo.

Estes hotéis pertencem à Hotelgal — Sociedade de Hotéis de Portugal — serão construídos em dois terrenos da Petrogal.

A localização destes terrenos torna-os particularmente adequados para a construção de hotéis, o que, afirmou Moura Vicente, do Conselho de Gerência da Petrogal, foi decisivo para a aprovação do projecto.

«Poderíamos ter uma remuneração mais rápida para o capital investido se construíssemos um

bloco de escritórios mas consideramos que a construção de hotéis com o consequente afluxo de divisas poderia ser muito mais útil para a economia nacional» — adiantou.

O capital social da nova empresa é de 925 milhões de escudos, sendo a parte maioritária constituída pela contribuição da Ditco, empresa com sede na Suíça e que actua como representante de capitais árabes.

A contribuição da Petrogal para a sociedade limita-se aos terrenos, que constituem apenas uma parte do património imobiliário da empresa.

A contribuição da Ditco, será feita em divisas estrangeiras.

O outro participante nesta empresa, fornecendo assistência técnica nas fases de concepção, projecto e construção dos hotéis, será a cadeia francesa Meridien que explora hotéis em 43 cidades do mundo, com um total de 11 679 quartos.

Mário Murteira



a palavra com...

Serras Gago e outros dirão, muito mais profundamente do que eu poderia fazê-lo, como interpretar os resultados de Loures em termos de sociologia eleitoral. Não vou portanto tratar disso. Mas não poderia furtar-me a algo de tão significativo da conjuntura política portuguesa actual, sob pena de poder ser acusado, com alguma justificação, de evitar (em lugar de tratar) nesta crónica os temas de maior importância para a vida dos portugueses. É também desnecessário demonstrar que a «solução» da crise económica nacional só é possível com correspondente «solução» da crise política que tem impedido a emergência duma alternativa à AD, viável em termos de poder.

Na realidade, o acontecimento de Loures é importante como teste das estratégias de oposição à AD. Esta, no caso, até ganhou algo, mas — uma vez mais — sem ser por mérito próprio, antes por virtude (?) de um adversário (?), o PS. O PS que escolheu precisamente a véspera da eleição para dissolver a FRS, com singular sentido de oportunidade.

É por aqui que valerá talvez a pena começar a nossa reflexão. Este grande malogro de Mário Soares e dos seus apoiantes merece bem ser classificado ao mesmo nível dos grandes erros estratégicos cometidos no passado próximo. Recordo alguns (porque, dizem, a memória colectiva é frágil): a aliança PS-CDS no II Governo Constitucional; o derrube do Governo Nobre da Costa que deu passagem ao Governo Mota Pinto; a campanha anti-Eanes, que na prática só poderia ser pró-Soares Carneiro, nas últimas eleições presidenciais.

O caso de Loures — convém ainda recordar — foi também inicialmente ensaio da nova estratégia PS, de inspiração socialista. Tratava-se de derrotar a APU, supondo uma aliança com o PSD. Este, porém, ainda preferiu «regionalizar» a AD e abandonar o PS à sua (pouca) sorte.

A moral da história é agora bem simples e clara: parte substancial do eleitorado anterior do PS abstém-se ou vota à esquerda; quanto ao eleitorado AD, ao que parece, vota no mesmo sítio ou prefere ficar em casa por não ter alternativa mais definida à direita.

Que dizer da coligação UEDS-ASDI? O autor destas linhas é militante do primeiro destes partidos e tem assim o direito e o dever de reservar o seu ponto de vista para o âmbito do próprio partido. Mas é de elemtar bom senso concluir, depois das eleições de 79, 80 e destas, que não há hoje lugar no parlamentarismo português para se afirmarem novos partidos que comecem por ser pequenos. Só circunstâncias excepcionais poderão fazer surgir um partido novo de dimensão significativa à nascença em termos de poder. No entanto, o potencial de votos dum pequeno partido pode revelar-se muito maior numa aliança do que numa apresentação isolada frente ao eleitorado. Quanto a este último ponto — embora a afirmação não seja susceptível de prova experimental — é minha convicção de que a FRS impediu, em 1980, a continuação da queda pronunciada do PS perante o eleitorado, embora a UEDS-ASDI, juntas, apresentando-se directamente no sufrágio, não atinjam percentagem significativa de votos.

Simplemente, dão (ou puderam dar) uma imagem ou expectativa de renovação do PS que, aliás, a experiência não confirmou, longe disso. Arrisco-me mesmo a afirmar que efeito semelhante poderia resultar doulras alianças na área da esquerda, sem estar agora a pronunciar-me sobre a viabilidade ou significação política de tal hipótese.

Dir-se-á que tudo isto é secundário, pelo menos para os que considerem os partidos apenas instrumentos duma política que serve objectivos que os transcendem. Mas não é certamente secundário pôr a questão

Os louros de Loures

da estratégia anti-AD, das suas possibilidades e limites na actual situação da oposição, à luz da experiência de Loures.

Se a experiência de Loures fosse generalizável à escala nacional, dir-se-ia que o comportamento do PS visando o tal «bloco central» provoca na prática resultado bem diferente, isto é, o fortalecimento das duas alianças extremas, a APU e a AD. Não creio efectivamente que se possa generalizar nestes termos simplistas, mas há aqui matéria útil de reflexão. Como sabemos, a ampla aliança popular que os socialistas franceses conseguiram, partiu de um raciocínio bem diferente: o grande designio estratégico de Mitterrand foi realizar a unidade da esquerda — não a do centro — sob a liderança do PSF. Porém, falar hoje da unidade da esquerda em Portugal só provoca sorrisos amargos ou de alívio. Falar de unidade do centro, por seu turno, pode ser útil à direita, como se viu em Loures, mas dificilmente se vislumbra como fazê-lo, com convicção e honestidade mínimas, em nome do socialismo. É também difícil imaginar que entusiasmo poderá provocar no eleitorado a aposta numa parêntese constituída por um cavalo gasto pelo exercício do poder (o PSD) e outro prematuramente envelhecido, feito pileca sem fôlego, que nem sabe para que lado há-de correr (o actual PS). E não se diga que a aliança só se concretizaria depois das eleições, pelo que não iria influenciar o eleitorado. O povo português já mostrou que vota conscientemente (embora possa conscientemente deixar de fazê-lo) e não é enganado com tanta facilidade.

Também não será sensato, de novo, invocar «vagas de fundo» a favor dum PS que não mostra capacidade de renovação.

Por outro lado, não é despropositado reflectir sobre as circunstâncias que permitiram derrotar, nas eleições presidenciais, o projecto de Sá Carneiro. A base eleitoral de Eanes incluiu

um PS sem Soares e, além disso, um PC secundarizado num projecto que — efectivamente — era, com toda a transparência, a defesa das instituições democráticas e da Constituição de 1976. É-me difícil imaginar cenário diferente deste para um projecto amplo que signifique real alternativa de poder à AD.

Isto equivale a reconhecer que se os louros da vitória em ouros vão para a APU, esta continua a não constituir só por si, nem é verosímil que a situação se altere no futuro, a solução alternativa de que a democracia portuguesa dramaticamente carecem. É certo que as forças representadas nessa coligação são o mais forte baluarte da defesa da democracia contra os seus inimigos, mas nem é crível que alguma vez a APU com as suas características actuais obtenha a confiança da maioria do eleitorado nacional, nem sequer que a totalidade dum actual eleitorado de contrapoder subsista como eleitorado dum efectivo candidato ao poder.

Também a recente experiência do declínio do eleitorado do Partido Comunista Francês nos ensina alguma coisa neste aspecto.

Muita coisa haveria a mudar na teoria, na prática e na organização interna do PCP para que a sua base de apoio pudesse assumir expressão comparável àquela que o seu homólogo chegou a adquirir em Itália. E mesmo isso não foi até agora suficiente para alcançar o poder como se sabe.

Se a problemática interna do PS é bem distinta da do PCP, não é razoável admitir que apenas a primeira constitua obstáculo à realização dum largo projecto nacional de mudança orientado pelos grandes princípios da Constituição. Talvez seja papel importante a desempenhar por pequenos partidos como o MDP e a UEDS, insignificantes em termos de luta pelo poder, o de contribuir para que tais obstáculos sejam pacientemente vencidos.

Mas haverá tempo para isso?

Se não for aprovado um programa alimentar

Um quarto da humanidade á beira da fome até ao ano dois mil

Mil milhões de pessoas, um quarto da humanidade actual será implacavelmente atingido pela miséria, pela fome e pela subnutrição, até ao ano dois mil se não for aprovado e rapidamente aplicado um programa alimentar mundial, declarou Edouard Saouma, director-geral da FAO (Organização da ONU para a Alimentação e Agricultura) numa entrevista recolhida pela AFP.

Antes do primeiro «Dia Mundial da Alimentação», comemorado a 16 de Outubro, Saouma apelou à opinião pública mundial para que «tome consciência dos esforços a desenvolver para acabar com o escândalo da fome».

«A fome e a subnutrição impedem qualquer política de desenvolvimento de dar os seus frutos», disse. «Geram a instabilidade e reduzem as possibilidades de manutenção da paz no Mundo».

Insistindo sobre a «necessidade de revalorizar o papel dos

agricultores, e do conjunto das populações rurais infelizmente mantidas afastadas do progresso», Saouma afirmou que não pode haver «um desenvolvimento económico e social autêntico do Terceiro Mundo sem desenvolvimento rural». «O Dia Mundial da Alimentação» apela aos dirigentes políticos e aos povos a tomarem consciência deste imperativo», acrescentou.

Referindo-se à Cimeira «Norte-Sul» que deverá começar na próxima semana em Cancun (México), Saouma congratulou-se pelo facto dessa reunião, tal como a de Ottawa no passado mês de Julho, atribuir agora a mesma importância ao problema alimentar mundial do que a energia: «Não pode haver uma nova internacional sem a instauração duma nova ordem alimentar».

«Foi assim que apresentei à conferência de Paris sobre os países menos avançados os elementos fundamentais dum programa alimentar que deverá

constituir uma plataforma para as negociações de Cancun», disse.

Esse programa sublinha as responsabilidades dos países com défice alimentar e indica-lhes as medidas a tomar no plano institucional, económico e social para se aproximarem a auto-suficiência e para associarem estreitamente os pequenos produtores e camponeses sem terras ao processo de desenvolvimento.

O programa insiste, também sobre «a importância crucial duma reestruturação das trocas internacionais que sofrem de dois males: a deterioração constante, desde há dez anos, dos termos de troca dos países em vias de desenvolvimento e a manutenção de barreiras proteccionistas nos países industrializados».

Saouma deseja nomeadamente o desenvolvimento rápido do novo fundo comum da CNUCED para «atenuar as dificuldades encontradas pelos países

em vias de desenvolvimento na comercialização dos seus produtos».

Interrogado sobre o modelo de cooperação da Convenção de Lomé, Saouma sublinhou o seu «aspecto novo e inovador» e verificou com satisfação que o sector agrícola e rural deverá receber cerca de 40% dos montantes disponíveis. «É preciso encorajar a ideia de alargar o Stabewx (Sistema de Estabilização das Receitas da Exportação) ao conjunto dos países menos avançados».

Saouma não escondeu a sua preocupação perante uma situação alimentar mundial tornada «ainda mais precária» com a recente venda pelos Estados Unidos de importantes quantidades de cereais à URSS. «As reservas mundiais de cereais, concluiu, estão actualmente aquém do nível de segurança mínimo. Duas más colheitas consecutivas podem conduzir a uma crise alimentar muito mais grave do que a anterior.

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CESSÃO DE QUOTA

No dia dezois de Julho de mil novecentos e oitenta e um, no Décimo Nono Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Manuel Rodrigues Mendes de Andrade, Notário neste Cartório, compareceram, como outorgantes, os Senhores:

PRIMEIROS

D.ª Maria do Céu Brito Costa Ferreira Cabral e seu marido, Jaime Manuel Delgado Ferreira Cabral, casados segundo o regime da comunhão de adquiridos, residentes em Lisboa, na Rua Carlos Reis, n.º 34, 1.º esquerdo, naturais de Maçãs de Dona Maria, Alvaláze, e ele da freguesia de São Sebastião da Pedreira, de Lisboa.

SEGUNDA

D.ª Ana Maria de Jesus Esteves da Silva, solteira, maior, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, de Lisboa, residente nesta cidade, na Rua da Verónica, n.º 128, 2.º andar direito;

digo, SEGUNDA

D.ª Maria Teresa Saraiva Cid Rodrigues da Ponte, casada, natural da freguesia de Santo Estêvão, de Lisboa, residente na Rua 3, Cédula Quinze, lote 22, r/c, esquerdo, em Carnaxide, concelho de Oeiras, que outorga na qualidade de sócia-gerente em representação da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada LISLAB-LISBOA LABORATÓRIOS, LIMITADA, com sede em Carnaxide, concelho de Oeiras, qualidade que verifiquei por uma fotocópia, que arquivo, da acta número nove da reunião da assembleia geral extraordinária da mesma sociedade realizada em três de Julho do corrente ano.

Pelos primeiros outorgantes foi dito:

Que a primeira outorgante é sócia da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada LISLAB-LISBOA LABORATÓRIOS, LIMITADA, com sede na Cédula dois, lote dezois, primeiro, em Carnaxide, concelho de Oeiras, constituída por escritura de vinte e seis de Outubro de mil novecentos e setenta e oito, lavrada a folhas oitenta e uma verso do livro de notas F-vinte e oito, do Terceiro Cartório Notarial de Lisboa, cujo capital social, integralmente realizado, é de duzentos mil escudos;

Que no referido capital social, é a primeira outorgante titular de uma quota do valor nominal de vinte e cinco mil escudos, livre de quaisquer ónus ou encargos, a qual cedem à própria sociedade, LISLAB-LISBOA LABORATÓRIOS, LIMITADA, representada da segunda outorgante, pelo preço de vinte e cinco mil escudos, que já recebeu;

Pela segunda outorgante foi dito:

Que aceita para a sociedade que representa a cessão de quota nos termos exarados. Por todos os outorgantes foi ainda dito: Que a dita sociedade não é proprietária de quaisquer bens imóveis. Arquivo uma certidão passada na Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços do Distrito de Lisboa, donde consta que a citada sociedade tem a sua situação contributiva devidamente regularizada quanto à mesma Caixa.

Foi-me exibido o cartão de identificação de pessoa colectiva respeitante à dita sociedade com o número 500816174, emitido pelo Gabinete do Registo Nacional, válido até 28 de Outubro de 1983.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus bilhetes de identidade, que me exibiram, números, respectivamente, 8353559, datado de 8/1/1979, 2176047, datado de 27/11/1980, e 364654, datado de 8/5/1979, todos emitidos pelo Arquivo de Lisboa.

Foi esta escritura lida e explicado o seu conteúdo, em voz alta e na presença simultânea de todos, aos outorgantes.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º Juízo Cível

ANUNCIO

Pela 2.ª secção deste Juízo correm éditos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré DELFIM BATISTA ABRANTES, LD.ª, com última sede conhecida na Buraca, na Av.ª. Camilo Castelo Branco, n.º 34-1.º Dt.º, e actualmente em parte incerta, para, no prazo de VINTE DIAS, findo o dos éditos, contestar a Acção Ordinária n.º 209/80 que lhe move o Banco Pinto & Sotto Mayor, E. P., com sede em Lisboa, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo autor.

Lisboa, 1 de Outubro de 1981

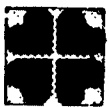
O Juiz de Direito

(a) Fernando Henrique Calheiros Moreira

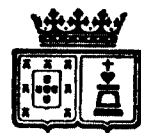
O Escrivã Adjunto,

(a) Rui Manuel Correia Lopes

D.L. — 15/10/81
2.ª Publicação



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR



MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

PROVEDORIA DA CASA PIA DE LISBOA

CONCURSO DOCUMENTAL PARA DOCENTE EVENTUAIS

Estará aberto a partir de 15 do mês corrente, e durante quinze dias, concurso público documental para admissão (de acordo com as necessidades da Instituição) de docentes eventuais portadores de habilitações próprias, dos Ensinos Preparatório e Unificado, nos seguintes grupos:

Ensino Preparatório

Educação Física

Educação Musical

Ensino Secundário Unificado

5.º grupo (Educação Visual)

8.º grupo A (Português)

11.º grupo A (Geografia)

Prestam-se informações na Avenida do Restelo
n.º 1 — 1400 Lisboa

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

VENDA DE SUCATA METÁLICA DIVERSA
E OUTRA Conc. Público n.º 21/81 IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar no dia 28 de Outubro às 11 horas no referido serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 7 de Outubro de 1981

Pel' O DIRECTOR SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

a) J. d'Almeida Ribeiro

NOTARIADO PORTUGUÊS

VIGÉSIMO QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA
MARIA DE LURDES PINTO DAMÁSIO (LIC).

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO QUE: Por escritura de hoje, lavrada de folhas trinta e uma verso, do livro de notas para «Escrituras Diversas», deste Cartório, número QUATRO-B, foi constituída entre DOMINGOS PEREIRA BATISTA e MANUEL DA SILVA MAGALHÃES, residentes nesta cidade de Lisboa, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que ficará a reger-se pelo pacto constante das cláusulas seguintes:

A sociedade adopta a denominação de BASELECTRICA-CENTRO DE TRABALHOS ELÉTRICOS, LIMITADA, tem a sua sede na Rua Vale Formoso de Cima, número cento e vinte e sete A, freguesia de Marvila, concelho de Lisboa, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO

O objecto social é a reparação de material eléctrico, electrónico e electrodoméstico, podendo, de futuro, dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e a lei permita.

TERCEIRO

O capital social é de duzentos mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais de cem mil escudos cada, pertencentes uma a cada um dos sócios.

QUARTO

As cessões de quotas, total ou parcialmente, só poderão ser feitas a estranhos se a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, comunicarem por escrito não pretenderem adquiri-las, reservando-se à sociedade o direito de preferência em qualquer cessão contrária ao estipulado neste artigo.

QUINTO

A gerência da sociedade e sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, com dispensa de caução, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

A sociedade obriga-se validamente com a assinatura de qualquer um dos sócios.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Qualquer gerente, com acordo do outro, poderá delegar em pessoas estranhas à sociedade os seus poderes, no todo ou em parte.

PARÁGRAFO TERCEIRO

A sociedade poderá nomear procuradores, que obrigarão a sociedade nos termos e limites constantes dos respectivos mandatos.

PARÁGRAFO QUARTO

É PROIBIDO AOS GERENTES obrigar a sociedade em actos ou documentos estranhos ou contrários aos interesses sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor ou outros documentos estranhos, digo documentos semelhantes.

SEXTO

No caso de falecimento de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes nomearão um de entre si que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

SÉTIMO

AS ASSEMBLEIAS GERAIS SERÃO CONVOCADAS, quando a lei não exigir outras formalidades e prazos, por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias. Está conforme.

Lisboa, aos dezois de Setembro de mil novecentos e oitenta e um.

O AJUDANTE,
(MARIA DA ENCARNACAO MOREIRA TACO MALHEIRO)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente N.º 66623, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS ACTIVOS DE METILAMINA E DE COMPOSIÇÕES TERAPÉUTICAS CONTENDO OS MESMOS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª
L.D.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
1100 LISBOA



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/2292, Arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Valamonte, concelho de Monforte, de uma linha aérea a 15 KV com 98 metros, do poste n.º 57 da linha Monforte-Valamonte, ao posto de transformação da Estação Elevatória de Águas de Valamonte, da Câmara Municipal de Monforte.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 30 de Setembro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Lancher Nunes



Ministério da Indústria
e Energia
Secretaria de Estado
da Energia e Minas

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mafra em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º PT/5480-1/1, Arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de um prolongamento da linha aérea a 10 KV, n.º 1280/R-1 com 1084 m, entre o PTS n.º 2929 e o PT n.º 5480 em Asseiceira Grande-Roussada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 6 de Outubro de 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Lancher Nunes

ATENÇÃO NOIVAS E DONAS DE CASA

OS GRANDES ARMAZÉNS

JOFRAMA

ANUNCIAM PARA O DIA 19 DE OUTUBRO A
ABERTURA DE UMA NOVA SECÇÃO!

ALCATIFAS E REVESTIMENTOS A PREÇOS DE FÁBRICA E COM ENTREGA IMEDIATA.

- ★ REVESTIMENTOS PLÁSTICOS
- ★ CARPETES
- ★ PASSADEIRAS
- ★ TAPETES
- ★ PAPEL DE PAREDE
- ★ VARÕES PARA REPOSTEIROS (EM MADEIRA E METAL)
- ★ MÁQUINAS PARA LAVAR CARPETES
- ★ ACESSÓRIOS PARA CASA DE BANHO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA
EM LISBOA NA RUA DA MADALENA 215 TEL: 860646

LISBOA — PORTO — VISEU — AVEIRO —
ÉVORA — V.N. FAMALICÃO

JÁ ESTÃO A VENDA

OS NOVOS ARTIGOS ESCOLARES AMBAR

PORTO-LISBOA

agora com a turma ©WALT DISNEY

À VENDA EM TODAS AS PAPELARIAS

DESPORTO

Quais os responsáveis?

«É a última vez que aqui ponho os pés, e até não pago bilhete» — proclamava em ar solene um dos cerca de setenta milhares de frustrados, ontem à noite, à saída do Estádio da Luz.

Minutos depois, na «bicha» dos autocarros para o Campo Grande, dois cidadãos com todo o ar de pacatos «chefes» de família socavam-se raivosamente por questão de «lana caprina».

Fora duma paragem, um autocarro era assaltado entre gritos, empurrões de criar bicho e ameaças tremendas à respectiva tripulação.



Juca: fazendo bem as contas ainda era capaz de repetir os erros...

Apenas três exemplos, entre centenas que poderiam ser detectados, após o descomunal balde de água fria que os assistentes ao Portugal-Suécia em futebol haviam acabado de suportar, lá dentro do estádio do Benfica.

É óbvio que hoje, ânimos mais serenos, a maior parte já está arrependida dos excessos cometidos. Aquele amigo do ar solene voltará de certeza ao futebol, os dois gladiadores, saradas as nódoas negras, poderão até (porque não?) vir a ser amigos.

Tudo há-de esquecer, é essa a tendência dos que ferrem em pouca água, mas esquecer as coisas marginais não implica esquecer os problemas de fundo e esses existem no futebol português como ficou na noite de ontem bem provado.

Desculpem-se os que, com os nervos à flor da pele, comem ou dizem desacatos pela elementar razão de não terem outros meios ao seu alcance.

Mas critiquem-se, fustiguem-se sem dó nem piedade, substituam-se, castiguem-se pelos meios legais, os responsáveis reais. É o mínimo que merece o futebol português, e todos quantos, enchendo os estádios, permitem que ele sobreviva.

Rodrigues Borges

Diversão em Troia melhor que «Prisão»

Juca, assumiu a responsabilidade pelo desaire e defendeu o seu critério seguido para o jogo. «Não temo a crítica», afirmou o técnico. «Acho que ela deve ser contundente, considerar tudo o que se passou no campo e lembrar a infelicidade portuguesa. Estou triste e amargurado (continuou) pelo resultado do jogo e pelas consequências que ele terá no futebol português, pela quarta vez consecutiva arregrado da fase final do mundial.

Juca lamentou a dureza sueca que afastou dois jogadores no primeiro tempo, impedindo-o de refrescar a equipa na fase final do jogo: «Por isso (comentou) não tivemos força para o 'forcing' final».

Sobre o critério seguido para a escolha dos jogadores,

Juca afirmou que voltaria a chamar os mesmos, pois na sua opinião eles eram os que «melhores garantias» davam para derrotar a Suécia. Juca evocou as hipóteses matemáticas para qualificação portuguesa, mas reconheceu que elas são diminutas, em face do melhor «goal-average» da Irlanda do Norte.

O técnico sueco Lars Arnesson comenta com ironia as alusões feitas pela imprensa portuguesa ao comportamento dos seus jogadores no estágio de Tróia, salientando que «final, os portugueses é que não tiveram forças para forçar o ritmo nos últimos dez minutos. Estivemos em Tróia para treinar e treinámos mesmo, pois a diversão só aconteceu durante períodos de lazer» — explicou.

E agora, Portugal?

As hipóteses de Portugal estar em 1982 em Espanha na fase final do Campeonato do Mundo são demasiado remotas, embora possíveis. Após a derrota de ontem Portugal poderá conseguir o máximo de nove pontos caso ganhe em Israel e vença a Escócia, em Lisboa. A Irlanda do Norte tem sete pontos em sete jogos, apenas lhe faltando receber Israel, pelo que poderá totalizar igualmente o máximo de nove. Assim, se Portugal ganhasse os dois jogos que lhe faltam, o que não será tarefa fácil, e a Irlanda do Norte não ganhasse (bastaria que cedesse um empate) a Israel (em Belfast) a selecção portuguesa seria apurada para Espanha. Caso a Irlanda do Norte vença Israel, como é de prever, o apuramento de Portugal estaria dependente do «goal-average» entre as duas selecções, e actualmente a situação portuguesa é claramente desfavorável: 5-6 para Portugal, 5-3 para a Irlanda do

Norte. Deste modo, Portugal só se qualificaria se conseguisse não só ganhar os dois jogos como marcar muitos golos, o que será ainda tarefa futebolística mais difícil.

Teoricamente (como se vê) Portugal não está ainda afastado da fase final do Campeonato do Mundo, mas na prática as hipóteses são demasiado remotas. A Irlanda do Norte é de novo a grande candidata a acompanhar a Escócia em Espanha, porém, a Suécia, poderá ainda esperar deslocar-se a Espanha. Tudo depende dos outros. Se Portugal não vencer os dois jogos que lhe faltam (basta que perca um deles) e Israel for surpreendentemente vencedor a Irlanda do Norte (em Belfast) os suecos estarão em Espanha. Porém, as hipóteses suecas são ainda bem menores do que as esperanças portuguesas. Na prática, apenas Israel, próximo adversário de Portugal, está afastado de Espanha em 1982.



Chalana: quis vencer (fisicamente) Andreas Ravelli e ficou inutilizado para quatro semanas...



As quinhentas, Jordão funcionava como «back» e Humberto Coelho era o ponta de lança!

Suécia vence no Estádio da Luz: 2-1 ao onze das quinas

Cavalos de Tróia

Ciclicamente, pega-se no bom rapaz, no puro mocetão, nesse homem honesto que é Eusébio e dá-se-lhe mais uma volta, arraja-se uma qualquer motivação (medalha, diploma, estatueta, fita de nastro) e aí o temos, novamente, sempre, estandarte erguido como se o futebol de 1966, a saltar da casca, vivinho como sardinha, ainda existisse 15 Outonos vergados.

Ciclicamente, neste país travessamente implantado de costas para a Europa da gente crescida, arranjamos maneira de brincar como os garotos de primária: os partidos fazem e desfazem alianças, os seleccionadores de futebol cismam na sua tamanquinha e, mesmo que o Mundo inteiro veja que eles não sabem nadar, deixam-se ir por água abaixo sem pedirem piloto para o navio.

Ciclicamente, meio Portugal junta-se à mesa de café e faz contas; não aparece uma só alminha que não chegue à conclusão prévia de que temos apressadamente de marcar lugar no comboio e quarto em hotel de três estrelas para estarmos de braço dado com o futebol adulto, com o futebol made in Germany ou marca Brasil, com o futebol que praticavam Yazalde e Cubillas, Seminário e o pobre Lúcio. No nosso alinhavar de números e palpites, eternos totobolistas que todos somos, milhões de esclarecidos que moram em cada um dos nossos becos mal iluminados, esquecemos como a pobre rapariga de pote à cabeça viu surgir um Juca (perdão: uma curva de estrada) e o barro espalhar-se derramando o azeite pela estrada fora.

Ciclicamente, esta santa terrinha que passa a vida a recordar Cabral e Vasco da Gama, Afonso e Sancho, o quarto João e a piedosa rainha, debriça-se sobre a história, passadista e congemina sonhos e miragens, como se hoje o caminho de todos nós não estivesse já virado para as estrelas e permanecesse ainda envolto em bruma, esperando um Sebastião, um Quixote, um qualquer senhor que descerá das serranias para ensinar os papalvos a andarem só com dois pés no chão.

Desta feita, o bobo da corte chamou-se futebol. Jogo de milhões, prazer de ricos e andrajosos, tinham também de conhecer todas as faces de um cubo, desses que dão voltas e mais voltas até se encontrar a face polida e branca. Futebol, cá para a malta que manda nele, é assim a modos que qualquer coisa de trans-

cendente, que só está ao alcance de meia dúzia de iluminados, como se Tavares da Silva tivesse tirado curso na Sorbonne, Cândido de Oliveira deixasse o nome nos cadernos diários de Oxford, Ricardo Ornelas desfilasse ainda hoje no pátio da Universidade de Harvard e Ri-

equacionando indústrias e comércio. Logo, não havendo mais Eusébio nem Matateu nem Travessos nem Hernâni, tendo João Alves a contas com uma lesão e muita gente ainda inapta para tão grande cometimento, era forçoso (impunha-se até perante olhar vesgo) solicitar o con-

hoje um homem tremendamente marcado por desconfianças e suspeitas, temores e vaidades. Juca, para estar de bem com a consciência própria e não sair pela porta dos fundos de um futebol que tanto dignificou como praticante, só tem um rumo na bússola, depois do teste público que ontem apresentou perante a reprovação geral.

Não lembrava ao Diabo aquela de jogar à defesa um encontro que era obrigatório ganhar. Meter «backs» por atacado, trinco e ferrolho, tranca e barreira, alçapão e arame farpado. O que era preciso, muito simplesmente, eram golos. Fabricá-los (por Oliveira) e concretizá-los por um Jordão e um Nenê que pudessem esperar da tabelinha soberana com Manuel Fernandes o corte de veleidades na rapaziada contrária, que estivera de papo para o ar ao sol de Tróia, ou ao lusco fusco das boites bebendo whisky e desfrutando do produto local em matéria de amor. Enquanto os pequenos latações da Suécia levaram a coisa como deve ser entendida a nível amador (água fresca, golfe, tiro ao alvo e matraquilhos como alívio de tensão) os pobres escolhidos por Júlio Cernadas Pereira ficaram enclausurados num hotel durante duas semanas, com a cabeça já de roda de tanto verem as mesmas caras, à mesma hora, de não chegar à sua banda, o homem que toda a imprensa reclamava em uníssono. Chegou-se ao cúmulo (passível do grande tribunal popular) de se travar o campeonato por duas semanas, ficando uma porção de clubes de credo na boca e mão colada ao rabo, sem um centavo na tesouraria e todo o estendal de dívidas a somar juros de mora.

Foi inacreditável tudo isto: autorizado por quem de direito, certamente com uma certa dose de confiança em Juca e nos seus processos. Afinal defraudada a credencial recebida, que resta hoje a um responsável que queira permanecer vertical perante a plateia?

Evidentemente que, lá para os seus botões (ou no círculo de idolatrantes) Juca estará a pensar descalçar a bota atirando para a frente com a

Continua na pág. 19



Amaral: entrada à força do homem forte de Setúbal

beiro dos Reis se gabasse dos estudos feitos em Cambridge. Futebol, queiram ou não os privilegiados que depois de terem dado (ou não) meia dúzia de chutos direitos (ou tortos) regula-se somente por 17 leizinhos e vive, em tudo o mais, de tática e técnica, de habilidade e de força física, de cabecinha pensante e pernas velozes, de pulmões cheios de ar e coração ansioso de conquistas, ambicioso como o maltrapilho que desce à arena e dá um capotazo, sonhando ser pescado de espontâneo a figura, da pobreza para a fortuna. Futebol é como tudo que representa arte: não consta que Picasso tivesse andado no curso de desenho nem nos lembra que Camões andasse com o «canudo» de rima a metro. Mas (alto aí!) exige um mínimo de conhecimentos, de respeito pelos compêndios, de actualização com as fórmulas. Daí que existam, no lote de técnicos como no monte de praticantes, os Jucas e os Oliveira. Isto é: os teimosos, os fechados nas suas arcas e os fora-de-série que, como Vieira da Silva ou Fernando Pessoa, poucas vezes se repetem na mesma geração.

Sabia-se (toda a gente se fartou de lembrar isso aos ouvidos do bem remunerado e optimamente rodeado) seleccionador nacional de futebol que convinha fazer alinhar perante a Suécia o melhor que fosse possível em matéria de luso pontapé na bola, porque o joguinho não era a feijões e envolvia múltiplos interesses,

curso dos melhores de momento: Oliveira e Manuel Fernandes, tal como o pé canhão de Sousa, eram (logicamente) imprescindíveis, desde que estivessem au point em matéria de condição física e não apresentassem objecção de consciência para a labuta. Mas bem pregou Frei Tomás: Juca fez ouvidos de mercador e ainda ontem, quando hoje já principiava, barafustava dentro do seu erro imaginando que era um onipotente, um onisciente, um inultrapassável que estava disposto a repetir o erro da não chamada ao activo de Oliveira e Manuel Fernandes e Sousa, como se brincar com um espectáculo que se vende a 1750 escudos por lugar à chuva ou ao sol, pudessem ser a quotidiana marioneta dos marretas, que tanto se dá que caia para a esquerda como para a direita. Juca, não ligando a uns largos milhões de admiradores do jogo-rei, batendo com a porta na cara a umas centenas que lhe rogavam que metesse Oliveira no miolo do «team», a umas dezenas que quase esmolaram a graça de uma convocação temporária, nada mais fez que apressar a desilusão que está a ser aquele fabuloso cabecinha de ouro que, por ironia do destino, é

Portugal: Bento (Amaral, na 2.ª parte); Gabriel, Humberto, Eurico e Pietra; Carlos Manuel, Shéu, Romeu e Chalana (Costa aos 15 m); Nenê e Jordão.

Suécia: Thomas Ravelli; Hallen, Hyssen, Boerjensson e Erlandsson; Andreas Ravelli (Person, aos 83 m), Borg e Bjoerklund; Larsson, Boerjensson (Nilsson, aos 80 m) e Holmgren.

Árbitro: Ronald Bridges (País de Gales). Cartões amarelos: Holmgren, Erlandsson, Larsson, Andreas Ravelli, Boerjensson e Pietra. Golos: Larsson (39 m), Pietra (74) e Persson (89).

DESPORTO

Futebol europeu chuta para o mundial

Escócia: empate na Irlanda do Norte é passaporte garantido para Espanha



Eusébio: a íntima condecoração

Eusébio ficou satisfeito mas triste pelas circunstâncias em que recebeu ontem o Colar de Mérito Desportivo. Eusébio lamentou a derrota de Portugal, a qual ensombrou a sua festa particular. Embora ainda possa manter esperanças de qualificação, não há dúvida de que mais uma vez ficou adiado o regresso do futebol português ao mais alto nível internacional — comentou Eusébio. Ao contrário do que estava previsto, a condecoração de Eusébio pelo Primeiro-Ministro Pinto Balsemão não foi pública e os 80 mil espectadores do jogo só se aperceberam dela quando o jogador subiu ao relvado a pedido dos fotógrafos.

MICROSEPIO

Andebol: Barcelona versus Benfica

O Barcelona (Espanha) é o próximo adversário do Benfica na 2.ª eliminatória da Taça das Taças de Andebol, por sorteio efectuado em Basel (Suíça). O jogo da 1.ª «mão» disputa-se em Barcelona, entre 9 e 15 de Novembro e o segundo em Lisboa, de 16 a 22 do mesmo mês.

A equipa portuguesa ficou apurada para esta eliminatória ao vencer o Liverpool (Inglaterra) nas duas «mãos» da eliminatória inicial por 37-12 e 38-17, em encontros efectuados em Almada e Liverpool, respectivamente.

Xadrez: Mundial feminino

As soviéticas Maya Chuburdanize e Nana Aleksandria, estão empatadas a 5,5 pontos ao fim do 11.º jogo, a contar para a final do campeonato Mundial de Xadrez feminino.

A Irlanda do Norte carregou sobre a Escócia, num Windsor Park esgotado, mas o resultado ficou em branco e a Escócia, com o ponto obtido, assegurou a qualificação para Espanha no nosso grupo europeu.

O jogo de ontem decorreu entre fortes medidas de segurança militar e perante 33 mil pessoas e o passaporte escocês para Espanha ficou a dever-se a um alívio do defesa Asa Hartford sobre a linha de golo, aos 13 minutos, e à defesa do guarda-redes Alan Rough, no derradeiro minuto de jogo, a remate do irlandês McIlroy. A Escócia teve três oportunidades para marcar, nos primeiros 45 minutos, mas foi o irlandês McIlroy quem desperdiçou (43 minutos) a melhor hipótese de golo.

A Irlanda do Norte iniciou a 2.ª metade da partida com ataques em série, mas os escoceses foram recuperando lentamente e aliviaram a pressão, tanto assim que foi Steve Archibald quem atirou (62) um remate muito perigoso a rasar a barra. Hartford salvou a derrota escocesa (77 minutos) «segurando» um remate sobre a linha de golo e a defesa visitante teve que se aplicar a fundo para evitar, nos últimos minutos, o golo irlandês. A selecção escocesa jogou então claramente para defender o ponto que lhe garantia a presença em Espanha.

O treinador escocês, Jock Stein declarou em Belfast que a qualificação do seu país para o mundial de futebol de 1982 «não foi por sorte, mas por ser a melhor equipa no grupo seis». Estou particularmente feliz por termos conseguido a qualificação sem derrotas, tanto em casa como fora. Não dependemos de ninguém, a não ser de nós, para alcançarmos o apuramento», sublinhou.

Sob a arbitragem do soviético Viktor Butenko, as equipas alinharam:

Irlanda do Norte: Jennings; Jimmy Nicholl, Chris Nicholl, John O'Neill e Donaghy; McCreery, McIlroy e Martin O'Neill; Brotherson, Armstrong e Hamilton.

Escócia: Rough; Stewart, Miller, Hansen e Gray; Souness, Strachan e Daiglish; Archibald, Hartford e Robertson.

A classificação no Grupo 6

está, neste momento, assim ordenada:

	J.V.E.D.	G.	P.
Escócia	7 4 3 - 8-2	11	
Suécia	8 3 2 3 - 6-8	8	
Ir. Norte	7 2 3 2 - 5-3	7	
Portugal	6 2 1 3 - 5-6	5	
Israel	6 - 3 3 - 2-8	3	

Faltam, ainda, os seguintes encontros: Israel-Portugal, (28-10); Irlanda do Norte-Israel, (18-11), e Portugal-Escócia, (18-11).

Meszaros inviolável

A Hungria impôs-se categoricamente à Suíça, por 3-0, em jogo do grupo quatro. No jogo de ontem, em Budapeste, a turma suíça nunca significou perigo para a selecção húngara, que venceu por 1-0 ao intervalo. Apesar do esforço dos futebolistas suíços, a equipa húngara foi superior em todos os aspectos.

Aos 18 minutos Nyilasi inaugurou o marcador, numa jogada individual em que praticamente entrou com a bola pela baliza suíça. Quatro minutos após o intervalo, o mesmo Nyilasi elevou para 2-0, interceptando com oportunidade um atraso de um defesa suíço para o seu guarda-redes.

Aos 60 minutos o 3-0 surgiu com um remate de Fazekas, que recebeu a bola desmarcado diante da baliza adversária, nas redes húngaras, Meszaros, que alinha no Sporting, não teve muito trabalho e manteve a sua baliza inviolada.

Sob a arbitragem do turco Tokat Talat e perante 80 mil pessoas, as equipas alinharam: Hungria: Meszaros, Szanto, Kerekes, Garaba e Toth, Mueller, Nyilasi, e Sallai; Fazekas, Toeroecsek e Kiss (N. Kerekes, 64).

Suíça: Burgener; Luedi, Zappa, Egli, Herbert Hermann; Wehrli, Barbais (Luethi 68), Botterno; Heinz Hermann, Elsener (Helia, 33) e Sulser.

Classificação actual no grupo quatro:

	J.V.E.D.	G.	P.
Hungria	6 3 2 1 - 9-6	8	
Ingla.	7 3 1 3 - 12-8	7	
Roménia	7 2 3 2 - 5-5	7	
Suíça	7 2 2 3 - 9-12	6	
Noruega	7 2 2 3 - 7-11	6	

Próximos jogos: 31 Outubro: Hungria - Noruega; 11 Novembro: Suíça - Roménia; 18 Novembro: Inglaterra - Hungria.

Islândia faz amargos de boca

A Islândia conseguiu pela 2.ª vez consecutiva, contrariar as esperanças do adversário, obtendo um empate (2-2) em Swansea, frente ao País de Gales, no grupo três. A qualificação do País de Gales, seriamente ameaçada pela União Soviética e Checoslováquia, reside no desfecho do encontro a realizar com os soviéticos.

O País de Gales iniciou o encontro balanceado para o ataque, procurando uma vitória robusta, e logo aos 23 minutos conseguiu o 1.º golo, por intermédio de Robbie James. O bom momento da equipa local «apagou-se» com a falta de luz; a dois minutos do termo da 1.ª parte, devido a uma avaria técnica, tendo o jogo sido interrompido durante 42 minutos. No reatamento, o islandês Sigurvinsson (46 minutos) igualou o marcador. O jogador do Bayern recebeu junto ao poste um passe do seu companheiro Arnor Gudjohnsen, limitando-se a empurrar a bola para o fundo da baliza.

Aos 54 minutos, o País de Gales passou para o comando, quando Alan Curtis (de cabeça) deu a melhor sequência a um pontapé de canto marcado por Leighton James, mas sete minutos depois a igualdade foi re-

posta por Sigurvinsson, que desferiu o remate a 20 metros da baliza, numa jogada em que interveio novamente Gudjohnsen.

Mike England, treinador da selecção do País de Gales, ordenou a substituição de Carl Harris por Ian Rush, aos 64 minutos, o qual teve uma oportunidade de marcar, mas o guarda-redes islandês defendeu sobre a linha de golo.

Sob a direcção do árbitro finlandês Arto Ravander, alinharam:

País de Gales: Davies; Nicholas, Jones, Ratcliffe e Mahoney, Charles, R. James e Harris; Walsh, Curtis e L. James.

Islândia: Baldursson; Halldorsson, Oskarsson, Ormsley e Geirsson; Jonsson, Gudlaugsson e Edvaldsson; Gudjohnsen, Sigurvinsson e Bergs.

Classificação actual:

	J.V.E.D.	G.	P.
País de Gales	7 4 2 1 - 12-4	10	
União Soviética	5 4 1 0 - 14-1	9	
Checoslováquia	6 4 1 1 - 14-3	9	
Islândia	8 2 2 4 - 10-21	6	
Turquia	8 0 0 8 - 1-22	0	

Próximos jogos: 28 Out: URSS-Checoslováquia; 18 Nov: URSS-País de Gales; 29 Nov: Checoslováquia-URSS.

Dinamarca ganha na Grécia

Em Salónica, a Dinamarca, já afastada da Espanha, derrotou a Grécia por 3-2, praticamente anulando as esperanças locais de um lugar para o mundial de 1982.

A Itália e a Jugoslávia são cada vez mais favoritas à qualificação neste grupo e, para a Dinamarca, esta foi a última partida com oito pontos em oito jogos. A vitória foi para os dinamarqueses uma espécie de desforra, pois os gregos haviam triunfado (1-0) em Copenhaga, há um ano.

Classificação actual do grupo:

	J.V.E.D.	G.	P.
1.º Jugoslávia	5 4 0 1 - 14-5	8	
2.º Itália	5 4 0 1 - 9-3	8	
3.º Dinamarca	8 4 0 4 - 14-11	8	
4.º Grécia	6 3 0 3 - 8-10	6	
5.º Luxemburgo	6 0 0 6 - 1-17	0	

Holanda: passo em frente

A Holanda ganhou a um velho rival, a Bélgica, por 3-0, mantendo as esperanças quanto ao apuramento para a fase final do mundial, ao ascender ao 3.º lugar do grupo dois. A Bélgica, que já se encontra qualificada, mantém a liderança do grupo.

O encontro, o 112.º entre os dois países desde 1905, perdeu todos os atractivos após a marcação do 3.º golo, aos 54 minutos, por Geels, depois de Metgod (aos seis) e Van Kooten, (aos 26) terem colocado a Holanda em vantagem.

A Bélgica produziu muitos lances de ataque, em especial na 1.ª parte, mas não encontrou a finalização adequada e, perante uma agressiva equipa holandesa, os belgas ripostaram e tiveram um jogador expulso (Walter Meeuws) aos 40 minutos, por agressão a Metgod, que marcou o 1.º golo ao receber um passe de Van Kooten. O 2.º tento nasceu de uma jogada individual de Van Kooten, que depois de fintar a defesa adversária desferiu um remate sem hipóteses para o guarda-bela.

No 2.º tempo a Bélgica optou por uma tática diferente, explorando o contra-ataque, mas isso não evitou que a Holanda elevasse de novo (aos 54 minutos) por Geels, que havia substituído Van Kooten.

A Holanda, que continua sem sofrer uma derrota em casa desde que perdeu com a Inglaterra em 1969, mantém ainda esperanças de garantir a pre-

sença em Espanha se ganhar à França, em Paris.

Sob a direcção do árbitro escocês Brian McGinlay, as equipas alinharam:

Holanda: Van Breukelen, Metgod, Krol, Van de Korput e Hovekamp, Thyssen, Neeskens e Muhren; Ling, Van Kooten (Geels) e Rep.

Bélgica: Pfaff; Renquin, Meuwis, Luc Millecamps e Gerets; Vercauteren, Snelders (Plessers) e Vandereycken; Marc Millecamps, Voordeckers (Cluytens) e Czerniatinski.

Irlanda hipóteses

A República da Irlanda concluiu a sua participação no Grupo Dois de qualificação para o «Mundial» com uma vitória sobre a França, por 3-2, em Landsdowne Road (Dublin). Os irlandeses (com dez pontos em oito jogos) têm ainda hipóteses de qualificação, mas os franceses (seis pontos, seis jogos) se vencerem os jogos que lhes faltam, em casa com a Holanda e Chipre, acompanharão os já apurados belgas na viagem até Espanha.

Frank Stapleton, com dois golos aos cinco e 23 minutos, abriu o caminho para o triunfo local, apesar do golo francês do estreante Bellone, aos oito minutos. O público irlandês sossegou com o 3.º golo da autoria de Robisson ainda antes do intervalo (40), graças a um deslize de Janvion, mas sofreu nos últimos sete minutos, depois de Platini ter reduzido a desvantagem. No último minuto do encontro Didier Six esteve à beira de alcançar o tento do empate, mas o guarda-redes McDonagh desviou com êxito um remate do avançado francês.

Sob a direcção do árbitro sueco R. Ericsson, alinharam: REPÚBLICA DA IRLANDA: McDonagh; Langan, O'Leary, Moran e Hughton; Whelan, Martin e Lawrenson; Brady, Stapleton (Givens, 85) e Robinson.

FRANÇA: Casteneda; Janvion, Bossis, Mahut (Bracci, 68) e Lopez; Girard, Christophe (Six, 75) e Larios; Platini, Couriel e Bellone.

Classificação actual:

	J.V.E.D.	G.	P.
Bélgica	8 5 1 2 - 12-9	11	
Rep. da Irlanda	8 4 2 2 - 17-11	10	
Holanda	7 4 1 2 - 11-5	9	
França	6 3 0 3 - 14-8	6	
Chipre	7 0 0 7 - 4-25	0	

Próximos jogos: 18 Nov.: França-Holanda; 5 Dez.: França-Chipre.

RFA em Espanha

A Alemanha Federal venceu em Viena a Áustria, por 3-1 e assegurou a vitória no grupo europeu de apuramento para o Mundial de 1982. O 2.º lugar no seu grupo vai disputar-se entre a Bulgária e a Áustria. Estas duas selecções defrontam-se em Sófia (no próximo dia 11 de Novembro).

Perante 70 mil espectadores que esgotaram o Estádio Prater, em Viena, a RFA não teve grande dificuldade em vencer. Ao intervalo liderava por 2-1, depois de os austríacos apenas terem saboreado durante um minuto a vantagem de 1-0 no marcador. Schachner inaugurou o marcador (aos 16 minutos) mas logo no minuto seguinte Littbarski igualou para a RFA, para três minutos depois Magath elevar para 2-1, a favor dos campeões europeus.

Peter Littbarski, estreante na selecção germânica, foi o autor de dois golos numa exibição de conjunto bem superior à dos austríacos.

Litbarski foi particularmente brilhante no 1.º tento, com um «chapéu» sobre o guarda-redes Konkilia.

Soba a arbitragem do belga Alex Ponnet, as equipas alinharam:

Áustria: Konkilia; Dihanich, Weber, Pezzey, Mirnegg; Hattenberger, Prohaska, Jara, Hinternaier, Schachner e Krankl.

RFA: Schumacher; Stielike, Briegel, Foerter, Kaltz; Magath, Breitner, Dremmler; Rummenigge, Fischer e Littbarski.

Bulgária a um passo

Dois golos no 2.º tempo deram hoje à Bulgária uma vitória em Tirana (Albânia) que mantém as suas esperanças de apuramento para o mundial. Slavkov marcou aos 50 minutos e Mladenov, a cinco minutos do termo, confirmou o triunfo búlgaro, com 2-0, perante 30 mil pessoas, lotação esgotada, no Estádio Qemal Stafa.

Classificação actual deste grupo:

	J.V.E.D.	G.	P.
RFA	6 6 0 0 - 21-3	12	
Áustria	7 5 0 2 - 16-6	10	
Bulgária	6 4 0 2 - 11-6	8	
Albânia	7 1 0 6 - 4-14	2	
Finlândia	8 1 0 7 - 4-27	2	

Próximos jogos: 11 Novembro: Bulgária - Áustria; 18 Novembro: RFA - Albânia; 22 Novembro: RFA - Bulgária.

Demissão arbitral

Inácio de Almeida, a poucos meses da obrigatória abdicção (limite de idade era em Fevereiro), pediu a demissão dos quadros arbitrais.

Alberto: como é?

O inacreditável terá acontecido com o «internacional» benfiquista Alberto: «estive sete meses a treinar com uma perna partida», garante o jogador, recém-vindo de uma clínica parisiense onde lhe foi recomendada uma nova intervenção cirúrgica, já marcada para 5 de Novembro...

Particular

A Espanha derrotou o Luxemburgo por 3-0, em jogo particular de futebol integrado na preparação da selecção espanhola para o Mundial de 1982. Perante 15 mil pessoas, em Valência, os golos foram marcados por Ufarte (aos 58 e 81 minutos) e por Saura (aos 75).

Qatar impressiona

O Qatar ficou apurado para disputar a final do Campeonato do Mundo de Futebol júnior, com a RFA, ao vencer surpreendentemente a Inglaterra (por 2-1) em encontro da meia-final efectuado em Sidney. No outro encontro da meia-final a RFA derrotou a Roménia por 1-0 (após prolongamento) com um golo de Schoen ao 103.º minuto de jogo.

A equipa do Qatar tem sido a grande revelação do torneio ao eliminar sucessivamente o Brasil e a Inglaterra, apontados como dois dos grandes favoritos.

Plano «Laranja»

Um plano de ajuda com o nome de «Laranja-82», que contém quatro tipos de serviços, funcionará durante o «mundial» de futebol de Espanha, em 1982. O plano de ajuda contará com serviços de sanidade e socorismo, ordem, salvamento e informação ao público. No plano estarão envolvidos cerca de dois mil voluntários, na sua maioria procedentes de organizações juvenis, que prestarão serviços de protecção civil.

Os voluntários ajudarão as forças da ordem pública numa possível evacuação, identifica-

Continua na pág. 19

com Tudor

acerta em cheio!

1 Portugal-Suécia (ao intervalo)	2
2 Portugal-Suécia	2
3 Nigéria-Argélia	2
4 Roménia-Suíça	2
5 RDA-Polónia	2
6 Áustria-RFA	2
7 Albânia-Bulgária	2
8 Holanda-Bélgica	1
9 Irlanda-França	1
10 País Gales-Islândia ...	X
11 Hungria-Suíça	1
12 Grécia-Dinamarca	2
13 Irlanda do Norte-Escócia	X

baterias-pilhas

DESPORTO

PONTA ESQUERDA

"Chicotada" albicastrense

O antigo futebolista «internacional» Jaime Graça inicia hoje a orientação do Benfica e Castelo Branco, substituindo o treinador Jacinto Marques, afastado ontem. A rescisão do contrato da direcção do clube albicastrense para com o antigo técnico surgiu em consequência da má carreira da equipa no campeonato da 2.ª divisão. O Benfica e Castelo Branco alcançou apenas uma vitória e um empate a dois golos. Jaime Graça, que fez parte da equipa dos «magriços», orientou o Comércio e Indústria, de Setúbal, e o Oliveirenses, dos Açores.

Derby: fim de um gigante

O Derby County, que apenas há seis anos foi campeão da Liga Inglesa de Futebol, encontra-se em situação financeira tão difícil que os seus cheques deixaram de ter cobertura bancária. O Derby, actualmente a disputar a 2.ª divisão, está com um défice equivalente a cerca de cem mil contos. O clube colocou já dez dos seus jogadores em lista de transferências para tentar recuperar da crise financeira.

Fujam dos ingleses!

Vários incidentes assinalaram, em Sidney, o encontro de futebol entre o Qatar e a Inglaterra para o Mundial de Juniores, quando os adeptos da equipa britânica invadiram o recinto de jogo. A invasão ocorreu no decorrer do 2.º tempo quando o Qatar venceu já por 2-1 (resultado final).

O futebolista Badir Bealel, um dos jogadores mais cotados do Qatar, sofreu ferimentos na nuca ao ser atingido por uma garrafa de cerveja, e o seu técnico, o brasileiro Evaristo Macedo, foi selvaticamente agredido.

É uma desgraça. Mas foi uma sorte não terem matado nenhum jogador — disse um dirigente do Qatar, que criticou a organização pela falta de segurança do estádio depois da recente invasão dos adeptos ingleses no encontro com a Argentina. Bealel, o jogador mais atingido durante a batalha campal, foi o autor do golo inaugural, aos 11 minutos de jogo.

James Hunt: passem muito bem

O antigo piloto de fórmula um e campeão do Mundo de condutores James Hunt recusou a proposta de 2,6 milhões de libras esterlinas que lhe fez a «Brabham» para regressar à competição.

Por muito tentadora que seja esta oferta (declarou James Hunt), decidi continuar a viver a vida. Não vale a pena arriscá-la por dinheiro de que se não precisa. Quando se está morto não se pode gastar a fortuna. Reflecti seriamente na proposta, ter-me-la agradado bastante voltar à competição com o melhor carro que existe actualmente e que creio é, o «Brabham». Mas não volto.

Basquetebol:
Santiago no Atlético

O basquetebolista «internacional» Santiago assinou contrato por uma época com o Atlético Clube de Portugal, da 1.ª divisão da modalidade. Santiago, extremo que alinhou a época transacta pelo Sporting, irá reencontrar-se com o seu antigo colega de equipa, o norte-americano John Fultz, que assinou recentemente pela equipa de Alcantara.

Com esta aquisição, o Atlético passa a contar com um «plantel» de 12 jogadores.

A equipa do Atlético, com o novo reforço, passa a ser constituída pelos seguintes jogadores:

Fultz, Santiago, João Seica, Artur Leiria, José Gomes, Ezequiel Mendes, Luís Coelho, José Vítor, Carlos Freire, António Leiria, Álvaro Mota e José Mota.

Cifistas em acção

No pavilhão da Tapadinha a equipa feminina do CIF enfrenta hoje às 19 horas, em jogo da segunda «mão» da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Basquetebol (feminino), a turma inglesa do Southgate College, com a qual perdeu em Londres por 59-50) resultado que possibilita reclassificação pelas pupilas do jornalista e técnico Vítor Hugo.



Pietra: um dos dois magníficos (o outro foi Gabriel) assina, de cabeça, o golo que foi ténue réstea de esperança

Suecos ao sol da Luz

Continuação da pág. 17

parva lesão de um Chalana que, **pequeno genial** todo impulso e talento, deveria ter sido previamente aconselhado a não entrar em birrinhas com o calmeirão que estava pela barba danadinho de fazer o árbitro condescender com o jogo duro, o único que favorecia a Suécia. Claro que, esperto como sempre foi, Juca deve rodear-se do **maluco** mergulho de Bento aos pés aticados de um contrário para encontrar nova desculpa: e sacudir a água do capote, que já estava encharcado ainda antes de chover sobre este Portugal futebolístico uma carga de picaretas.

Mas, não fossem Gabriel e Pietra, fazendo um golito, cortando meia-dúzia e lutando como heróis abandonados na planície à carnificina e a esta hora, debruçados sobre um vale de lágrimas, teríamos de observar por vidro opaco toda aquela triste selecção Juca-riana que não é (de modo algum) o reflexo, o espelho, do futebol que (felizmente) ainda sabemos ou podemos apresentar a juízo.

Juca conseguiu, não apenas destruir alguns pedaços

de nervo nacional mas, mais longe, atirar o Benfica para a tristonha situação de não saber quem apresentar perante o Bayern, agora que duas pedras moram na enfermaria da Luz e (parece) os médicos da loja não dão vasão a todo o serviço.

Erros dele, má fortuna permanente, cisma de finca pé: a tudo se obriga Juca a sofrer, desde o instante em que (algodão nos ouvidos e bengalina como um cego) não ligou a mais nada que não fosse ao seu capricho. Ele, meu tão aplaudido jogador de uma década, meu colega de curso nas tais triviais (ou altas) viagens até um curso como treinador, está hoje debruçado sobre a Rocha Tarpeia. Esperemos que não seja preciso nenhum empurrão: e que o acto de contrição mesmo tardio, possa lavar a imagem do futebol português que ontem fez pingar lágrimas de miúdos e pasmear de vergonha e surpresa adultos de várias latitudes.

Neves de Sousa

Catamaran está na hora

Dá-se o nome de «catamaran» a uma embarcação constituída por dois flutuadores, ligados entre si. Pode ser desmontável ou não, simétrico ou assimétrico, mas é sempre de uma forma geral um engenho de grande estabilidade inicial e, pela sua constituição dispõe de enorme espaço útil. A sua segurança e espectacular rapidez (por razões de aerodinâmica) tornam-no, pouco a pouco, preferido em deterimento das embarcações convencionais. O facto de poder ser transportado (caso dos exemplares mais comuns) no tecto

de um automóvel, aumentou o seu atractivo, paralelamente com a circunstância de se poder desmanchar e armazenar em pequenos espaços. Este tipo de barco aceita facilmente a bordo três ou quatro pessoas, permitindo um passeio familiar ou participação em regata. A maior parte dos modelos disponíveis navegam facilmente em 30 ou 40 cm de fundo. São estas (talvez) as principais razões pelas quais é usado com grande sucesso em férias, fins-de-semana, escolas de vela e em competição ao mais alto nível.

Mundial
em Espanha

Continuação da pág. 18

ção de pessoas que desmaiem, acompanhar os espectadores, facilitar e ordenar as entradas e saídas nos estádios e organizar as aglomerações de gente que, inevitavelmente, se produzirão.

O plano «Laranja-82» tem uma verba equivalente a cerca de 125 milhões de escudos, que será destinada, exclusivamente, à aquisição de material: meios móveis mecanizados com 10 unidades de vigilância intensiva (UVI), onde poderão ser atendidos os casos mais urgentes e três «antenas de classificação».

As «antenas de classificação» são autênticos «hospitais de campanha» sobre rodas, onde podem ser atendidas 15 pessoas em viagem (actuando como «uvis» múltiplos) e mais de 50 pessoas (desde que instalados como centros sanitários fixos).

Os serviços de ajuda aérea contarão com 18 helicópteros: cada um terá um ponto concreto de destino, tal como as ambulâncias, seis delas com disponibilidades de serviço para tratamentos cardiológicos, com capacidade para 12 ou 14 pessoas.

Também estará permanentemente disponível um avião «Mystere» para o transporte de doentes que desejem receber assistência em outros países: o serviço será gratuito.

No mês de Novembro entrar-se-á na fase de comprovação prática destes planos e de de-

monstrações públicas para os órgãos de Comunicação Social. A financiamento do plano «Laranja-82» é da responsabilidade do tesouro público.

Para evitar situações de bilheteira menos convenientes, a organização promoveu uma reunião na Secretaria de Estado do Turismo, para intensificar a publicidade no estrangeiro.

Por outro lado, sabe-se que um espectáculo de gala prece-derá em 13 de Junho de 1982 (em Barcelona) a inauguração do «Mundial». Entre os artistas que vão ser convidados a participar figuram os cantores Frank Sinatra, Júlio Iglésias e Joan Manuel Serrat e a cantora lírica Montserrat Caballé. A organização propõe-se apresentar o «show» no porto da capital catalã, para o que estaria previsto um palco flutuante. Custo da operação: 250 milhões de pesetas (180 mil contos). A única maneira de concretizar este grandioso projecto consiste em interessar as cadeias de televisão americanas na transmissão directa do espectáculo.

Entretanto o presidente da Federação Internacional de Futebol, João Havelange (Brasil) faz votos para que a selecção espanhola seja finalista no «mundial», de maneira a manter o interesse do país organizador até ao termo da competição.

Balsemão
foi a «banhos...»

Lustrosos e imponentes carros de Estado invadiram, também, a área da Luz. Governo em peso, com Balsemão à cabeça, foi a «banhos de multidão». Arranjou-se, para tanto, o inesgotável pretexto — Eusebio. Uma medalha que faltava. E se calhar o popular «pantera» mais do que medalhas apreciaria «maravéis»...

Bom, tudo estava feito, para a descida triunfal até à relva, do Primeiro do VIII. Esperou-se, murmurou-se, brincou-se, mas nada de Balsemão à relva. Escondido, mais os seus pares, na apertada tribuna, entre os «índios» da central e do 3.º anel, Balsemão sorriu para a esquerda, para a direita, sentou-se. E por ali se ficou. Do outro lado, junto à escada subterrânea que dá acesso às cabinas, frente à bancada de imprensa, discretamente, quase envergonhadamente, Eusebio-palsano levou a medalha. A «massa» pagante, os 40 mil da arquibancada, nem deu por nada. E Balsemão também não. Ficou lá, distante, talvez com receio de um «banho» gelado.

No final do jogo, alguns desiludidos, menos distraídos, comentavam a calamidade desenhada em Tróia. Passava um dos carros lustrosos, de Estado. E um desabafou: «puxa, que este gajo só dá azar...». Era Balsemão!... E.A.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNOSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMACAO PARA O CONCURSO 9 DE 18 DE OUTUBRO

Rádio Totobola, 111 12X 112 2XXX; Correio de Coimbra, 111 121 11X 222X; Correio do Vouga 111 121 11X 11X1; Defesa de Espinho 111 12X 11X 2221; Diário de Coimbra 111 121 11X 11X1; Diário de Lisboa 111 12X 11X 12X; O Distrito de Portalegre 111 11X 11X 1111; Ecos do Cacia 111 121 11X 222X; Folha do Domingo 111 12X 111 22XX; Gazeta das Caldas 111 12X 111 11X1; O Jornal de Felgueiras 111 121 112 2221; Jornal de Santo Tirso 111 121 11X 2211; Jornal de Sintra 111 121 112 222X; Jornal «Linhas de Elvas» 111 121 11X 11X1; Litoral 111 121 112 2212; Maria da Fonte 111 121 11X 2211; Noti-

cias de Chaves 111 121 11X 222X; Notícias de Felgueiras 111 12X 112 222X; Notícias de Gouveia 111 11X 11X 2221; Reconquista de Castelo Branco 111 121 11X 2122; RDP4Secção Desportiva 111 12X 11X 222X; Jornal «A Voz das Beiras» 111 121 11X 2221; RDP/Centro — Diário Desportivo 111 11X 111 2221; A Voz do Domingo 111 121 11X 2221; Voz de Lamego 111 11X 11X 2221; Grafanola Ideal 111 12X 112 2221; Jornal «1X2» 111 121 11X 2221; Palpitações 111 121 11X 2221; O Norte Desportivo 111 12X 112 2221; Notícias do Douro 111 121 112 2221; Notícias de Évora 111 12X 111 2221; Rádio Alitude

111 121 11X 2221; A Voz de Palmela 111 12X 11X 11X1; Alvo Desportivo 111 11X 111 12X1; O Comércio de Leixões 111 12X 11X 2221; Estádio 64 111 111 112 2211; Jornal de Gaia 11X 12X 11X 2221; Jornal da Graça 111 121 11X 2221; Jornal de Notícias 111 11X 11X 11X1; Manchete Desportiva 111 12X 11X 2221; Penalty 111 121 111 2221; O Primeiro de Janeiro 111 121 11X 2221; Rádio Alvo 111 12X 11X 2221; Rádio Placard 111 11X 11X 11X1; Rádio Sports 111 11X 111 2222; Repórter do Dia 111 121 11X 2221; A voz dos Ridículos 111 11X 111 11X1; A Voz do Ave 111 111 11X 2221; Jornal do Porto 11X 12X 11X 2212.

	S	U	M	O	B	O	L	A	G
	1	X	2		1	X	2	a)	
1. BRAGA - SETÚBAL	43	6	0		11	1	1		
2. A. VISEU - PENAFIEL	42	6	1		10	1	1		
3. BELENENSES - ESPINHO	46	3	0		11	1	1		
4. SPORTING - BOA VISTA	48	1	1		10	1	1		
5. RIO AVE - BENFICA	4	7	38		1	2	9		
6. ESTORIL - PORTIMONENSE	29	20	0		7	5	1		
7. AMORA - U. LEIRIA	39	10	0		10	2	1		
8. PORTO - GUILARDES	45	4	0		11	1	1		
9. FEIRENSE - LEIXÕES	15	23	11		4	6	2		
10. SALGUEIROS - VARZIM	13	27	12		2	7	3		
11. OLIVEIRENSE - ACADEMICO	9	22	18		2	6	4		
12. OLIVEIRENSE - MARITIMO	9	21	20		2	5	5		
13. JUMPITAL - BARCELONENSE	28	14	7		7	3	2		

a) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente tabela.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 121 11X 2221

crônica de touros

SOLILÓQUIO

A tourada nacional

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo 4 de Outubro de 1981. Touros dos herdeiros de Lima Monteiro para Varela Crujo, Paulo Caetano, Luc Jalabert e forçados amadores de Lisboa e Lusitanos.

Eu não sei se Vossas Excelências assistiram à primeira corrida da Feira de Vila Franca. Se assistiram, se fizeram parte dessa festa que aguentou a torção deste, sem se importar com a ausência do Rafael Peralta (que ficou em Puebla del Rio), não é preciso eu contar coisa nenhuma. Se não assistiram, então devo dizer a Vossas Excelências que perderam uma verdadeira, uma genuína, uma autêntica, uma legítima demonstração da tourada nacional, da quinta essência das excelsas virtudes da raça.

Haverá quem diga a Vossas Excelências que essa quinta essência das virtudes lusitanas não se terá expressado através de qualquer coisa parecida com a quinta essência do toureio. É certo, não serei eu a afirmar o contrário. Então o Varela Crujo esteve mesmo muito longe de sofrer toques variados e mesmo assim ainda se pôs a dar a volta à arena no primeiro parreira uma daquelas fitas em que o sonoro vem atrasado, a gente via a boca dele a dizer «obrigado», só

depois é que chegavam as palmas, compreenderão Vossas Excelências que seria muito desagradável um marialva agradecer palmas que não existiam, e então as pessoas, lembrando-se que fazem parte do bom povo português, aplaudiram o rapaz.

Já essência houve na lide que Paulo Caetano deu ao segundo, serena, ligada, vistosa, terminada em beleza num cavallinho novo, precioso e elástico. «Ritmo» parece que se chama, talvez com ele o jovem reencontre o caminho perdido; e depois houve fecho a rigor, por um dos Lusitanos, o José Rocha, feito uma estrela depois da grande e solitária pega de Madrid. E ainda tivemos a alegria do «franciú» disfarçado de Marialva, não imaginam Vossas Excelências como ele disfarça bem, há marialvas que são mais chatos a tourear, e nem sequer falam francês, e Luc Jalabert até pôs dois ferros de palmo, quebrou-os ele contra a trincheira, para dar mais «frisson», e depois nos remates exibiu o lenço que lhe ficava na mão, adornava-se a passá-lo pela cara do bruto, uma alegria.

Sucede que dos brutos de Lima Monteiro, aliás cumprindo sem darem os pinotes das touradas castiças, bruto mesmo bruto por o quinto, que

tinha sentido e poder que davam para uma casa de família numerosa. De modo que na altura da pega, que cabia aos amadores de Lisboa, o cabo Salvação Barreto optou sabiamente pela cernelha. E foi aí que começou o salsifré. O touro não encabrestava, Vossas Excelências conhecem a cena, o tempo a passar, e os forçados sem conseguirem entrar, e os cabrestos a correrem atrás do touro, e os campinos a correrem atrás dos cabrestos, e o touro a correr atrás dos campinos, e os campinos a correrem atrás dos bandarilheiros, todos a correrem atrás uns dos outros. A certa altura, como é da praxe, passou-se à pega de caras, que por sinal começou duma maneira que não é da praxe, na primeira arrancada do touro houve debandada geral do grupo. Seguiram-se, com o ânimo espreitado pelos assobios dessa retirada, várias tentativas corajosas mas falhadas, uma vez, duas vezes, três vezes, não sei quantas vezes, moços pelo chão. Lá vai um em braços, lá vai outro, e o povinho a divertir-se à grande. vejam Vossas Excelências o divertido que estava o povinho para não protestar contra os diligentes peões que nos intervalos faziam a roda para entontecer o animal. Mas nem assim, às tantas até saltou à arena o próprio Salva-

ção, debruçados da barreira e dentro da trincheira já havia uns tipos à paisana, mais ou menos latagões e mal dispostos, género «ou vai ou racha», deviam ser antigos forçados do grupo ou amigos deles, mostravam um ar nervoso e ameaçador, de quem quer bater no touro, ou mesmo no inteligente e na autoridade em uniforme — isto no caso do inteligente se pôr a exercer a inteligência, e da autoridade se pôr a exercer a autoridade, duas hipóteses aliás extremamente remotas.

E não pensem Vossas Excelências que são hipóteses assim remotas apenas porque o inteligente senhor Joaquim Claro tenha a muito legítima aspiração de que não lhe ponham o físico escuro, ou porque a autoridade pense, ajuizadamente, que a autoridade é uma coisa que se gasta com o uso, e depois pode fazer falta para outras coisas. A razão principal é de natureza patriótica, as virtudes da raça têm de estar acima de tudo, de inteligências ou autoridades mesmo em uniforme, os forçados de Lisboa não iriam agora ser obrigados a comportarem-se como esses matadores espanhóis, uns cobardos, quando em tardes de desgraça lhes tocam os três avisos deixam ir o touro vivo para dentro, recolhem à trin-

cheira, ninguém se opõe, nem sequer vem a quadrilha, a família, os amigos, os antigos matadores, são todos uns maricas.

Não. Aqui em Portugal, perdêem Vossas Excelências a expressão, não papamos disso, não engolimos touros vivos, uma pega tem de ser um pega, se não chegarem oito forçados vão buscar-se dez, vinte, cinquenta, os que forem precisos para ir fazendo as tentativas que forem precisas, de resto quanto mais forçados e tentativas maior se irá fazendo a tourada. Foi mesmo uma pena Vossas Excelências não terem assistido, não sentiram aquela emoção de ver o touro por fim agarrado, com o sentido que tinha ele devia estar a pensar que era a única maneira de ver acabada aquela chatice.

Mas depois ainda houve mais: agitação nas bancadas, com umas cenas de tareia para alegrar, forçados a desafiar espectadores, um deles se não o agarram saltava mesmo lá para cima, para tratar da saúde a alguém que se calhar não estava de acordo em que o grupo todo desse a volta à arena, talvez achasse que eram forçados de mais para um touro só, nestas alturas há sempre uns alarves que renegam as virtudes da raça, ouvem-se mesmo autênticas blasfê-

mias. Talvez não acreditem, se eu contar a Vossas Excelências que ouvi um fulano a afirmar, com todo o deslante, que não se juntava ao aplauso duma coragem assim deformada, que aquele incitamento não vinha do lado bom das pessoas, que não podia alegrar-se com o triste papel duma autoridade que continua impávida vendo como se limpa o rabo a um regulamento que ela tem por obrigação fazer cumprir enquanto não houver outro mais capaz, como se praça de touros fosse ajuntamento desses que se formam, em círculo, para assistir a uma cena de porrada, quanto mais porrada melhor.

Calculem Vossas Excelências que esse tipo chegou a dizer que a festa de touros, apesar da presença necessária do risco mortal, está do outro lado da violência, que só se justifica na destruição dessa violência, no criar duma beleza serena e pulcra, onde a coragem se esconde no sossegado vencer do próprio medo, sem que o corpo estremeça, e a voz se inflame, e o gesto se torne ameaça.

Sabem o que eu digo a Vossas Excelências? Se continuam a permitir a existência destes energúmenos com fins inconfessáveis, que desprezam assim as virtudes, da raça, não sei onde irá parar este país.

Muitos morreram
para guardar o segredo
Muitos morreram
para o descobrir



Uma produção SCHAFFNER-O'TOOLE de um filme de FRANKLIN J. SCHAFFNER
LESLIE-ANNE DOWN FRANK LANGELLA "SPHINX"
com MAURICE RINET JOHN GIELGUD
Música composta e dirigida por MICHAEL J. LEWIS Produção de STANLEY O'TOOLE
Argumento de JOHN BYRUM Baseado no romance de ROBIN COOK Realização de FRANKLIN J. SCHAFFNER

Technicolor®
Panavision®

ORION PICTURES Release
THU WARNER BROS. A Warner Communications Company
1981 Orion Pictures Company Inc. All Rights Reserved

CASTILHOJE AS 21.30 — ESTREIA CITY

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

ENGOMADEIRAS

PRECISA-SE C/PRÁTICA PARA
TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 7 e Estrada Benfica, 464

OFICINA

«Trespasa-se oficina
de reparação de auto-
móveis com sede no
sítio da Ponte do Mo-
lião em Lagos, com
uma área coberta de
1.000 m2. — Telefone
62439».

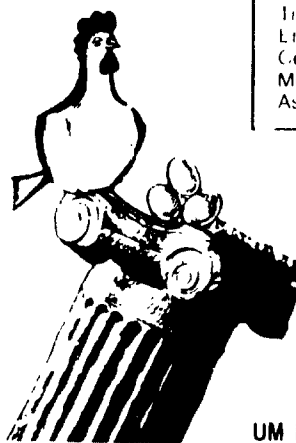
PUB

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE ÀS 21.30

Rómulo
o grande

FALSA TRAGÉDIA
HISTÓRICA DE
FRIEDRICH
DÜRRENMATT



Tradução e adaptação de DAVID MOURAO FERREIRA
Encenação e direcção de VARELA SILVA
Cenários e figurinos de OCTAVIO GUERREIRO
Música de FERNANDO GUERREIRO
Assistente de encenação RUY DE MATOS

Manoel Correia, António Augusto, João Baptista, Rui de Carvalho, Victor Falcão, Assis, Paulo Lacerda, Fernanda Borsatti, Maria Amélia Matta, Mário Pereira, Carlos Duarte, Sibilla Vilas, Carlos Fonseca, Rui de Matos, Barbosa Lopes, António Sarmiento, António Barata, Carlos Viana, Rogério Paulo, Carlos Pinheiro, António Cunha, Luiz Bandeira, Carlos Costa, Mendes, Tiago, Germano, Marinho

UM TEATRO INTELIGENTE, DIVERTIDO E HUMANO

Matinées Sábados e Domingos as 16 horas

Preços de 100\$00 (3.º balcão) a 200\$00 (quintada) ■ Redução de 50% a estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas ■ Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos ■ Descanso da Companhia a Segunda Feira

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Mantenha sempre uma distância
segura em relação
aos outros veículos



canal da crítica

Timor e Tumor

MÁRIO CASTRIM

Passavam sete segundos da meia-noite (a hora trágica do crime) quando a Televisão baixou os tapais da bodega. Ficam largamente ultrapassados os limites para a austeridade definidos numa célebre portaria. Ora, que me consta, nem os efeitos dela foram suprimidos nem, que eu saiba, as razões que a provocaram. Temos assim uma Televisão fora da lei, dado que não é lícito a qualquer cidadão (seja ele director de programas ou doutro coisa qualquer) colocar a lei no frigorífico.

Recordemos que a programação de Inverno começa hoje. A grande audiência ficou privada das declarações que os responsáveis costumam fazer por esta altura. Não é que eles costumem fazer o que dizem. Que não dissessem nada, pois, a não ser as linhas da sua orientação. Nem isso fizeram. E este silêncio não testemunha por eles, mas contra eles.

Para chegarmos a este apuro de tempo, contribuiu a extensão do programa com Milva. Aliás, nem era este o programa marcado para ontem, mas está bem arranjado quem confia nas marcações da RTP...

Milva é já nossa muito conhecida. Nos tempos em que a RTP se abastecia de variedades ita-

lianias (agora está toda voltada para outros quadrantes...), Milva era uma presença central. Vimo-la ontem numa produção alemã, a cantar tangos em alemão e Brecht em italiano. Digam-se que, mesmo com o tormento das legendas, sempre um serão com Milva é bom serão. Aquela voz faz um homem pensar coisas de espantar o sono.

Talvez por ser o último, recordo aquele tango em que a mulher se queixa do marido, um malandro, são três horas da madrugada, anda na galderice com esta e com aquela, enfim, um vadio, ela vai dizer-lhe que foge, que acaba com tudo. Mas às quatro horas já se mostra confiada, resignada, domesticada, «que é que eu hei-de fazer, se é a ele que eu amo?» Ou seja, a tradução em italiano do «quanto mais me bates, mais eu gosto de ti».

A isto chama-se droga. Cada qual tem a sua droga de estimação. A minha chama-se TV. Adormeço a pensar nela, acordo a pensar nela. Juro não voltar a vê-la; o juramento dura só até às seis da tarde. Droga de vida!

TV é droga mesmo. Uma droga que dá mais em droga dia após dia. Ontem foi a continuação da guerrilha contra o Presi-

dente da República em todos os noticiários, com o irresponsável relevo dado a um comunicado do PSD, em discurso directo!

Em primeiro lugar, parece que aquele partido pretende ignorar as atribuições que a Constituição confere ao Presidente da República. Em segundo lugar, a RTP não é propriedade da AD, não tem nada que se subordina à tática de um partido no ataque a um órgão de soberania. E os responsáveis da RTP são tão estupidamente insensíveis ou tão insensivelmente estúpidos que nem perceberam a «bofetada» daquela resposta da Presidência da República segundo a qual não é norma sua «responder a comunicados dos partidos»...

Também de droga se falou em «Grande Reportagem». Na realidade, um feixe de imagens impressionantes, trabalho de campo feito a sério. Com esta reportagem se prova que o telespectador pode seguir com interesse, digamos com paixão, numa rubrica não ficcionada, não perfumada, desde que a vida esteja em cima da mesa, mas não em mesa-redonda.

«Grande Reportagem», devem lembrar-se, é aquele programa onde se deu a bronca de Timor. Ontem lá falou-se

nisso. Mais pianinho, mais a bolinha baixa. Com Feio & Albar a garantirem que os factos descritos na emissão haviam sido confirmados pelo menos por duas vias. A afirmação já constara do prólogo do «Dossier Timor»: «Entre centenas de afirmações (...) alinhámos apenas as que conseguimos confirmar por mais de uma via».

Feyo esquece-se de que disse, então, mais do que isso. Disse arrogantemente: «Tudo o que afirmámos podemos prová-lo...»

A suposição de que F & A tiveram acesso ao «Dossier Timor» (ainda então documento secreto) não ficou ontem eliminada. Feyo declarou nunca ter sido «depositário» dele. Até aí, acredito. Aliás, também eu não sou depositário dos documentos da Torre do Tombo e no entanto acedo a eles quando posso. Inferir-se-á daqui que não os conheço?

Aliás, toda a organização do «Tele-dossier Timor» sugere uma sebenta, um decalque de pistas, de dados, de datas. A comparação de ambos, agora, não tardará a fazer-se. O meu barómetro prevê escândalo. Mal cheiroso, como todos os tumores.



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV, DO Forno, 7-A (AO ROSSIO) 1-3710012



Sónia Regina e Jardel Filho, duas caras novas que vão aparecer na nova telenovela brasileira «Olhai os Lírios do Campo», que inicia esta noite a sua exibição

- 18.07 Sumário
- 18.10 Tempo dos Mais Novos
- 18.45 País, País
- 19.10 Res-Pública — em foco a lagoa de Albufeira.
- 19.45 «Olhai os Lírios do Campo» — primeiro episódio desta telenovela.
- 20.25 O Tempo
- 20.30 Telejornal — as notícias do País e do estrangeiro.
- 21.05 «Riker»
- 22.00 Programa Desportivo
- 23.00 Últimas Notícias

Centro de Produção do Porto:

18.45 País, País — informação regional em simultâneo com a RTP-1.

19.10 «Sítio do Picapau Amarelo» — «As Memórias da Família».

19.40 Lucy Ball Show

20.05 Edmundo Falé e Ballet Zap

Centro de Produção de Lisboa:

20.30 Informação/2

Centro de Produção do Porto:

21.00 Nós e a Música — com José Atalaya.

21.30 Informação — bloco de notícias da responsabilidade do Departamento de Informação do Porto.

Centro de Produção de Lisboa:

22.00 «O Exército Secreto» — 1.º episódio. Intérpretes: Jan Francis, Christopher Neame



Na RTP-2 inicia-se hoje a exibição da nova série «O Exército Secreto»

Amanhã



18.10: Sumário; 18.15: Tempo dos Mais Novos; 18.45: País, País; 19.15: Pergunte Connosco; 19.45: «Olhai os Lírios do Campo» — 2.º episódio; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: «A Balada de Hill Street»; 22.00: Concurso Novos Forá Nada; 22.40: Os Ropers; 23.00: Últimas Notícias.

Centro de Produção do Porto: 18.45: País, País; 19.15: «O Sítio do Picapau Amarelo»; 19.30: O Homem e a Terra; 19.45: Jeito e Efeito. Centro de Produção de Lisboa: 20.30: Informação/2; 21.00: Grandes Maestros; 22.00: Informação/2; 22.30: Pare, Escute e Oíre.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



«Olhai os Lírios do Campo» (19.45)



«O Exército Secreto» (22.00)



Além de um programa a escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Com enredo baseado do livro de Erico Veríssimo com o mesmo título, Geraldo Vietri escreveu esta novela que tem a direcção de Herval Rossano e interpretação de Nívea Maria, Cláudio Marzo, Sérgio Brito, Neuza Amaral, Elizabeth Hartman e outros.

Tudo começa com a licenciatura em Medicina de Eugénio, filho de Alzira, um jovem de princípios difíceis, mas ambicioso, o que o leva a casar com uma herdeira rica.

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Carça, 17 Carcavelos — Tel. 2112871

ADOQUE
teatro

TEL. 874476

6.º MÊS!

ATENÇÃO
NOVO HORARIO!

2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª as 21.30 h. Sábado as 20.30 e 23.ª
Domingo às 16 e 21.30 h. — FOLGA A QUARTA-FEIRA

DELFINA CRUZ
(colaboração especial)

ERMELINDA DUARTE

NICHOLSON

ANTONIO MONTEZ

ANTONIO FEIO

CREMILDA GIL

A FRENTE DO SENSACIONAL ELENCO DE

PAGA AS FAVAS



NICHOLSON. Irresistível
no «Detective e Escocês»

TV

Reparações TV
Urgentes ao domicílio
T. 31 24 75—33 24 57

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DA
MOITA

ANÚNCIO

O doutor Guilherme Augusto da Igreja, Juiz de Direito do Tribunal da Comarca da Moita:

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e primeira secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos do executado Carlos Alberto de Jesus Pimenta para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na Execução movida, por Francisco dos Ramos Santos.

Moita, 1 de Outubro de 1981

O JUIZ

Guilherme Augusto da Igreja

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Anibal Manuel P. de Mira

GRUPO DE CAMPOLIDE-ACADEMIA ALMADENSE

GUERRA? NÃO OBRIGADO

ENC. FERNANDO GUSMAO

DIA 16 EM VILA

SEXTAS E SÁBADOS AS 21.30. DOM. AS 16

EM ENSAIO A RECTA GUARDA de ROMÉU CORREIA

Rua Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205



NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!
de
Dario Fo

é, de facto impagável!

— C. Porto — DL

(um serão animadíssimo e frutuoso — F. Midões — D.P.
Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

TEATRO MUNICIPAL
DE SÃO LUIZ

A COMPANHIA DE TEATRO DE LISBOA
APRESENTA UMA CURTA SÉRIE DE
ESPECTÁCULOS

GRAÇA LOBO

EM

MOLLY BLOOM

DE

JAMES JOYCE

CENÁRIOS JÚLIO POMAR

ENCENAÇÃO CARLOS QUEVEDO

Todos os dias às 21.30 • Matinéas sáb. e dom. às 18 horas

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

SUB SEC

COMUNA
teatro de pesquisa

DIARIAMENTE AS 21.45 H
DOMINGO SÓ AS 17 H
2.ª-FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos
só até 15 de novembro

SERENA
GUERRILHA

TEXTO ADRIANES - COMUNA

fontes rocha

incubação - joão mota

carlos paulo - carmen marques
francisco pestana - joão mota -
miguel guilherme - teresa lima

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CIE NO CAFÉ-TEATRO

PRALA DE LISBOA • TEL. 76 26 24 • SUBSÍDIO DA SEC

NÃO FUMÉ
EM RECINTOS
FECHADOS

Festival 82

JANEIRO
A
NOVEMBRO
82

III FESTIVAL SINDICAL DE TEATRO DE AMADORES

CONCURSO DO CARTAZ DO FESTIVAL

- No âmbito do III Festival de Teatro, a CGTP-IN promove um concurso para o cartaz do Festival
- Um júri composto por João Abel Manta, José Rodrigues, Rogério Ribeiro e um representante da CGTP-IN seleccionará um dos cartazes concorrentes, que, será posteriormente editado
- Ao vencedor será atribuído um prémio de 25 mil escudos

PRAZO DE ENTREGA: 9 DE NOVEMBRO DE 1981

no Departamento de Tempos Livres da CGTP-IN

Amanha estreia no teatro aberto às 21.30H Teatro Ibérico



Retábulo do AMOR profano

DE
EDUARDO
BLANCOAMOR

Teatro

Seis aparições de Lenine sobre um plano estreia-se hoje na Casa da Comédia. O espectáculo, dirigido por Fernando Heitor, tem como atractivo especial servir-se chá no intervalo, numa discreta homenagem ao autor da peça (com um título nada leninista na versão original), o «boulevardier» Noel Coward (raio de nome), inglês dos anos 30-40, comediante e escritor que foi coqueluche no West End e na Broadway. Curiosidade desta iniciativa: ver (quem ainda estiver vivo), se os jovens actores da Casa da Comédia representam «melhor» do que Brunilde Júdice. Alves da Costa, Samuel Dinis ou Assis Pacheco, anteriores intérpretes de outras peças do festejado dramaturgo inglês.

O VII Festival de Teatro de Amadores de Évora - prossegue este fim-de-semana com o seguinte programa: amanhã, o Grupo de Teatro de Campolide representa «Guerra— Não, Obrigado!», com textos de Bertolt Brecht e encenação de Fernando Gusmão; no sábado, «Os Bonifrates» de Coimbra apresentam «Ibéria Sector 5», de Alberto Boadella.

O TELA - Teatro Experimental de Leiria, vai apresentar a sua primeira produção, em Leiria, nas instalações do Magistério Primário, amanhã pelas 21 horas. Chama-se «Como é bonita a cidade...», tem texto e encenação de Car-

los Fragateiro e cenografia de A. Kowalski e Carlos Silva.

Música

Hoje, às 21.30, na Sé Patriarcal, o grupo «A Sei Voci» dá um concerto com obras de Victoria, Lopes Morago, Morales, Estevão de Brito, Rolando de Lassus e Gesualdo.

Cinema

«As lágrimas amargas de Petra von Kant», de Fassbinder (às 21.30), e «Filming Ot-



O grupo da Casa da Comédia que vai estreiar hoje «Seis aparições de Lenine sobre um plano»

helo», de Orson Welles (às 23.30) são hoje exibidos no Quarteto, integrados numa série de sessões especiais de filmes em antestreia, cujo produto reverterá a favor da Revista «Raiz e Utopia».

Colóquios

Integrado no ciclo «Mulher

Viva», que a Seiva Trupe do Porto está a levar a efeito incluído nas comemorações do seu 8.º aniversário, terá início amanhã, às 22 horas, na sala daquele grupo (R. de Camões, 578, Porto) um debate subordinado ao tema «A Mulher na Literatura Portuguesa», com a participação de Lígia Jorge, Maria da Glória Padrão e Maria Teresa Horta.

Exposições

Uma exposição de obras do poeta Fernando Echevarria e da pintora Flor

Vila Viçosa. O certame, organizado pela Fundação da Casa de Bragança, é constituído por trabalhos, alguns dos quais executados especialmente para esta exposição.

Quinzena da Cultura e da Paz. Integrada nas comemorações da Semana do Desarmamento das Nações Unidas, a Comissão de Desarmamento do Conselho Português para a Paz e Cooperação, realiza mais uma Quinzena da Cultura e da Paz que consta de uma exposição-venda de obras plásticas de artistas portugueses e livros de escritores contemporâneos, oferecidos pelos autores. A «II Quinzena da Cultura e da Paz» que decorre na Sociedade Nacional de Belas Artes de 16 a 31 deste mês, será inaugurada amanhã às 18.30, com uma intervenção de Luís Francisco Rebelo, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores.

Celebrando-se este ano o centenário de Picasso, a comissão de desarmamento do CPCC associa-se à homenagem a esse grande artista e lutador pela paz.

Assim, entre outras iniciativas que terão lugar durante a exposição-venda, realiza-se no dia 24, pelas 21.30, um colóquio sobre «Picasso e a sua Obra» em que intervém o pintor Fernando Azevedo, presidente da direcção da SNABA, e Rui Mário Gonçalves, crítico de arte e membro da direcção da SNABA. A exposição-venda da SNABA ao público todos os dias das 16 às 20 horas.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - cinema; 17.00: Ciclo musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-regiões; 20.00: Enquanto os outros vêem TV - jazz; 21.00: «O Jogo de Deus», de Álvaro Martins Lopes - livre e directo; 02.00: Madrugada da RDP-Centro; 05.30: Programa rural da RDP-Centro. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30.

Programa 2

16.00: Música de bailado; 17.00: Música portuguesa; 18.00: Retrospectiva de compositores portugueses; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.35: «Ofício Completo para Exéquias», de Purcell; 20.05: Os caminhos do homem; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Transmissão directa da Cova da Iria, das cerimónias religiosas da Peregrinação Internacional de Outubro ao Santuário de Fátima; 00.00: Música sinfónica de Brahms; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta - espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: As cidades e as serras; 21.03: Telefone top; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora literária; 22.30: Tempo de desporto; 22.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolis rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Revisão constitucional; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30 - «Flashs» - noticiosos de hora a hora

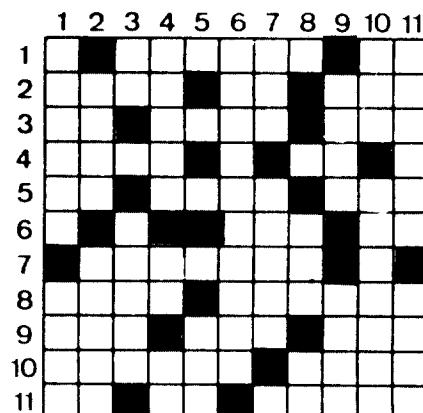
Tiragem média diária do mês anterior: **exs.**

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 252

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Idioma. Crómio (s.q.)
- Freguesia do concelho de Vila do Conde. Grande ribeira da Ásia Russa. Cidade de França.
- Antes do meio-dia. Unidade de força do sistema de medida CGS. Pronome pessoal.
- Doméstica. Plural.
- Pertences. Monarcas. Vazia.
- Familiar. Artigo definido.
- Besante.
- Elocução Soltas
- Anel. Ecoo. Fútil.
- Antenas náuticas. Estimai.
- Ouro (s.q.). Prefixo de negação. Tribo indígena brasileira



VERTICAIS:

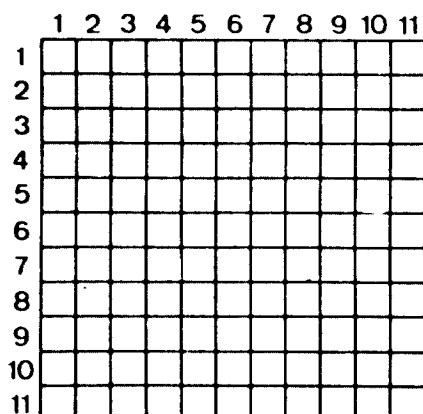
- Cidade do Niger. Discurso.
- Intimos. Cidade da Suíça.
- Nota musical. Cidade da Bélgica.
- Cobrir de iodo. Batráquio. Cento e um em romano.
- Figura que simboliza o povo americano.
- Freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão.
- Alúmen. Grande sala.
- Oceano. Alteza Real.
- Cabelo. Tumor sifilítico.
- Óxido de cálcio. Amor (fig.).
- Saías frequentemente à rua. Brotas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 112

HORIZONTAIS:

- Região ao S. da Espanha, atravessada pelo rio Guadalquivir.
- Sofreriam
- Acrescente. Cubro de iodo.
- Letra grega. Listas.
- Bário (s.q.). Em as. Nota musical.
- Graceja com alguém. Mágua.
- Cobalto (s.q.). Três vogais iguais. Cidade da Ucrânia.
- Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelha. Miado. Aqui.
- Ampos. Dar mios.
- Arara. Líquido para cultura de micróbios.
- Rio dos Estados Unidos. Chuviscos (Bras)



VERTICAIS:

- Amargo. Gíria.
- Compalhão. Desbastara.
- Concedei. Bário (s.q.). Rezaí.
- Antigo Testamento. Engaste de pedra preciosa.
- Toca. Tempo do verbo ir.
- Cidade da antiga Caldeia. Esfregais com unto.
- Nome de letra árabe. Ave pernalta do Brasil. Aqui.
- Caminharias. Oceano.
- Escudeiros. Quinto filho de Jacob. Rei lendário de Tróia.
- Preposição latina que designa movimento. Obrigada.
- Afiar. Cinchos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 251

HORIZONTAIS

- GATO. Safi.
- Sara. Odíara.
- Ciara. Rir.
- Assomo. Aa.
- Ugura.
- Drama. Gosta.
- Ao. Arrua.
- Di. Ar. Mm.
- Óasico. As.
- Voarias. Id.
- Cassata. Amo.

VERTICAIS

- ESCALDADO.
- Ais. Rolava.
- Grassa. Sós.
- Aaro. Maltas.
- Amuar. Crá.
- Oó Og. Tio.
- DE AGUA. Aa.
- Si. Troaras.
- Aar. As.
- FRIA. MED. Im.
- Iara. TEMO.

PROVÉRBO: Gato escaldado, de água fria tem medo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 110

HORIZONTAIS

- Abras. Porca.
- Três. Selara.
- Ápia. SEM.
- Agá. Raça. Ga.
- Casta. Árias.
- Sr. Ada. Ba.
- Mae. Rasca.
- Só. Pôr. Ora.
- Arcaras. Ris.
- Narra. As. Ai.
- Area. Amassa.

VERTICAIS

- AT. Aca. Sana.
- Braga. Morar.
- Repassa. Cré.
- Asi. Trepara.
- Ará. Ora.
- Arrá.
- Pescada. Sam.
- Oleasas. Sa.
- Mar. Cor.
- Cr. Gabarias.
- Aa. Asa. Asia.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52560	57560
ALEMANHA FED (marco)	28540	29550
AUSTRIA (xelim)	3595	4515
BELGICA (franco)	15542	15742
BRAZIL (cruzeiro)	3324	3574
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	52545	54545
(notas de 5 a 1000)	52595	54595
DINAMARCA (coroa)	8585	9525
ESPAÑA (peseta)	6333	7333
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	62595	64595
(notas de 5 a 1000)	63545	65545
FINLÂNDIA (marka)	14540	15500
FRANÇA (franco)	11520	11590
HOLANDA (florim)	25570	26570
INGLATERRA (libra)	11575	121575
IRLÂNDIA (libra)	10595	10595
ITALIA (lira)	5048	5058
JAPÃO (itene)	2552	2587
NORUEGA (coroa)	10575	11525
SUECIA (coroa)	11550	12510
SUIÇA (franco)	33585	34595
VENEZUELA (bolivar)	12580	13580

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30,
21.30, 23.45
LENNY
com Dustin Hoffman

SALA B

Int. m. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.45
e 24 horas
A ABSOLUÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O novo fenómeno das artes marciais
O GRANDE COMBATE
com Jackie Chan e Yuan Hsiao
Scope colorido
Não acons. men. 13 anos
4.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Sessões às 15.15, 18.15,
21.15 e 24.00
Marlon Brando, Robert Duvall
APOCALYPSE NOW
Technicolor
Não acons. men. 18 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
n. acons. men. 18 anos
A NOVIÇA E O AMOR
c/ Glória Creida e Femi Benussi

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE
Um filme de Vicent McEveety
Technicolor

CASTIL 530194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Muitos morreram para guardar o segredo
Muitos morrerão para o descobrir
A ESFINGE
Um filme de Franklin J. Schaffner
Às 15.30 e 18.30 - Últimas
LOUCURAS DE UMA RECRUTA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore - James Bond 007
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
GOLPE AUDACIOSO

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
- Int. men. 18 a.
DEVORADORA DE HOMENS
Pornográfico - Hardcore
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
GALYON O INDESTRUTIVEL

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons. menores 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
Um filme de Brian de Palma
20.ª Semana
Às 24 - Int. men. 13 a.
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
O HERÓI SACRILEGO
c/ Raizo Ichikawa, Yoshiko Kuga
e Narutoshi Hayashi
Um filme de Kenji Mizoguchi

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
NOVA YORK 1997
Int. men. 13 anos
Um filme de John Carpenter
3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Walt Disney Productions apresenta
CONDORMAN
c/ Michael Crawford, Oliver Reed
e Barbara Carrera
Um filme de Charles Jarrott
Technicolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 18.15, 21.30
- Para Todos
O CAÇADOR
Com Robert de Niro
Int. men. 18 anos
7.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Estreia às 14.15, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O amor dito por música
MÚSICA PELO CAMINHO
c/ Willie Nelson e Dyan Cannon
O filme começa a projectar-se no início das sessões

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.15
uma das mais grandiosas epopeias
da história do cinema
O LEÃO DO DESERTO
com Anthony Quinn-Oliver Reed
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DA VIDA DAS MARIONETES
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LADRÃO POR EXCELENÇA
Um filme de Don Siegel
Sábado à meia-noite
- Int. men. 18 a.
CRIME DE ALTO NÍVEL

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
- N. ac. men. 13 a.
Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
REGRESSO DO REBELDE
c/ Clint Eastwood e Sondra Locke

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
C. Harrison Ford, Karen Allen
e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Dolby Stereo

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A PRIMEIRA FESTA
(La Boum)
Um filme de Claude Pinoteau

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

15.15, 18.15 e 21.30
(Não acons. men. 18 anos)
FRANCESCA
UM AMOR IMPOSSIVEL
Colorido

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
NOVA IORQUE 1997
c/ Kurt Russel, Lee Von Cleef
e Ernest Borgnine



Jeanne Cordelier, baseada na sua própria experiência, escreveu um «best-seller»: «CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO», agora passado para o cinema. Em exibição no 444 e no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 21.30 e 23.30
OS CINCO ALIBIS
Int. men. 18 anos

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. a men. 18 anos)
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval
SALA 3

ENCERRADO PARA OBRAS

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Maiores de 18 anos)
TAXI DRIVER
Real. Martin Scorsese
Filme de qualidade

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada dos últimos tempos!
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
9.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O HOMEM, ORGULHO E A VINGANÇA
c/ Franco Nero e Tina Aumont
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Sessões diárias às 13.45, 16.15, 18.45, e 21.45
Int. a men. 13 anos
Roger Moore, Carole Bouquet
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
4.ª Semana

S. JORGE SALA 2
Sessões diárias às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
Int. a men. 13 anos
Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman
O TERRAÇO
4.ª Semana

S. JORGE SALA 3
Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Int. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
4.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
24.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, a Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24.13
13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore e James Bond
Domingo às 11.15, para todos
A FLAUTA DOS STROUMPS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
Se todos fossem anjos a vida era uma chumbada...
NOS NAU SOMOS ANJOS...
ELAS TAMBÉM NÃO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 horas
LOUCURAS DE UMA RECRUTA
c/ Goldie Hawn e Robert Webber
Não acons. menores 13 anos
4.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Int. men. 13 a.
CHOQUE DE TÍTAS
c/ Burgess Meredith, Maggie Smith,
Ursula Andress e Laurence Olivier
Um filme de Desmond Davis
Technicolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.
O inacreditável pode acontecer
O RAPTO DO PRESIDENTE
c/ Van Johnson e Ava Gardner
Às 15.15 e 18.15 - N. ac. men. 18 a.
- Últimas
OS CINCO ALIBIS

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30 e 19.13
- N. ac. men. 13 a. - Últimas
OS SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO
Estreia às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
OS ANTAGONISTAS
c/ Peter O Toole

outros cinemas

Lisboa

PARIS - «Zorro», às 21.30 (13 anos)
RESTELO - «Asfalto», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE - «Brincando com a Sorte», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO - «A Vóbera do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
POLITEAMA - «Omar Mukhtar - O Leão do Deserto», às 21.30 (13 anos)
EUROPA - «Vera Cruz», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA - «Pesadelos de uma Virgem», sessões permanentes (18 anos)
PROMOTORA - «As Amazonas de Ouro», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «A Vida é Sempre Igual», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «Sublime Sacrificio», às 21.30 (13 anos)
LUMAR - «Chamam-me Dólares», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível» - «A Árvore dos Tamancos», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «Blow-Up, a História de um Fotógrafo», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Cineestúdio» - «Doces Fantaisias», às 21.15 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA - «Silcine» - «Fuga para Atenas», às 21.45 (18 anos)
SETUBAL - «Júpiter» - «Gente Vulgar», às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - «Stadium» - «Fuga para Atenas», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Mônica e o Amor», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «A Louca Meia-Idade», às 21.15 (18 anos)
PARADE - «Royal-Cine» - «A Canção da Felicidade», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Casino» - «A Batalha das Ardenas», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - «Palácio» - «Que se Passa Superdoutor?», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - «Impala» - «40 Idade Perigosa», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - «Oxford» - «Entre Dois Amores», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - «João V» - «As 13 Mulheres de Casanova», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine Plaza - «Chamam-me Califórnia», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Luta de um Homem», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «Hoic-causto no Campo Nazi», às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Estúdio Flores - «A Colina dos Sarilhos», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «O Califórnia», às 21.30 (13 anos)
SACAVÉM - S. José - «Uma Aventura Fascinante», às 21.30 (18 anos)
ALHANDRA - Salvador Marques - «Júlia uma Máquina Sexual», às 21.30 (18 anos)
POVOA DE ST. ADRIÃO - S. José - «SOS Titanic», às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE - «007, Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «O Meu Tio da América», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Choque de Títulos», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Os Sonhos Proibidos de Mona Q», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «A Primeira Festa», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «Condorman», às 21.30 (6 anos)
BATALHA - «O Regresso do Rebelde», às 21.45 (13 anos)
LUMIERE-A - «West Side Story», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L2 - «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O Uivo da Fera», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS - «100 Armas ao Sol», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - «Vingança ao Amanhecer», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - «O Grande Duelo», às 21.30 (13 anos)

SANOGYL BLANC

Lisboa

PERMANENTE

JOÃO XXI - Av. João XXI, 16-A (T. 886482); **GONÇALVES**, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); **UNIAO**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **ELMA R**, D. Maria Pia, 358-A (T. 666176); **ASCENSO**, P. do Rato, 11-A (T. 311216); **INTENDENTE**, L. Intendente Pina Manrique, 50-51 (T. 547838); **DOURO**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **RONIL**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **MANUEL V. JESUS**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681447); **DALVA**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **LISBONENSE**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **MIRAFLORES**, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161); **CATELA TAVARES**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 915440); **PONTINHA**, E. St. Elói, 4, lote SE (T. 990220).

teatros

MARIA VITÓRIA - «Não Há Nada Pr'a Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
S. S. LUIZ - «Molly Bloom» às 21.30 (18 anos)
A.B.C. - «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ASS. ACADEMICA DE ALMADA - «Jorge», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - **CO-MUNA** - «Não se Paga! Não se Paga!», às 21.30 (13 anos)
VARIADADES - «Há Petróleo no Beato», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL - «Não há Nada que me Escape», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «Rómulo», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS - «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)
ADÓQUE - «Paga as Favas», às 21.30 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Seis Aparições de Lenine Sobre um Piano», às 21.45 (13 anos)
COMUNA - **TEATRO DE PESQUISA** - «Serena Guerrilha», às 21.45 (13 anos)

REFORÇO

LUSA, Av. Almirante Reis, 199-A-B (T. 42169); **RIO DE JANEIRO**, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **IDEAL**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **SEPOL**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CRUZ DE MALTA**, L. Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **GAMA**, C. da Estrela, 130 (T. 660339); **SANTA MARIA**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **SÃO JOÃO**, E. da Luz, 124-A (T. 783179); **NAZÁRIO PINTO**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 970660); **CONCEIÇÃO**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 361279); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Phoras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939)

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530) Permanente; **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Até às 22 horas; **DAMAIA**: **Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ**: **Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906); **CAMARATE**: **Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM**: **Silva Duarte**, **MEM MARTINS**: **Químia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012) Permanente; **MERCES**: **Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO**: **Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA**: **Gomes da Silva**, Portela Permanente; **COLARES**: **Abreja** (T. 299088)

Linha de Cascais

TIRES: **Guimarães**, L. Duarte, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 21 horas; **ALCABIDECHÊ**: **Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 21

farmácias

horas; **PORTO SALVO**: **Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: **Luz**, Até às 21 horas; **OEIRAS**: **Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS**: **Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: **Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: **Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PARADE**: **Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; <



DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.59 4,4 m 9.39 0,6 m
16.19 4,4 m 22.00 0,7 m

Dia 16

4.41 4,3 m 10.22 0,7 m
17.05 4,3 m 22.43 0,8 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	10°
PORTO	13°
P. DOURADAS	15°
COIMBRA	15°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	17°
ÉVORA	16°
SINES	-
BEJA	18°
SAGRES	21°
FARO	22°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	21°



O PS está mais pobre

Divergências políticas levam Henrique de Barros à demissão

O prof. Henrique de Barros demitiu-se, na terça-feira, do Partido Socialista, na sequência de profundas divergências com a actual direcção do partido, e nomeadamente com Mário Soares.

Henrique de Barros, ex-presidente da Assembleia Constituinte, ex-ministro de Estado, ex-presidente do Conselho Nacional do Plano e com um notável passado de lutador antifascista, enviou uma carta à sua secção, em Belém, na qual anuncia a intenção de se demitir do partido.

A carta de demissão mantém-se confidencial e parece mesmo que ainda não foi recebida na secção de Belém do PS mas, segundo a ANOP, Henrique de Barros invoca razões de saúde e outras de natureza política para o pedido de demissão.

Estas ligar-se-iam fundamentalmente à situação no interior do PS e à linha política seguida pela actual direcção do partido. Recorde-se que Henrique de Barros encabeçou a lista de oposição candidata à Comissão Nacional do PS no último congresso e foi um dos mais empenhados defensores da candidatura de Eanes à Presidência e da FR.

Em contacto com elementos afectos ao ex-secretariado, sabemos que não se esperam mais demissões, nomeadamente de nenhum dos «Sete Magníficos» (agora reduzidos a seis), grupo de figuras gradas do movimento socialista que encabeçaram a oposição a Soares.

Filho do poeta, educador e jornalista João de Barros, Henrique de Barros nasceu em Coimbra em 7 de Outubro de 1904 no seio de uma família que se distinguiu

nos campos do ensino, da cultura e da política.

Seu pai, João de Barros, foi também político de prestígio nos primeiros anos da República, tendo sido deputado e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Do lado materno, é neto do romancista Francisco Teixeira de Queirós, outro deputado republicano e também ministro dos Negócios Estrangeiros, além de presidente da Academia de Ciências de Lisboa.

É técnico reputado em agronomia, tendo-se dedicado desde a sua formatura em 1930 ao ensino e à investigação científica, com especial relevo para a economia agrícola.

Como político, desenvolveu particular actividade, defendendo o cooperativismo e a Reforma Agrária, tendo sido candidato a deputado pela oposição democrática pelo círculo de Coimbra em Outubro de 1969.

Após o 25 de Abril, foi membro do Conselho de Estado, presidente da Assembleia Constituinte, ministro de Estado no

Primeiro Governo Constitucional e presidente do Conselho Nacional do Plano.

Em 1976, fundou o Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, organismo de cúpula no domínio da orientação pedagógica activa do cooperativismo, mantendo-se presidente, a título gracioso, do Núcleo de Altos Estudos Cooperativos nele integrado.

Este ano foi presidente da «Grande Comissão Nacional de Apoio à Recandidatura do Presidente Eanes».

«Fui, sou e serei um democrata, termo que me define melhor do que o de político. Sou um cooperativista militante e penso que o cooperativismo é uma das componentes essenciais do tipo de sociedade que desejo e que, por todo o Mundo, está em conflituosa gestação: o socialismo democrático, o socialismo em liberdade. Fui, e porventura ainda conseguirei continuar a ser, um economista agrário no triplo domínio do ensino, da investigação e da difusão do conhecimento».

Sessão de abertura da FIET

Eanes põe em relevo a função sindical

«A minha presença nesta sessão plenária de uma organização sindical, de âmbito mundial, tem o significado de uma homenagem do poder político democrático de Portugal ao valor que entendemos ter a função sindical, entendida na sua plena dimensão nas sociedades modernas».

São palavras do Presidente da República, general Ramalho Eanes, na abertura da sessão conjunta Bancos/ Seguros, da Federação Internacional de Empregados e Técnicos, que está a decorrer no Hotel Sheraton, em Lisboa, com uma agenda de trabalhos que inclui, entre outros temas, a fixação de salários e condições de trabalho, o desafio da nova tecnologia, questões relacionadas com as companhias de seguros multinacionais, conselhos de empresa, democracia industrial, a Comunidade Europeia e os seguros cooperativos.

Ramalho Eanes teve uma intervenção em que marcou fortemente a sua convicção da importância dos sindicatos, afirmando não ser justo, nem sequer corresponder aos ensinamentos da história contemporânea, «que se pretenda limitar a acção sindical apenas aos seus aspectos reivindicativos, ou às suas acções de pressão sobre os centros de decisão económica».

Na perspectiva do Chefe do Estado essa imagem teria justificação no início do surto de desenvolvimento económico e tecnológico, e quando os mecanismos normais de funcionamento da democracia estavam, ainda, numa «primeira e incipiente fase, de garantia dos processos de representação de todos os interesses sociais».

«A realidade actual da função sindical mostra uma dimensão muito mais ampla e, por isso mesmo, muito mais responsável», reconhece o Presidente da República, ao mesmo tempo que salienta o facto de, como sempre acontece quando a evolução histórica conduz ao acréscimo de poder de uma organização representativa de interesses sociais, estar-lhe inerente «um aumento da sua responsabilização nos processos de decisão colectiva que condicionam os destinos de uma sociedade».

O Presidente da República sublinhou que «hoje, as organizações sindicais são parte integrante do sistema de relações que fundamentam a solidariedade social e, assim, asseguram um exercício mais responsável, e mais participado, dos valores democráticos».

Eanes foi mais longe na sua convicção das potencialidades da função sindical que considerou «parte integrante da nossa esperança no futuro» que «estará sempre presente na procura das plataformas de entendimento entre os diversos agentes intervenientes na actividade económica, e na definição de uma política económica consistente, isto é, que esteja adaptada ao que os homens e as mulheres de cada sociedade estão dispostos a realizar».

Vendo estas relações ainda mais nítidas em sectores como a banca e os seguros, Eanes considerou estes dois sectores como «o campo experimental onde nascerão as novas formas de que se revestirá a função sindical, assumida em plena responsabilidade da sua importância na evolução das sociedades».

Revisão Constitucional

Reforma Agrária: PC e PS mantêm Princípios Gerais

A Reforma Agrária começou, agora, a ser discutida na Comissão de Revisão Constitucional. Enquanto o PCP e o PS não apresentam qualquer alteração ao texto constitucional, a AD propõe alterações substanciais ao articulado constitucional sobre esta matéria.

Duvida-se que, aqui, seja possível proceder a modificações de fundo, já que os 2/3 de votos ne-

cessários dificilmente serão obtidos pela AD. No debate da Comissão participaram, ontem, Sousa Tavares (PSD), Luís Belroco (CDS), Nunes de Almeida (PS) e Vital Moreira (PC). Os princípios sobre Reforma Agrária, ao que parece, não afastam os dois grandes partidos da oposição. A divergência situou-se sempre (Lei Barreto) ao nível da Regulamentação.

Novo emissor da Rádio Renascença

O cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, presidiu em Muge ao início das emissões experimentais, em onda média, da Rádio Renascença.

O novo emissor vai estar 24 horas no ar e foi inaugurado com a transmissão das cerimónias de Fátima.

últimas

PCP: Timor é «assunto de Estado»

O Partido Comunista Português entendeu «não se pronunciar sobre a divulgação ou não divulgação do relatório de Timor» - refere uma nota do secretariado do Comité Central, ontem divulgada.

O PCP considera tratar-se de «assunto de Estado» e salienta não ter tido «qualquer intervenção, participação ou responsabilidades no processo de Timor», nem «nunca haver recebido «quaisquer informações sobre o seu curso».

A nota acrescenta não ter sido o partido «consultado sobre decisões de órgãos do poder relativas a tal problema», pelo que desconhece o respectivo conteúdo e não está «em condições de avaliar a justeza de qualquer decisão», relativa à divulgação do relatório.

APREENDIDOS ELECTRO-

DOMÉSTICOS provenientes de assaltos cometidos há pouco mais de um mês na zona de Benfica em Lisboa quando se encontravam já na posse do receptor, um tal João, residente na Amadora, permitiriam a detenção dos autores dos furtos; Moammad e Simões, de 28 e 33 anos respectivamente. Eram especialistas em máquinas de lavar, arcas frigoríficas, aparelhos de som e toda a gama de equipamentos domésticos cujo funcionamento depende da electricidade. Ficaram detidos à ordem do juiz de Instrução Criminal medida que, no entender do magistrado, se não justificava para o «intruja», (receptor), cuja liberdade foi respeitada.

FAM LIA FICOU SEM CASA

sem todos os haveres devorados por um incêndio que ontem deflagrou na modesta habitação que possuíam na Rua de Francisco Soares, zona das Virtudes no Porto. O casal de fracos recursos, com cinco filhos, ele António Correia, operário e ela, Teresa Pereira da Silva, vendedeira, ficaram apenas com a roupa que tinham no corpo, pois a residência ardeu tão depressa que os bombeiros apenas conseguiram evitar a propagação ao velho casario da vizinhança.

EM CANTANHEDE vereador do

PSD demite-se alegando: «Os dinheiros públicos deviam ser melhor administrados». Trata-se de Reinaldo Pereira Branco, eleito pelo PSD que, tal como o dr. Diamantino Miguéis, do mesmo partido que se demitiu no princípio do ano, abandona as suas funções acusando o Executivo de mau trabalho, nomeadamente no respeitante aos dinheiros.

PASSAPORTES

Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser enviados para obtenção de novos

agência abreu

LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

1 SEMANA EM ITÁLIA

VIAGENS ACOMPANHADAS POR DELEGADO

GRANDE CIRCUITO ITALIANO

ROMA, FLORENÇA, PADUA, VENEZA, MILÃO E PIZA

PARTIDAS TODAS AS 6AS FEIRAS desde 5 de Junho a 23 de Outubro

Incluindo avião, circuito em autotour, hotéis visitas e seguro de viagem de mil contos

1 SEMANA EM ROMA

PARTIDAS TODAS AS 6AS FEIRAS desde 5 de Junho a 23 de Outubro

Incluindo avião, hotel, transportes em terra, visita da cidade, seguro de viagem de mil contos

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. Liberdade 160 Telef. 371341

PORTO Av. Almeida, 207 Telef. 317923

COIMBRA Rua Sá de Sá 2 Telef. 276112

FARO Av. República 124 Telef. 250356

FUNCHAL Rua 1.ª de Maio 3 Telef. 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO - 32 111 - 24 000 CONTOS

2.º PRÉMIO - 74 683 - 4 800 CONTOS

3.º PRÉMIO - 1 582 - 1 800 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETÚBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO

32 110 - 321.900\$00

32 112 - 321.900\$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

1 460, 5 826, 6 604, 8 240, 8 303, 8 353, 9 838, 11 688, 12 669, 13 543, 13 866, 14 857, 17 373, 17 665, 20 149, 21 939, 23 405, 24 532, 27 181, 29 388, 30 113, 32 587, 34 282, 35 105, 37 391, 37 606, 37 753, 38 275, 38 686, 38 921, 39 158, 43 153, 49 649, 53 807, 57 235, 64 035, 66 955, 67 533, 73 285 e 73 425.

PRÉMIOS AOS ALICATISADOS FIXAIS

12.000\$00 - 123, 141, 232, 235, 497, 730, 979 e 996

6.000\$00 - 111, 582 e 683

3.600\$00 - 31 e 56

1.800\$00 - 1 (terminação)

PRÉMIOS DE 3.000\$00 (CENTENAS)

1 501 a 1600, 32 101 a 32 200 e 74 601 a 74 700

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 15/04/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONSTITUI A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL.

Lisboa, 15/ 10/ 81

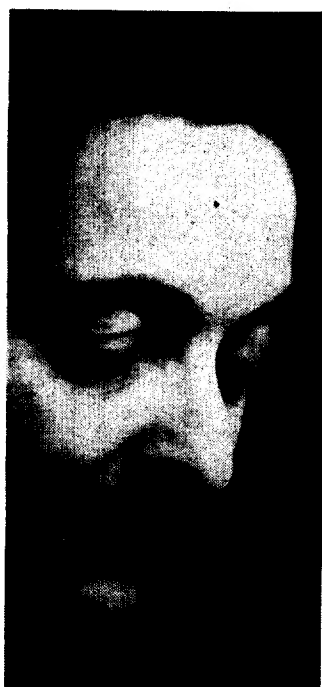


VIEIRA DA SILVA Na Biblioteca Nacional de Paris

NÃO há duas Vieira da Silva. Sentimos uma emoção idêntica diante da sua obra pintada e perante as cento e oitenta e cinco estampas que a Biblioteca Nacional apresenta pela primeira vez na sua totalidade. Quer maneje o pincel, o lápis ou o buril, Maria Helena Vieira da Silva é um pintor inteiro. Mas que domínio renovado quando usa uma ferramenta mais rebelde!

Quando aos vinte anos chegou a Paris esta artista portuguesa teve ao mesmo tempo duas actividades, frequentando de dia as academias de pintura e à noite o Atelier 17, onde Hayter a iniciou em todas as técnicas da gravura. Felizmente Vieira da Silva conservou desses primeiros tempos águas fortes excelentes, o *Val de Grâce*, o estudo para o retrato de sua mãe (1929). Faria poucas durante a década seguinte. A pintura parece ter monopolizado as suas forças. Gramíneas, por exemplo, linhas entrelaçadas e, principalmente, os cordões do *Sarça ardente*, buril de 1938, mostrariam que Vieira da Silva tinha encontrado a sua fórmula, se, de resto, as suas telas dessa época não se encarregassem de o provar.

Deixemos a cronologia. O lado espectacular da exposição sofreria com isso. Françoise Woimant preferiu, e conseguiu, uma autêntica encenação. Logo à entrada, e sobre os cimácios que contornam a sala Mortreil, é o reino da cor. Nos que estão em frente também, porque uma segunda talume com vitrines cheias de riquezas protege a



Vieira da Silva

parte mais secreta do Templo, com belezas, soberanas no seu despojamento, em *taille-douce*. Antes de mais as quinze guaches tiradas de *Kô e Kô, os dois esquimós*, uma bonita história para crianças imaginada por Vieira e redigida por Pierre Guégan, pretexto para uma primeira exposição, em 1933, na casa Jeanne Bucher.

Como não aproximar essas encantadoras imagens das cinco guaches de *Et puis voilà* contada à sua boneca por uma menina de cinco anos. Marie-Catherine Bezaine? Estamos em 1951. Vieira está em plena forma, na posse de todos os seus meios.

Há quadriculados talvez nascidos dos motivos geométricos das maquetes de tecidos por ela realizados, certamente das toalhas de Bonnard e dos azulejos do seu país, traços e sulcos, texturas de uma natureza estruturada na sua desordem aparente — «O mundo está irregularmente semeado de disposições regulares», escrevia Paul Valéry, citado por Antoine Terrasse — que seriam, de resto, condensados três anos antes numa extraordinária litografia, a *Tela de aranha*.

Uma litografia em preto, é certo. As que, uma após outra, concorrem para encantar o visitante com as suas tonalidades ricas e surdas, lembram a Vieira pintora, fascinada com os formigueiros humanos, as acumulações de edifícios e de objectos, as exuberâncias domesticadas do reino vegetal. E os títulos das estampas são suficientemente explícitos: *as Grades, o Xadrez, a Biblioteca amarela e vermelha, Meia noite, a Cidade, a Multidão, o Êxodo, a Rua Azteca* (tumulus) *Grutas, as Pessoas, Egipto, Atlântida...* e os fustes mergulhados na sombra da *Nave...* e a inesperada *Biblioteca humorística* em dezasseis cores realizada por Manesse, segundo uma guache de Vieira.

O itinerário multicolor termina com peças posteriores a 1976, isto é, as cento e quarenta e nove recensadas por Guy Weeler no seu catálogo da obra gravada (Yves Robert, 1977). Contém ilustrações uma das quatro elegias principais de Leopold Sedar Senghor (à memória de Georges Pompidou) e a copiosa série editada em Barcelona por Poligrafia: *Azulejos, a Aldeia*

azul, Jardim de Lucia, a Capela enlouquecida, Jersey, o Tejo, etc., e a admirável *Ericeira*.

Já se viu que, com as suas iluminuras feitas com molde recortado Vieira não desdenha nenhuma das técnicas ditas menores. Só em 1956 fez serigrafia. Isso é de lamentar perante uma série excepcional de doze estampas em que temas familiares como *Verde, Labirinto, Biblioteca, Paisagem, Jardim, Mapa marinho*, parecem metamorfosados graças às transparências, às impressões repetidas, à fluidez das tintas, ao poder absorvente de papéis preciosos. Outra incursão nos caminhos erradamente considerados heterodoxos pelos maníacos da estampa: os desenhos tão cheios de humor e de fantasia dos *Récits abregés*, de Jean Guichard-Meil, reproduzidos «mecanicamente». Só que aqui são retomados com a mesma paciência pela artista armada com o «vaccino-dactyle» que lhe permitiu escavar minuciosamente os brancos.

Diálogos com René Char

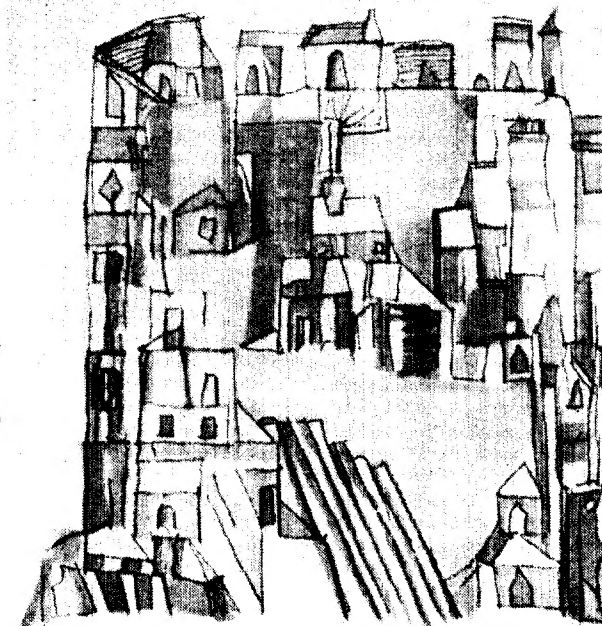
A apaixonada das Bibliotecas deu, pelo menos numericamente, o melhor de si próprio ao livro. Vê-se isso ao verificar os títulos em que o seu nome também figura. Mas é principalmente ao colaborar, melhor, ao dialogar com René Char que Vieira atingiu um dos pontos altos da sua arte. As suas respostas aos poemas da *Inclemence lointaine*, os vinte e cinco buris por ela gravados directamente sobre o cobre, ocuparam mais de dois anos de sua vida, e, desses dois anos oito meses de traba-

lho a tempo inteiro. Dominado e acerado o traço liberta mais do que imobiliza o universo mental e material do poeta, as rajadas e o espírito que sopram no *Luberon*, as plantas da beira d'água e as arquiteturas. Com uma tal inteligência do texto que Char reestruturou os seus poemas para se manter em uníssono com a artista.

Mudando finalmente de registo, Vieira ocupou-se, pelo menos duas vezes, do seu emocionante retrato de Arpad Szenes: é uma tela. É abstracta, Vieira, ou está nos limites da abstracção? Não quando ela quer e sabe tratar

os modelos nas suas aqutintas com açúcar, não só fixando as aparências mas atingindo uma semelhança mais profunda — à sua verdade. Ora a verdade não o é se corresponder aos movimentos da alma. Ela apanhou sete expressões diferentes do rosto de René Char, e cinco do rosto de André Malraux. Entre os que Malraux não escolheu para a obra de Guy Suarès, sentimo-nos seduzidos pelo mais sombrio em todos os sentidos da palavra, e devido à intensidade do olhar. Malraux, o autor de *Saturno...*

Jean-Marie Dunoyer



«Ericeira», litografia a cores de Vieira da Silva

«SOEIRO PEREIRA GOMES»

Jogos florais em Almada

O primeiro prémio dos jogos florais «Soeiro Pereira Gomes», promovidos pela Câmara Municipal de



Almada e com prazo alargado até ao próximo dia 30, será um baixo relevo do escultor Anjos Teixeira (na foto). Some-se-lhe, ao primeiro prémio, a edição de luxo das obras completas de Pereira Gomes, oferecida pela Editorial Avante. Os prémios destes jogos florais são, aliás, todos eles constituídos por obras de arte e livros oferecidos por editoras, autores e até pela Fundação Gulbenkian. A proclamação dos vencedores está marcada para o dia 16 de Novembro, às 18 horas, na sala de sessões da Câmara de Almada.

Uma manhã com Nicolas Guillen

Eugénio Alves



— Queres fazer-me uma entrevista?
— Não, Nicolas. É só uma pequena conversa e a sugestão de um poema para o «Diário de Lisboa»...

Olha-me divertidamente irónico e desconfiado. Essa das «pequenas conversas» não o parecem convencer. Não gosta definitivamente de entrevistas. Pede-me que fale mais alto. O ruído do ar condicionado é ainda irritante. Estamos, manhã cedo, no seu gabinete da UNEAC (União dos Escritores e Artistas Cubanos) de que é presidente desde a fundação em 1961. Pede três cafés a uma companheira que o ajuda nas tarefas da UNEAC. Acompanha-nos um pintor e gráfico, Jacques Bruté, o francês mais cubano de Havana, que me facilitou o contacto com o velho poeta.

Sempre jovial, a recordar o nosso eternamente jovem Zé Gomes Ferreira, fala do belo edifício-palácio da UNEAC. «Era antes a residência de um banqueiro famoso. Um dia, o sr. banqueiro convenceu-se de que estava arruinado. Os seus bens e propriedades estavam reduzidos a cinco milhões de dólares. E suicidou-se...» Explica que hoje a UNEAC, com mil e quinhentos membros, é uma verdadeira família onde coexistem criativamente escritores, poetas, compositores, pintores, escultores, fotógrafos, críticos, ensaístas, bailarinos, gente do teatro, actores, realizadores de cinema, rádio e televisão... A UNEAC funciona com cinco secções autónomas: Literatura, Artes Plásticas, Música, Teatro e Cinema-Rádio-Televisão. Para além das exposições, colóquios, conferências e frequentes edições de livros de autores cubanos e estrangeiros, a UNEAC edita

A palavra e a imagem

António Cabral

O conceito de imagem como a representação mental dum objecto, é muito complexo, se atendermos ao mecanismo da representação, tão complexo que as teorias psicológicas a esse respeito são numerosas e contraditórias. Como se explica a percepção de que resulta o núcleo da imagem? Há nesta elementos que não se devem àquela? Que é de facto uma representação mental? E em que medida o objecto é representável? Que é o objecto?

A complexidade da questão psicológica aumenta quando se entra nos domínios do literário. É sabido que as palavras dum texto literário nos fornecem imagens que procedem das leituras que o autor faz e ainda de toda a sua vida sensível desde a mais recuada infância (1). A especificidade do fenómeno artístico impede-nos, todavia, de equacionar a imagem literária com a imagem psicológica. Esta é modificada, não há dúvida, de contrário a literatura reduzir-se-ia a uma dimensão da psicologia e não disporíamos, assim, de outros instrumentos de interpretação literária, para além dos psicolinguísticos. Mas esta tem sido mesmo uma tentação, se tivermos em conta a crítica psicanalítica e a crítica formalista emanada da linguística estrutural, deslocando esta o eixo do signo para o lado do significante em prejuízo do significado, numa autonomização da imagem que, por esse facto, fica desligada do referente.

Acresce que há quem recuse falar de imagens em literatura, pois isso pressupõe uma relação com a realidade exterior ao tecido linguístico; como há quem designe de imagens, genericamente, as figuras de significação ou tropos, entendendo como imagética dum texto o conjunto das suas figuras. Meschonnic sublinha a confusão reinante em França: «ora termo genérico para toda a relação de analogia, ora sinónimo rigoroso de metáfora» (2).

O problema é complicado, como se vê. Ficará ele resolvido se recorreremos às categorias de denotação e conotação, considerando a denotação como o sentido primeiro da palavra e a conotação como um sentido segundo? Deixando a psicologia para os psicólogos e retendo da imagem, na acepção psicológica comum, o seu aspecto da representação mental dum objecto, teríamos que este tipo de imagem é o que nos é dado pela denotação, isto é, o sentido primeiro, enquanto a imagem literária corresponde à conotação, isto é, ao sentido segundo. Se eu, por exemplo disser: «o sol é um astro» a palavra sol desencadeia uma imagem psíquica, denota efectivamente o sol que ilumina a terra, fornece-nos o sentido primeiro da palavra. Mas, se disser: «Maria, tu és o meu sol», o domínio é já outro: a relação intelectual é carregada de afectividade, a imaginação intervém, acontece uma conotação, isto é, o sentido segundo.

Será que o sentido segundo exclui o sentido primeiro, totalmente? Reside aqui o nó górdio da semântica literária, do pro-

blema da significação em literatura.

Jean Cohen (3) entende que o que define a linguagem poética (ou literária) é «a relação dos significados entre si», atravessando assim o sentido segundo (o desvio) na direcção do sentido primeiro. Só que não chega lá, interditando o referente objectivo que assim não possui qualquer estatuto na criação poética. Os significados para ele constituem em literatura um mundo à parte, o mundo da «experiência fenomenológica», patético, não o da visão noética. A verdade, porém, é que, não sendo o sentido segundo possível sem o sentido primeiro, de contrário não haveria comunicação (um texto faz-se de palavras ao alcance do receptor) este tem pleno direito a participar, mais ou menos, nas considerações sobre poeticidade ou literariedade. «Não creio que possamos apreciar e ter prazer com a poesia de um homem se começamos por abstrair de todas as coisas que lhe disseram respeito e ao serviço das quais pôs a sua poesia» (4).

Vejam a imagem existente na frase «Maria, tu és o meu sol», imagem que é uma metáfora, como sabemos. Claro que se trata de uma metáfora que se pode considerar desgastada, servindo apenas como exemplo; o que importa é analisar o processo expressivo, comum às metáforas originais e com valor literário. Ao dizer à Maria que ela é o meu sol, duas funções da linguagem são determinantes: a expressiva, centrada no emissor; e a apelativa, no receptor. Logo transmite-se uma mensagem que não é centrada exclusivamente em si própria. A segunda conclusão é a de que não é a intenção estética que cria a metáfora é o efeito estético resulta, sim, da metáfora, o que implica que a comunicação só é possível porque existe um sentido primeiro de sol em que se funda o sentido segundo. De facto, o plano conotativo é um sistema cujo «plano de expressão é ele próprio constituído por um sistema de significação» (5). Quer dizer, o significado de sol é o significante de um novo significado. A respeito da linguagem de conotação diz Hjelmslev: «O seu plano de expressão é constituído pelos planos do conteúdo e da expressão de uma linguagem de denotação. É portanto uma linguagem em que um dos planos, o da expressão, é uma linguagem» (6).

O formalismo não gosta de ouvir falar em imagens, preferindo, para abordar o fenómeno literário, acentuar o papel das modulações dos sentidos segundos. Assim, num poema, «rio» e «pedra», por exemplo, valem esteticamente como modulações destes «conceitos» ou «coisas», à revelia da sua qualidade objectiva. Quer dizer, o significado torna-se significante, mas afastado este «infinitamente» do primeiro e do novo significado, segundo a perspectiva de Barthes. Mas pergunta-se: como podem autor e leitor modular, a partir do nada que é no que dá meter entre parênteses conceitos e coisas — o sentido primeiro?

Em toda a metáfora há dois termos em relação de que é se-

leccionado um atributo comum, eliminando-se ou não se atendo aos outros. Há mais, no entanto, como diz Michel le Guern: a «imagem associada» (7). Ora esta representa o segundo termo da translação ou transferência de significação e «intervém constatemente aquando da emissão de um enunciado», podendo do mesmo modo intervir no momento da decifração» (8). A imagem associada de sol no enunciado «Maria, tu és o meu sol» é conformada pela personalidade e experiência de quem o enuncia ou recebe. Um astrónomo, um pintor ou agricultor associam com certeza à imagem de sol elementos significativos diferentes do que sucede com outra pessoa. A associação depende também do estado de espírito, de idade, etc., ainda que não devam «atribuir ao autor da mensagem pensamentos ou intenções que lhe são estranhos» (9).

A palavra, mesmo à palavra poética, corresponde sempre uma imagem, um sentido primeiro que, embora atenuado, «desviado» num sentido segundo, existe, não desaparece, mantendo-se inevitavelmente como base de sustentação da poeticidade. A imagem associada é assim um sentido terceiro próximo do primeiro e com ele entrando em circularidade. No enunciado «eternidades nómadas fluindo ao acaso na corrente» (10) (que faz parte dum poema em cujo contexto

Continua na pág. 4

ROTAS DE D. QUIXOTE

QUANDO pusemos o pé em Criptana perguntámos logo a um tipado e criado na Mancha onde se encontravam os gigantes. Conhecedor do lugar e da sua história, o indivíduo respondeu sem titubear: «Por essa rua, lá para os cimos...» E lá nos fomos, andando e subindo, e à medida que nos aproximávamos, os moinhos, pontos pequenos num primeiro relance na paisagem, tornavam-se grandes. Cresciam de minuto para minuto.

Estávamos num lugarzito da Mancha, e parecia-nos que a qualquer momento, vindo do fundo dos séculos, nos surgiria a figura estilizada de D. Quixote, reparador de injustiças e de ofensas.

Mas não. D. Quixote não apareceu. Os moinhos, no entanto, lá estavam, uns quatro ou cinco moinhos de vento, de grandes braços, grandes pás, lentamente se movimentando...

Quixote tomou-os por gigantes, embora Sancho Pança, muito mais terra a terra, lhe dissesse que eram moinhos e só moinhos. Pois sim...

Recordemos o capítulo oitavo do livro imortal, quando Quixote diz para Sancho:

«São gigantes, homem, e se tens medo, melhor será que desandes daqui e te ponhas em oração, pois eu vou enfrentá-los em fera e desigual batalha...»



Um «gigante» sobrevivente que resistiu ao passar dos séculos...

Atentemos na figura de D. Quixote. Era «seco de carnes, enxuto de rosto e sóbrio de costumes; e levanta-se de madrugada e gostava de caçar...» Pobre e vindo do povo. Conta Cervantes que, coberto pelo seu escudo, lança em riste, Rociante a galope, se atirou ao primeiro moinho que lhe surgiu pela frente, e dando-lhe uma lançada, lhe tomou o vento com tanta fúria que a desfez em pedaços, pelo que cavaleiro e cavalo se afastaram pelo campo muito mal tocados.

E quando Sancho quis chamar D. Quixote à realidade, mais uma vez lhe dizendo que eram moinhos em movimento, lhe diz o enghoso fidalgo:

«As coisas da guerra,

Sancho, mais do que quaisquer outras, estão sujeitas a mudanças...»

E quem leu, sabe: na opinião de D. Quixote, os gigantes tinham sido transformados em moinhos pelo sábio inimigo Freston.

Adiante.

Sempre rebelde e disposto a continuar a luta, Quixote foi a caminho de outra aventura, em Porto Lápice, outro lugar da Mancha. Lido e relido em romances de Cavalaria, Alonso Quijano (que esse era o nome verdadeiro de Quixote) atirou-se desta feita a uma árvore, saindo em desvantagem do combate: um ramo quebrou-lhe a lança.

Criptana: o tempo ou a picareta arrasaram os «gigantes», que já não são os 30

UM POEMA INÉDITO

de Fernando J. B. Martinho

«PESSOA COM PAVIA NA RECTA FINAL»



Invento do silêncio a negação.
Afirmo o que posso. Ou o que devo?
Navego por Pessoa, a mão
no vento. Ou nas folhas do trevo

inventado sobre as ondas? Interrogo
por página interposta, sublimada.
Subo a tarde, já esmoreço. E vogo
até onde posso. Ou mais nada

haja que o azul do vento.
Entra Campos pela porta do fundo
do café, gasta imagem do mundo.

Pede água sem gás. Sedento
do que a nós nos dói, sem pensamento?
Ou rasgando a saída pelo fundo?

Fernando J. B. Martinho

moinhos da Mancha tam-se pelos dedos...

ou 40 no livro descritos, e sim, como dissemos, uns quatro ou cinco. Quatro ou cinco que romperam a barreira dos séculos... Será que este moinho, aqui chamado de «Sardinero», com 400 anos em cima, aquele que D. Quixote enfrentou um longo dia de pouca sorte...? Ou será «Tribute», a muda testemunha de tão desigual batalha...? E aquele, e aquele, e aquele, cujos nomes se perdem na memória...?

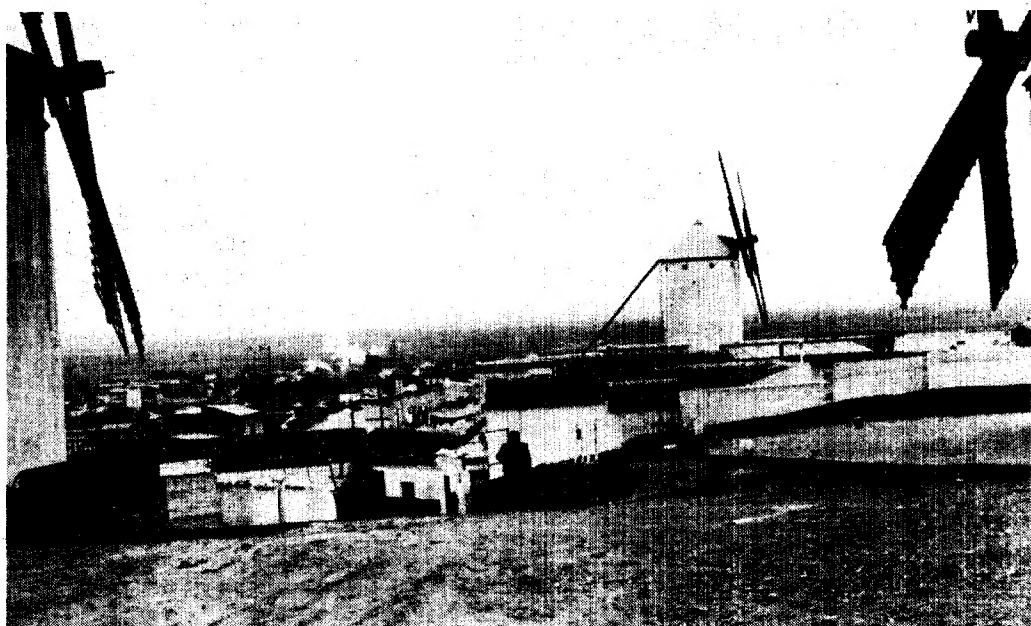
Seja como for, estes poucos moinhos, recentemente considerados como monumentos nacionais de Espanha, são cuidados, dia e noite, por diligentes cidadãos

da Mancha. Que também são os guias dos turistas que vão até ali interessados em ver os «gigantes» por dentro e por fora. Surpresa: o guarda vigilante do «Sardinero», com oitenta anos no lombo, nunca leu a famosa obra de Cervantes. Mas conhece algumas façanhas – e até nos mostrou, preto no branco, um plano do funcionamento do moinho quando acometido por Quixote... Funcionava, era operacional, moia trigo. Produzia, pois, farinha.

Viamo-nos da Mancha com estes pequenos apontamentos – e fomos recordando que, entretanto, outros nomes do mundo se le-

vantaram em defesa de D. Quixote, não o tendo por tolo, mas sim como o símbolo de um tempo que tinha de ser desmascarado. Feito em pedaços. E sobre D. Quixote vieram-nos à memória as palavras de admiração de, por exemplo, Simón Bolívar, José Martí, Che Guevara, Fidel Castro, Alejo Carpentier... Este (que já morreu) escreveu um dia: «Quando criança, eu jogava à bola junto de uma estátua de Cervantes em Havana, onde nasci. Em velho, encontrei novos ensinamentos, todos os dias, na obra inesgotável de Cervantes...»

CARLOS SELVA YERO



Criptana: mais na literatura do que no mapa

As Letras em dia

UM POEMA DE PEDRO ALVIM (ou um excerto do poema «Rútilo é o I», com que o autor, nosso camarada de redacção neste DL, obteve no ano passado o Prémio Camões da Editorial Caminho) é uma das peças antologizadas no volume titulado «O Lirismo», antologia de Isabel Pascoal Monteiro e Jaime Salazar Sampaio, recentemente editada pela Plátano. Além de Pedro Alvim, estão representados mais de sete dezenas de poetas portugueses, na generalidade, do nosso tempo. O livro destina-se principalmente à utilização nas escolas na fase de transição para as Faculdades de Letras, e a sua elaboração responde a duas sugestões programáticas para o 12.º ano. Segundo uma destas sugestões, o lirismo deverá ser entendido a partir de Fernando Pessoa; outra sugestão avança para a articulação Viagem/Aventura como tema ou tónica predominante a trabalhar ao longo do tempo e das sucessivas correntes literárias. O interesse do livro pode calcular-se: ele é, em larga medida, uma antologia de poemas e poetas portugueses dos últimos cem anos.

O POETA BRASILEIRO Carlos Nejar encontra-se em Por-

tugal e estará de amanhã a oito dias, dia 23, no Porto, na Fundação Eng.º António Almeida, para um encontro público. Nejar – que veio subsidiado pela Gulbenkian para um trabalho de recolha de dados e materiais destinados a uma antologia da poesia portuguesa moderna – será apresentado por Arnaldo Saraiva, e assinará uma escolha de poemas de sua autoria, em livro a lançar, no entanto, para regime de ofertas. O poeta é hoje das mais altas referências da poesia brasileira, e alguns críticos têm-no em conta de autor da mais importante obra poética depois de Melo Neto. É também dos poucos poetas brasileiros de hoje que os portugueses conhecem menos mal em Portugal, porque aqui há anos a Moraes publicou-lhe uma breve antologia (num volume, com outra, de outro, Armindo Trevisan), e um livro novo, «O Poço do Calabouço».

A GOTA DE AGUA, do Porto, vai publicar brevemente novos livros de poesia de António Franco Alexandre, Helder Moura Pereira, Al Berto, e Manuel António Pina. Nos planos, para este ano, dos coordenadores da actividade editorial daquela cooperativa, estão

poetas como António Ramos Rosa e o moçambicano Mutimati Barnabé João (aliás, João Pedro Grabato Dias, aliás, Frey Johannes Garabatuas, aliás, Antonio Quacros – português, há muito radicado em Moçambique, autor, heteronimamente, de livros como «As Quibricas», «Sonetos de Amor e Circunstância», «A Arca», «O Morto», «Laurentinas», «Eu, o Povo», esta última uma peça de capital importância na poesia actual de Moçambique). Fora da poesia, pensa-se numa colectânea de ensaios críticos do italiano Carlo Vittorio Cattaneo sobre poesia portuguesa de hoje, e há ainda outro ensaio, no mesmo âmbito de referências, do autor português. O último lançamento da Gota de Água foi já no ano passado: «O Lugar do Amor», livros de poemas de António Osório.

AÇORICA é o nome de uma colecção que a Vega poderá vir a lançar dentro de algum tempo, e dedicada a escritores ou temas açorianos. O lançamento da colecção assentará sobre o acordo, a firmar, entre a editora e a SREC, daquela Região Autónoma. A Vega, já aqui o dissemos, assinou recentemente um protocolo com

Continua na pag. 4

ALEXANDRE OU PALAS ATENEIA

ELA planície ela vai, os passos nem tangendo o chão, pintando as pestanas a oiro. Entre os selos as aranhas encontram refúgio, após ligeiras trepagem as colunas mais brancas. De elmo emplumado ela progride, o olhar num horizonte nitidíssimo. Eis a amante da diligência, a protectora da astúcia, a consoladora dos guerreiros que morrem na virgindade. Saída do fundo da sombra, empunhando a lança, a que a sede aplaca com seus beijos, os ferimentos cura com seus dedos, as ondas transtornadas aquieta. Numa taça vasa o fel, noutra o mosto fermentado; as mariposas aterram nos pêlos do seu púbis; um ouvido dá ao vento, outro ao toque dos clarins. O sol acompanha seu galope, a lua abre veredas a suas conjuras. Ela é a pérfida, a mais leal, a dura: a que bebe, a que soluça, a que ri de triunfo. Passa enxugando os líquidos do combate, arrancando célere as folhas de loureiro; pisa um tapete morno de panteras obedientes acorrendo com bandeiras e mortalhas. Aos vivos confere a coroa de poeiras de barro, aos mortos abre a tumba de seu ventre. A grande, a imbatível, a serena; a louca, a desgarrada, a fulminante. Ninguém a vê, todos a sabem: sentada entre os lírios da margem do regato, a espada deposta, ajusta as tiras das sandálias gastas. De noite alonga-se sob a clâmide das estrelas, de dia rompe a rede dos pescadores. Mas onde se veste, onde fornicar? Descerra lápidas nas paredes do templo, fabrica o cesto das panateneias, sopra no porto a velas paradas. A cada canto fazendo ressoar os escudos, num surdo trovão dilacera as núvens. E os homens estão com ela, turbulenta. Na areia molhada traçam seus esquemas de combate, deslocam pedregulhos e ramos de oliveira. E ela caminha sem descanso, os campos de centeio unindo ao mato mais bravo. Não sabemos que dizer de seus intentos: é o fogo, é a ira, é a fome; é a paz, é o amor, é a terra. Os anjos só, só eles entendem que roteiro a guia, vinda dos cortinados do sonho de quem a pensou, para matar de um golpe só, arrecadar o espólio, contemplar os celebrantes frente ao boi esventrado. Um reflexo lhe ilumina as têmporas. Conta pelos dedos as cidades rendidas. A última hora, muda a estratégia adoptada. Parte sem pressa, abandonando a cena aberta às aves predadoras. Em seus braços, nus de escra-

vas e pulseiras, uma alga de sangue escorre ainda, lenta e espessíssima. Sob os oureiros, em busca dos longes, com a mesma sempre amável palavra à tona dos lábios. Mas não fala. Só quando as quadrigas houverem partido, e o silêncio descer sobre a sequência dos plainos, sua voz segredará, profundamente, altiva.

Que podes ser senão leonino, filho da mulher que dança com serpentes? Jovem crescido entre adagas, que outra escolha terias? Querias-te desatado de membros, o eréctil sustentando um orbe de brumas e rochas. Aprenderas a besuntar os músculos com o esperma do touro, formaras um alfabeto novo sobre a argila. Como dormias? Nas encostas, coberto de uma manta de lã, ouvindo as ondas ao fundo. Não espanta que devagar tua pele fosse ganhando cáldio o grão do calcário. Eras o príncipe. Os pastores vinham de longe render-te preito, as soldadeiras guardavam tua effigie numa medalha à flor do umbigo. Eras o sono dos mercadores, a chuva dos camponeses, a noite de estio e sem lobos dos viandantes. Em que luta ainda te exercitavas, em que livro ainda te revias, em que tecido de muralhas ainda a sorte experimentavas? O invisível, como as areias que o vento leva; o rápido, como os láparos escapados à mãe; o firme, como o tronco das palmeiras mais delgadas. De fósforo, pousavas o olhar nas ervas da savana; de jaspe, entretinhas-te à beira das piscinas. Os mapas desdobravas até não mais se verem, a compasso medindo distâncias ignoradas. Das tendas, as mulheres vinham trazer-te pratos de amoras, pedir-te que desprendesses a fíbula de suas vestes. Entre a comitiva dos elefantes, teu nome se repetia por bêbedos e tresmalhados, misturado ao vapor de urina dos animais. Lúcido é que a manhã se tornava, de pulsos erguidos, tão pronto no sacrificar aos deuses. E as fronteiras se abatiam ante tua manha, o globo celeste se transmutava, os rios subterrâneos fluíam na direcção de ti. Para Balkh é que o chicote dos fados te apressavam, através do apagado oiro das colgaduras, da rude papa no fundo das vasilhas, da crosta que recobria os calcanhares dos batedores. Não havia quem te apontasse o rumo. Só de longe a longe um ser de asas transparentes, mínimo como as abelhas, te pe-

netrava nos ouvidos. E então sabias onde as águias fabricavam seu ninho; e os ovos acalentavas em teu peito.

Zeloso, corria de hoste em hoste, procurando os manebos de crina mais desgredada. Por minhas próprias mãos, engenhava, cerzia as tarimbas onde enfim jaziam. Austero, lhes infligia o castigo a que tanto aspiravam. Mas nem sempre lhe fui próxima: ao crepúsculo lhes zunia os contos de sua terra natal, na sesta me insinuava com seus jogos de infância. Amavam-me como a uma deusa, silenciosa que eu era; ouviavam-me como a um pai, quando despida avançava a seu lado no fragor das investidas. Amaldiçoava-os pelo massacre a que se entregavam, e assim me criam inteira ao designar-lhes a vida; recusava-lhes o soldo no mais frio do inverno, e por isso me tinham por rei e me devotavam os filhos. Eu era a irmã do infortúnio, o companheiro do tédio, a libertadora do cio. Por amor de mim, senhor do que há por cima e debaixo da terra, todos os dias acresciam uma ligadura às ligaduras que tinham; por amor de mim, exasperada de libações e dádivas e hinos, temperavam as lâminas que o sangue ainda tingia.

Eles me ficavam o calor orvalhado da vagina, a dolorida extensão do pénis. À hora certa, me traziam a fita que prende os seios, a couraça que o tórax me suportava. Chamavam-me a destemida, o devorador de toupeiras, a dos ágeis artilhos, o que nunca se esvai. Partiam a meu lado, a anunciadora dos países; a meu lado regressavam, o tocador da vitória. Abraçavam a minhas aias, tropeçavam nos sátiros do meu séquito. E comigo diziam de cor a verdade que já ninguém negava: «Metade da minha alma respira; a outra metade não sei quem a tenha roubado, se o Hades ou o Eros». Nada mais lhes explicava: resignava-me a fiar o resto de minha lã, reclinava-me no fresco dos eucaliptos a censurar meus versos. Mas não havia quem os detivesse, nem herói nem mulher santa, nem punhal nem bainha. Em coro se riam, e gritavam: «Eu bem os avisei: Jovens, não acolhais a fugitiva».

Ao ritmo de suas gargalhadas é que a campanha continuava. E até hoje era o sol após a lua após o sol após a lua após o sol após a lua. Como digo.

MÁRIO CLÁUDIO

Uma manhã com Nicolas Guillen

Continuação da pág. 1

ainda duas revistas, a «União» trimestral, e a «Nova Gazeta», mensal.

Fala com orgulho da «gigantesca difusão da cultura» em Cuba, «ao nível dos países mais avançados do mundo». Compara o «profundo desdém pelas coisas da cultura» do tempo da ditadura com o desenvolvimento actual, permitido e apoiado pela Revolução. «Povo e Cultura é um tema permanente da Revolução e isso explica o seu carácter incisivo» sublinha, ao mesmo tempo que nos mostra documentação sobre a importante obra editorial da UNEAC, não esquecendo o trabalho similar da Casa das Américas.

«la muito ao Bairro Alto...»

Depois, sem esperar pela pergunta, começa a falar de Portugal, das duas vezes que esteve em Lisboa «lá muito ao Bairro Alto. Que boas sardinhas lá comi...» Refere as duas edições de obras suas, cujos direitos ofereceu à Associação Portuguesa de Escritores e fala com admiração do seu contacto com os nossos intelectuais. «São corajosos, vigorosos e de grande personalidade».

Curiosamente os nomes que cita (e mais aprecia) da nossa literatura, não são poetas. Garcia Marquez — escritor — evocou-nos



Fidel coloca a «Ordem de Martí» no peito de Nicolas

Pessoa e Gil Vicente. Nicolas recorda a figura «imponente» de Herculano e a ironia admirável de Eça. «Li Eça de Queiroz, de uma ponta à outra. E gostei muito, apesar de ali haver muita coisa de Flaubert...»

Lembro-lhe que Eça foi cônsul em Havana em 1870-72. «Eu sei — diz sorrindo — esteve por aqui muito distante da realidade social e política. Dizia que Havana era um charco de suor...»

De poetas de língua portuguesa fala com admiração de Castro Alves, da sua «poesia multifacetada». Tonto que fale da sua própria poesia. Influências? «Todos os escritores e poetas sofrem influências de alguém. Somos todos pais e filhos de alguém». Poeta essencialmente comprometido, militante? Sorri, levanta-se e traz a edição recente da sua obra lírica «Música de Câmara», com as mais belas odes, baladas e canções da sua vasta produção. Folheia duas páginas, desenha um boneco e escreve uma dedicatória simples, «a mi amigo Eugénio». É a sua resposta.

Os poemas preferidos? «O meu poema preferido é o que tenho para escrever, é sempre o próximo...» — responde, eternamente sorrindo. Dá muito trabalho a UNEAC? Irónico: «se dá... para ser presidente é preciso lutar, trabalhar muito...»

Mostra-nos a bela medalha da «Ordem José Martí» que Fidel, dias antes, lhe colocara ao peito. Como se sentiu? «Muito bem» — diz simplesmente.

A palavra e a imagem

Continuação da pág. 2

adquire naturalmente maior beleza) a instância denotativa no seu conjunto esfumou-se, mas a linguagem seria gratuita, indecodificável e, daí, apotética se a cada um dos signos não fosse atribuível um sentido primeiro: é da sua organização imprevista e surpreendente que a poesia resulta. As «eternidades nómadas» nada significariam, nada seriam, se previamente cada um dos lexemas não tivesse já um significado (que o contexto concretiza e enriquece, entendase). Por outro lado, a personalidade quer do poeta quer do leitor acrescentam-lhes elementos significativos da imagem associada.

(1) T.S. Eliot, *Función de la poesía y función de la crítica*, Ed. Seix Barral, Barcelona, 1955. p. 157.

Podem ter aqui lugar também as imagens míticas ou simbólicas de Jung, Bachelard, etc. (2) H. Meschonnic, *Pour la poétique*, I, Gallimard, Paris, 1970, p. 101. (3) Conf. *Estrutura da Linguagem Poética*, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1973, p. 44; *Poétique*, n.º 11 Seuil, Paris, 1972. (4) T.S. Eliot, op. cit., p. 99. (5) Georges Kasai, in *Conceitos Fundamentais de Linguística*, Ed. Presença, Lisboa, 1976. (6) L. Hjelmslev, *Prolegómenos a une théorie du langage*, Paris, Éditions Minuit, 1968, p. 161. (7) *Sémantique de la Métaphore e de la Métonymie*, trad. portuguesa da Telos, Porto, 1974, p. 69. (8) *Id.*, *ibid.*, p. 69. (9) *Id.*, *ibid.*, p. 71. Conf. também na página 116 *Intenção estética e metáfora*. (10) In *Inúmerações*, Miguel Serras Pereira, Centelha, Coimbra, 1980. Tzara, estudando as imagens de Éluard, vai ao ponto de dizer que, fora do poema, as imagens não têm valor intrínseco. E Eliot (op. cit., p. 155) tem esta expressão: «Um verso só não é poesia, a não ser que se trate dum poema num verso».

A homenagem

Tinha visto Nicolas Guillen dias antes, no Palácio da Revolução de Havana, num belo salão tropical, repleto de plantas, quadros e pequenos canteiros de água. Diante de um microfone, tímido, quase envergonhado, o poeta escutava o discurso de Armando Hart, ministro da Cultura. Na sala estavam outros poetas e escritores (Benedetti, Garcia Marquez, Goytisolo, Juan Bosch, Miguel Otero) e estava Fidel, acompanhado de outros dirigentes cubanos. Tratava-se da homenagem nacional ao poeta maior de Cuba.

O ministro fez um longo discurso. Lembrou o nascimento de Guillen em 1902; o assassinato político de seu pai em 1917; o ofício de tipógrafo e jornalista, a passagem breve pela Faculdade de Direito, a militância política, as prisões, a solidariedade concreta à Espanha republicana, os primeiros poemas e sobretudo a publicação de «Songoro cosongo» — O atrevimento de fazer poesia com a «linguagem das vítimas da discriminação». A Nicolas Guillen — disse então Hart — «corresponde o mérito de ter elevado a síntese cultural euro-africana, que germinou em Cuba e no Caribe, ao mais alto nível artístico. Este facto, por si só — e não é o único — coloca-o entre as figuras de maior relevo da cultura universal».

O ritmo, a musicalidade, a força expressiva, a profunda raiz popular, a ligação indestrutível entre a Arte e a Revolução, de tudo isto falava Armando Hart perante a figura comovente e simples do velho poeta. Depois foi o longo abraço de Fidel e a «Ordem Martí».

«O grande poema»

Antes de dizer o seu maravilhoso poema «tengo», Nicolas proferiu algumas palavras. «Em Cuba temos grandes poemas, alguns dos quais ultrapassaram as nossas fronteiras. Poemas lavrados na vida e que são testemunhos inexoráveis do progresso humano. A Reforma Agrária, por exemplo, é um dos maiores poemas da nossa história; a alfabetização popular, a universalização do ensino, a nacionalização dos bens possuídos por mãos indevidas — são também poemas de valor ilimitado. E todos eles constituem o grande poema que é a Revolução Cubana, a revolução que Fidel soube tornar vitoriosa.»

«O meu, vou dizê-lo:

TENGO

Quando me veo y toco
yo, Juan sin Nada no más ayer,
y hoy Juan con Todo,
y hoy con todo,
vulevo los ojos, miro,
me veo y toco
y me pregunto cómo ha podido ser.

Tengo, vamos a ver,
tengo el gusto de andar por mi país,
dueño de cuanto hay en él,
mirando bien de cerca lo que antes
no tuve ni podía tener.

Zafra puedo decir,
monte puedo decir,
ciudad puedo decir,
ejército decir,
ya míos para siempre y tuyos, nuestros,
y un ancho resplandor
de rayo, estrella, flor

Tengo, vamos a ver,
tengo el gusto de ir
yo, campesino, obrero, gente simple,
tengo el gusto de ir
(es un ejemplo)
a um banco y hablar con ele administrador,
no en inglés,
no en señor,
sino decirle compañero como se dice em español.

Tengo, vamos a ver,
que siendo um negro
nadie me puede detener
a la puerta de um dancing o de un bar.
O bien en la carpeta de um hotel
gritarme que no hay pieza,
una mínima pieza y no una pieza colosal,
una pequeña pieza donde yo pueda descansar.

Tengo, vamos a ver,
que no hay guardia rural
que me agarre y me encierre en un cuartel,
ni me arranque y me arroje de mi tierra
al medio del camino real.
Tengo que como tengo la tierra tengo el mar,
no country,
no jalláif,
no tenis y no yacht,
sino de playa en playa e ola en ola,
gigante azul abierto democrático:
en fin, el mar.

Tengo, vamos a ver,
que ya aprendí a leer,
a contar,
tengo que ya aprendí a escribir
y a pensar
y a reír.

Tengo que ya tengo
donde trabajar
y ganar
lo que me tengo me comer.
Tengo, vamos a ver,
tengo lo que tenía que tener.

As Letras em dia

Continuação da pág. 3

o mesmo departamento do GR dos Açores nos termos do qual os livros editados no arquipélago por conta oficial passam a ser distribuídos no continente pelos serviços daquela editora.

DEZ TÍTULOS de outros tantos poetas — nada menos — tem anunciados a Regra do Jogo para fazer sair proximamente na sua colecção in-verso. Sete são originais portugueses, e três traduções do estrangeiro. Nos autores portugueses estão nomes conhecidos como João Miguel Fernandes Jorge, António Osório, Ruy Cinatti, Fernando Assis Pacheco, Nuno Júdice, e nem tanto, como Fátima Maldonado (com um livro de estrela publicado aqui há um ano «Cidades Indefesas») e Gil Nozes de Carvalho (de que não há, que ocorra, qualquer referência). Os poetas estrangeiros são D. H. Lawrence, Philip Larkin e Carlo Vittorio Cattaneo.

OS SULCOS LEVES, de Carlos Marques Queirós e José Carlos Soares é o título mais recente da colecção Exercícios de Dizer, do Porto. Trata-se dum livro a dois, e não na acepção mais corrente de volume reunindo dois livros num só. Os autores estão aqui identificados com as peças que escreveram, mas somente no índice. Uma variante que não será talvez original — mas anota-se. Carlos Marques Queirós e José Carlos Soares — julga-se saber que é o primeiro livro que publicam, embora nos lembre que o segundo já apareceu, antes, pelo menos num número da série «Viola Delta». O registador também não se esquece do que o mesmo nome andou, aqui há uns dez anos, pelas páginas do suplemento «Juvenil», deste DL.

VICENTE CAMPINAS, no próximo sábado, pelas 16 horas, na Codilliro (Praça Nuno Pinheiro Torres, 2-A, Lisboa), procede ao lançamento de

mais um livro da sua autoria: «Vigilância, camaradas».

EXPLICAÇÃO DOS PASSAROS é o título do próximo romance de António Lobo Antunes, a publicar brevemente. Val editá-lo a Vega, à semelhança do que se passou com três livros do autor até agora publicados: «A Memória de Elefante», «Os Cus de Judas», e «Conhecimento do Inferno».

O RELATÓRIO DE BORDIE, de Jorge Luís Borges, foi lançado em tradução portuguesa pela Bertrand. Traduziu António Alçada Baptista. O tradutor escreveu um prefácio de propósito para a edição portuguesa.

QUEBRA-NOZ, o número 4 nas livrarias. A semelhança dos números anteriores, é o que (à falta de melhor designação) se pode dizer um livro colectivo, desta vez reunindo peças assinadas por nomes como Pedro Monteiro, Manuel Resende, António das Neves, António Faria, Leopoldino Serrão, Artur A. F. Moreira, João Ulisses, António Rebordão Navarro, Laureano Silveira, Luís Fernando Emediato. Há ainda cremos que pseudónimos como Degue-nall, Corbe, e um Stephen Synchronus. Uma cinta chama a atenção para que o volume inclui dois capítulos do romance inédito (certamente à procura ou à espera de editor) de Leopoldino Serrão, «Mulher e Mar com Ementa Chinesa», menção honrosa do Prémio Revelação de Ficção da APE em 1980. Mas há mais, e não pouca coisa, entre poemas em verso e trabalhos de escrita em prosa, além de ilustrações. São 130 páginas. «Quebra-NOZ» — que começou a publicar-se aqui há uns três anos a policopiador —, passa por «publicação não periódica». Da ficha técnica constam os nomes de João Gesta e Luís Duarte como coordenadores, e os de António Faria, Carlos França, João Gesta, Leopoldino Serrão, Luís Duarte e Regina Guimarães como constituindo o conselho de leitura. O endereço, para eventual interesse do leitor: Apartado 471, 4008 Porto Codex.

